

OCTÁVIO PATO, CANDIDATO DO PCP CONTRIBUIR PARA A CONSOLIDAÇÃO ESTABILIDADE E PROSSEGUIMENTO DO NOSSO PROCESSO DEMOCRÁTICO — PRIMEIRO OBJECTIVO DA CANDIDATURA COMUNISTA

No início da conferência de Imprensa realizada anteontem, em que foi anunciada a apresentação do camarada Octávio Pato como candidato comunista às eleições para a Presidência da República, o secretário-geral do PCP, camarada Álvaro Cunhal, leu a seguinte declaração acerca das eleições presidenciais:

1. O Partido Comunista Português considera que as eleições para a Presidência da República constituem mais um importante acontecimento na institucionalização da democracia portuguesa nos termos da Constituição.

O povo português está interessado em que as eleições sejam um novo e positivo passo para a defesa das liberdades e das outras conquistas alcançadas desde 25 de Abril de 1974, designadamente as nacionalizações, a Reforma Agrária e o controlo operário.

Nas condições existentes em Portugal e tendo em conta as transformações verificadas nas estruturas económicas, a democracia só poderá

ser defendida, consolidada e construída no caminho do socialismo.

2. As posições e decisões do PCP em relação às eleições para a Presidência da República são determinadas por quatro grandes objectivos da acção política do Partido no momento actual:

- Contribuir para a consolidação, estabilidade e prosseguimento do processo democrático;
- Impedir a renovação duma Santa Aliança anticomunista e contribuir para a unidade da classe operária e das massas populares e para a aproximação das forças democráticas, designadamente de comunistas e socialistas;
- Contribuir para a continuação da aliança do povo com as Forças Armadas e para a unidade das Forças Armadas, na base dos princípios libertadores do 25 de Abril e da aplicação e defesa da Constituição;
- Criar condições que facilitem a concretização da vontade popular expressa nas

últimas eleições, ou seja, a criação duma maioria de esquerda na Assembleia da República e a criação dum Governo de esquerda com participação comunista.

Não só na definição das suas posições, como na propaganda e em toda a sua actividade prática, o PCP terá sempre em vista a importância decisiva destes objectivos.

3. O PCP sublinhou com insistência a vantagem de ser militar o Presidente da República dado que este é nos termos da Constituição, o Presidente do Conselho da Revolução e Chefe das Forças Armadas. O PCP não modificou esse seu ponto de vista.

Entretanto ante a perspectiva de se apresentarem como candidatos vários militares que desempenham presentemente altos cargos, dada a complexidade da situação e a falta de clareza que as posições de partidos reaccionários introduzem no processo, o CC do PCP resolveu não apoiar, no actual momento, qualquer candidatura

militar, sem prejuízo do apoio que possa vir a dar a um militar que venha a ser eleito Presidente da República.

4. Examinando todos os aspectos que revestem as próximas eleições presidenciais, o CC do PCP considerou a necessidade de marcar uma posição autónoma e independente que lhe permita ante o povo português defender a sua política, indicar as soluções que tem por necessárias para os problemas nacionais e contribuir para a consolidação, prosseguimento e construção do regime democrático.

Em consequência das considerações feitas, o Comité Central do Partido Comunista Português resolveu promover a apresentação de um candidato comunista e designou para esse efeito o camarada Octávio Pato, membro da Comissão Política e do Secretariado do Comité Central do Partido.

5. A apresentação da candidatura e o desenvolvimento da campanha seguirão de agora em diante os trâmites e processos previstos na Lei.

UMA VIDA DE COMBATE

O camarada Octávio Floriano Rodrigues Pato nasceu em Vila Franca de Xira, em 1925, tendo começado a trabalhar aos 14 anos de idade na indústria do calçado e como empregado de comércio.

Iniciou a sua actividade revolucionária aos 15 anos, na Federação da Juventude Comunista Portuguesa. Ingressou no Partido Comunista Português aos 16 anos. Após a reorganização de 1940/41 fez parte do Comité Local de Vila Franca de Xira e do Comité Regional do Baixo Ribatejo. Colaborou activamente em várias colectividades de recreio e desportivas, exercendo em algumas delas cargos directivos. Na região de Vila Franca teve participação activa na preparação, organização e desencadeamento das grandes greves de 8 e 9 de Maio de 1944, que abrangeram todo o Baixo Ribatejo, a região de Lisboa e Loures.

essa actividade. Numa situação de semiclandestinidadade, usando o nome de Octávio Rodrigues, foi um dos fundadores e dirigentes do MUD Juvenil (Movimento de Unidade Democrática Juvenil).

Em 1947 volta à mais rigorosa clandestinidadade. Continuou a trabalhar no sector das organizações da juventude e foi chamado à Direcção da Organização Regional de Lisboa do PCP. Em 1949 entrou para o Comité Central do Partido, como membro suplente e em 1952, já como membro efectivo, foi designado para o Secretariado do Comité Central. Como membro do CC do Partido trabalhou nas direcções das organizações regionais de Lisboa, do Norte e do Sul, bem como na redacção do «Avante!», tendo sido também responsável pelo controlo das suas tipografias clandestinas centrais.

lida num calabouço do Tribunal da Boa-Hora. Condenado a 8 anos e meio de prisão, indefinidamente prorrogáveis por «medidas de segurança», foi libertado em 1970 após um grande movimento de solidariedade.

Retomando as tarefas que tinha a seu cargo no Partido, voltou pouco depois à situação de clandestinidadade.

No 25 de Abril era membro do Secretariado e da Comissão Executiva do Comité Central do PCP, tendo a seu cargo, entre outras tarefas, a responsabilidade pela redacção do «Avante!».

O camarada Octávio Pato representou o Partido Comunista Português em diversos encontros com partidos irmãos e encabeçou a delegação do PCP na Conferência Internacional de 1950, em Moscovo.

Actualmente, Octávio Pato é membro da Comissão Política e do



GRANDE ÊXITO DA JORNADA DE SOLIDARIEDADE COM OS POVOS EM LUTA NA AMÉRICA LATINA

O grandioso e vibrante comício realizado no sábado, no Campo Pequeno, constituiu o ponto culminante da Jornada de Solidariedade com os povos da América Latina em luta contra a opressão, pela paz, pelo progresso e pela independência. Esta jornada, que foi promovida pelo PCP, prolongou-se durante cinco dias, cinco dias que se, por um lado, demonstraram a fidelidade dos comunistas portugueses aos altos princípios do internacionalismo proletário, por outro lado revelaram também a solidariedade dos partidos irmãos e dos povos em luta na América Latina para com os comunistas e o povo português, para com a Revolução portuguesa.

Tivemos entre nós Rodney Arismendi, primeiro-secretário do PC do Uruguai, Luiz Carlos

Prestes, secretário-geral do PC Brasileiro e Samuel Riquelme, membro do Comité Central do PC do Chile. Carlos Altamirano, secretário-geral do Partido Socialista do Chile também aceitou o nosso convite, mas não pôde estar presente.

A Jornada de Solidariedade foi um êxito. A classe operária e os trabalhadores portugueses, assim como o seu partido de vanguarda, o PCP, souberam estar à altura das responsabilidades que lhes cabem enquanto participantes activos do imparável movimento internacional contra o fascismo, contra o imperialismo, pela instauração de uma sociedade em que seja abolida a exploração do homem pelo homem. Do que foi esta jornada damos, nas páginas interiores, um relato circunstanciado.



Os camaradas Álvaro Cunhal e Octávio Pato num intervalo durante as sessões de trabalho da Conferência Nacional do PCP, realizada antes das eleições legislativas

Em 1945, perante as ameaças repressivas do fascismo, é obrigado a passar à clandestinidadade, ficando a dirigir organizações juvenis e estudantis do Partido. Em 1946, tendo em vista a necessidade de impulsionar a criação dum grande movimento unitário de massas da juventude, a direcção do Partido destaca-o para

Em Dezembro de 1961 foi preso pela PIDE. Barbaramente espancado e torturado (impedido de dormir durante 18 dias e noites seguidas e 4 meses incommunicável), recusou-se a responder a qualquer pergunta. No próprio Tribunal Pleno de Lisboa foi espancado, pela firme defesa política que fez. A sentença foi-lhe

Secretariado do Comité Central do Partido Comunista Português. Foi deputado à Assembleia Constituinte e responsável pelo Grupo de Deputados do PCP.

Nas recentes eleições para a Assembleia da República o nosso camarada foi eleito deputado pelo círculo de Santarém.

IX CONGRESSO DO PSUA
Crónica de RUBEN DE CARVALHO
enviado especial do «Avante!», na pág. 12

Editorial

UMA CANDIDATURA PARA SERVIR O PROCESSO DEMOCRÁTICO

Por decisão do Comité Central do PCP na sua reunião de domingo último, uma candidatura comunista às eleições para a Presidência da República — a de Octávio Pato — acaba de ser publicamente anunciada.

Através dela, como vanguarda organizada da classe operária e grande partido democrático, o PCP participará na campanha para as eleições presidenciais na mesma linha de intervenção política que assumiu na última campanha para a eleição de deputados à Assembleia da República.

A primeira eleição de um Presidente da República depois do movimento vitorioso dos capitães de Abril não é um acto isolado e muito menos secundário no longo e difícil processo de institucionalização da democracia portuguesa.

Trata-se de um novo e importante combate numa grande batalha política, ainda não decidida, que se iniciou com a aprovação e promulgação da Lei fundamental do País — a Constituição — e terminará com as eleições dos órgãos de poder local ainda este ano ou nos começos do próximo.

Esta importante batalha opõe entre si, no terreno da revolução portuguesa, as forças da democracia e do processo económico e social e as da reacção e do retrocesso.

É o terceiro combate pela institucionalização do Estado democrático português.

Os dois anteriores saldaram-se pela derrota das forças da reacção.

No primeiro, o da Constituição Política, apesar dos esforços do PPD e do CDS para fazerem da Lei fundamental do País um documento amorfo, sem substância revolucionária; apesar das tentativas, principalmente do PPD, para impor a curto prazo a revisão constitucional; apesar ainda de, no último dia, o CDS ter votado contra a aprovação da Constituição, as forças progressistas representadas na Assembleia Constituinte conseguiram infligir uma séria derrota aos partidos da direita.

No segundo combate — as eleições de deputados para a Assembleia da República — os resultados constituíram igualmente um pesado revés para as forças da reacção.

A direita reacção, cujos braços clandestinos e terroristas são o ELP e o MDLP, mas que legalmente se inserem no «jogo democrático» sob os nomes de PPD e CDS com os seus apêndices «aristocráticos» PDC e PPMe os seus outros «proletários» MRPP, AOCePC de P (m-l), a direita reacção, dizíamos, cifrou muito dos seus planos de hegemonia política numa vitória nas eleições de Abril.

Arrogantes, os dirigentes do PPD e do CDS, Sá Carneiro e Freitas do Amaral, eram peremptórios: tinham a vitória no papo!

Quem ouviu antes Freitas do Amaral afirmar com toda a segurança que o CDS ia ganhar as eleições e ele próprio formar governo, correndo com os comunistas; quem assistiu na Fundação Gulbenkian à transição do dr. Sá Carneiro de delirante vencedor a triste vencido, à medida que a verdade dos resultados se tornava conhecida, sabe que a derrota — e uma derrota tão expressiva — não entrava nos cálculos da direita reacção.

Mas foi isso mesmo que colheram — a derrota. Os resultados eleitorais vieram confirmar a correcta avaliação de forças feita pelo PCP e permitiram alcançar os dois grandes objectivos das forças democráticas mais consequentes: impedir a formação de uma maioria PPD/CDS e garantir as condições para a formação de uma maioria de esquerda e de um governo de esquerda com o PCP.

Estes dois objectivos não agradam nem convêm, como é óbvio, à direita reacção.

As forças da reacção jogam por isso em duas direcções. Por um lado, provocam a desestabilização política, económica e social. As bombas do ELP e do MDLP logo após as eleições e as tentativas de provocar uma crise governamental por parte do PPD, têm claramente esse objectivo.

Por outro lado, um rápido reajustamento às novas condições do «jogo democrático» pelo PPD e o CDS mostra que a direita reacção não desiste, por essa via também, de impor a sua hegemonia no processo político português.

Na questão das candidaturas à Presidência da República, o PPD e o CDS e todos os seus apêndices, manobram activamente para transformarem em vitória a derrota sofrida nas eleições de Abril.

Os portugueses democratas, os militares progressistas, todos os antifascistas portugueses, têm o dever de se formular a si próprios algumas perguntas e encontrar para elas as respostas adequadas. Por exemplo:

— Porquê o PPD, que antes parecia jogar numa outra candidatura claramente de direita, toma de súbito a iniciativa de apoiar um outro candidato logo que são conhecidos os resultados eleitorais?

— Porquê o CDS, que votou contra a Constituição e apoiava claramente a candidatura de Galvão de Melo — o da moça — faz agora malabarismos sobre a «democracia» e se junta ao PPD no apoio a um outro candidato?

— Porquê o PS, que continua a repelir a aliança com o PCP e diz não querer aliar-se com o PPD e o CDS, os aceita como parceiros numa nova campanha eleitoral que deveria e poderia ter tido outro carácter?

A resposta a estas perguntas ajudará a compreender porquê o PCP decidiu apresentar uma candidatura independente depois de ter sublinhado com insistência a vantagem de ser militar o Presidente da República — um militar integrado no espírito libertador do 25 de Abril que unificasse à sua volta as tendências progressistas das Forças Armadas —, ponto de vista que ainda hoje mantêm.

«Entretanto — diz-se na declaração do PCP sobre as eleições presidenciais — ante a perspectiva de se apresentarem como candidatos vários militares que desempenham presentemente altos cargos, dada a complexidade da situação e a falta de clareza que as posições de partidos reacçãoários introduzem no processo, o CC do PCP resolveu não apoiar, no actual momento, qualquer candidato militar, sem prejuízo do

apoio que possa vir a dar a um militar que venha a ser eleito Presidente da República.»

A apresentação da candidatura de Octávio Pato tem assim por objectivo afirmar e defender uma política. Com a apresentação duma candidatura independente o PCP tem em vista contribuir para a consolidação, estabilidade e prosseguimento do processo democrático que só pode ter por objectivo o Socialismo.

Contrariamente aos esforços dos que querem isolar e segregar o grande Partido da classe operária, que é o PCP, os comunistas trabalharão incansavelmente para impedir a renovação de uma «Santa Aliança» anticomunista; para fortalecer a unidade da classe operária e das massas populares; para aproximar as forças democráticas, designadamente de comunistas e socialistas; para assegurar a continuação da aliança do povo com as Forças Armadas e a unidade destas Forças na base dos princípios libertadores do 25 de Abril e da aplicação e defesa da Constituição; para criar as condições políticas correspondentes ao voto popular em Abril último no sentido da formação de uma maioria de esquerda na Assembleia da República e de um governo de esquerda com o PCP.

A candidatura de Octávio Pato, um patriota e um comunista cuja vida inteira foi consagrada à causa dos trabalhadores e à luta do povo português contra a exploração e a opressão, é uma garantia de que a política do PCP continuará dirigida para a defesa das liberdades e das outras conquistas alcançadas desde 25 de Abril de 1974, designadamente, as nacionalizações, a Reforma Agrária e o controlo operário.

Na prática desta política o PCP não recebe o isolamento. «Só há perigo de isolamento — disse Octávio Pato no momento da sua apresentação como candidato — para aqueles que não sabem ou não são capazes de ter em conta os interesses das largas massas do povo português.»

Karl Marx

a doutrina de marx é onnipotente porque é justa

lénine

à venda

EM TODAS AS LIVRARIAS

Pedidos a CDL Central Distribuidora Livreira

CADERNOS DE INICIAÇÃO AO MARXISMO LENINISMO

10

KARL MARX

PEQUENA BIOGRAFIA

Evgúenia Stepanova

SAMORA MACHEL NA URSS

“Os países socialistas constituem a barreira fundamental contra o imperialismo”

Durante o banquete oferecido em Moscovo à delegação moçambicana, que visitou a União Soviética, Samora Machel, presidente da República Popular de Moçambique, usando da palavra afirmou, a dado passo:

“As relações entre nós, entre a FRELIMO e o Partido Comunista da União Soviética, foram forjadas e temperadas nas horas difíceis da guerra popular de libertação, nas horas em que éramos um povo humilhado, de uma pátria negada. As relações entre a FRELIMO e o Partido Comunista da União Soviética estabeleceram-se e desenvolveram-se a partir do engajamento comum no combate contra o colonialismo, o neocolonialismo e o imperialismo, no combate secular pela liberdade do homem e pela independência das nações. Foi esta a base sobre a qual cada um de nós soube definir o outro como seu aliado e estabelecer sólidas relações de amizade militante. Estabelecemos as nossas relações num momento em que muitos duvidavam ou negavam até a possibilidade da vitória.

O Partido Comunista da União Soviética, guiado pelos princípios do internacionalismo proletário, soube mobilizar o povo soviético para aceitar os sacrifícios que exigia a solidariedade para com a causa do povo moçambicano e outros povos e classes oprimidos.

A FRELIMO, o povo moçambicano, apreciam altamente o apoio consequente e desinteressado, saúdam altamente a atitude exemplar e internacionalista da União Soviética para com a luta de libertação do povo moçambicano. A contribuição material da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e dos outros países socialistas, constitui um factor importante da nossa vitória.

Gostaríamos de dizer, no entanto, que o apoio material, embora um factor importante, não constitui o aspecto principal da contribuição dos países socialistas. É a própria existência dos países socialistas, é a existência de uma vasta zona da humanidade que é livre e constitui a retaguarda estratégica da luta dos povos e classes oprimidas que representam o aspecto principal do apoio dos países socialistas. Os países socialistas constituem a barreira fundamental contra o imperialismo e representam, no plano internacional, o factor decisivo que permite a vitória da luta revolucionária, a vitória do combate dos operários e camponeses nos países ainda dominados.

Depois de se referir ao mérito histórico do povo soviético, que defendeu e consolidou “a primeira zona libertada da humanidade”, o chefe do Estado moçambicano lembrou a figura imortal de Lénine, “o militante internacionalista que soube compreender a verdadeira essência do imperialismo e estabelecer as bases teóricas da aliança histórica e da identidade profunda entre a luta do proletariado dos países industriais e a luta das massas exploradas dos países colonizados”.

Após ter caracterizado a estratégia actual do imperialismo, Samora Machel referiu-se ao desmoronamento do sistema colonial-fascista português e acrescentou:

“Esta é a primeira visita oficial de partido e Estado que efectuamos após a proclamação da independência da nossa pátria. Queremos transmitir ao povo soviético, ao seu governo

e ao Partido Comunista da União Soviética os sentimentos fraternais do povo moçambicano. Queremos dizer ao povo soviético que os sacrifícios que consentiu para apoiar o nosso combate frutificaram com a nossa vitória, que é comum.

“Queremos, com os camaradas da direcção do Partido Comunista da União Soviética e do Estado Soviético, estudar como consolidar e desenvolver as relações entre os nossos partidos e povos, como estender a cooperação existente entre os partidos e povos às relações entre os nossos Estados.

“Queremos edificar entre a República Popular de Moçambique e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas uma relação exemplar. Relação essa fundada na aliança natural que nos une, aliança entre irmãos de uma mesma classe, aliança ideológica de combatentes da mesma causa. Uma relação fundada, ainda, nos princípios de igualdade e não ingerência nos assuntos internos. Esta é uma relação de ajuda mútua e cooperação, em que cada uma das partes está consciente que o sucesso da outra é o seu próprio progresso e a sua consolidação.

“Foram estes princípios que regeram as relações entre as nossas organizações e permitiram construir laços sólidos de amizade revolucionária que existem entre a FRELIMO e o Partido Comunista da União Soviética, entre o povo moçambicano e o povo soviético.

“A todos convido a juntarem-se a mim num brinde: “A saúde dos estimados camaradas responsáveis do Partido Comunista da União Soviética e do Estado Soviético;

“Ao reforço das relações fraternais e revolucionárias entre a FRELIMO e o Partido Comunista da União Soviética, entre a República Popular de Moçambique e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, entre o povo moçambicano e o povo soviético;

“As novas vitórias do povo soviético;

“A vitória da Revolução;

“A luta continua!”

LATINAMERICA

Uma nova colecção da Livraria Bertrand que apresentará os grandes nomes da moderna literatura LATINO-AMERICANA.

ANTÔNIO CALLADO
Bar Don Juan

Microcosmo da chamada esquerda festiva. A viagem de Março de 64. Bar Don Juan. Pato de fundo da nova realidade brasileira — misto de angústia e inquietação e, apesar de tudo, esperança.

IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO
Zero

Livro vigoroso, cruelmente triste, contestatário. Zero. Cidade fantástica, macabra e paradoxal, cidade da América Latina, no nosso planeta.

JOSÉ J. VEIGA
Sombras de Reis Barbudos

Apólogo, fabulário ou parábola. Não, importa as classificações: desta extraordinária peça camélica, narrativa fantástica de uma terrível história do nosso tempo.

edições **B Livraria Bertrand** Apartado 37 AMADORA

A PARTIR DE AGORA TAMBÉM PARA SI

A ECONOMIA NÃO SERÁ DIFÍCIL!

ELEMENTOS FUNDAMENTAIS DO COMUNISMO CIENTÍFICO

LEV LEONTIEV

CURSO ELEMENTAR DE ECONOMIA POLITICA

UM CURSO EM 2 VOLUMES À VENDA NAS BOAS LIVRARIAS

Pedidos a: CDL - Central Distribuidora Livreira Av. Sereno Dumont, 27/c - Lisboa 1

edições **Avante!**

POR UMA CONSTITUIÇÃO REVOLUCIONÁRIA

CADERNOS DO PCP

10

A proposta do PCP para uma Constituição dum país cujo povo quer construir o socialismo.

15500

AS COOPERATIVAS DE PRODUÇÃO NA EDIFICAÇÃO DO SOCIALISMO NA URSS

Grigori Kuznetsov

Karl Marx

edições **Avante!**

CADERNOS DE INICIAÇÃO AO MARXISMO LENINISMO

10

Visite na Livraria Bertrand, Rua Garrett, 73, uma exposição fotográfica e documental sobre a realidade latino-americana a propósito do lançamento da colecção Latínamerica

O PARTIDO APRESENTA O SEU CANDIDATO ÀS ELEIÇÕES PARA A PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

Nos grandes objectivos da candidatura do PCP estão os anseios mais profundos e os interesses mais legítimos de todo o povo português

O camarada Octávio Pato, membro do Secretariado e da Comissão Política do Comité Central do Partido Comunista Português, foi designado candidato à Presidência da República. A decisão foi anunciada pelo secretário-geral do Partido, camarada Álvaro Cunhal, numa conferência de imprensa promovida para o efeito, no Centro de Trabalho da Avenida da Liberdade, na tarde da última terça-feira. O candidato do PCP, respondendo aos jornalistas nacionais e estrangeiros que enchiam por completo a sala, onde figurava com destaque a palavra de ordem «Candidatura do PCP — Contribuição Positiva para uma Política de Esquerda», reafirmou os firmes propósitos do nosso Partido de continuar «a contribuir para a unidade das Forças Armadas e do Povo e para a própria unidade das Forças Armadas».

Em resposta a uma pergunta sobre a participação de militares no futuro governo, o camarada Octávio Pato acrescentou: «os homens que fizeram o 25 de Abril foram não só uma força indispensável para o derrubamento do fascismo e para a conquista das liberdades democráticas, como continuarão a ser uma força indispensável à consolidação desse mesmo processo e à estabilização da vida democrática portuguesa».

O camarada Álvaro Cunhal deu início à conferência com a leitura de uma declaração do Partido sobre as eleições presidenciais. A seu lado, sentavam-se membros do Secretariado e da Comissão Política do Comité Central, camaradas Sérgio Vilarigues, Octávio Pato e Carlos Costa. Da mesa fazia parte também o camarada Aurélio Santos, membro suplente do Comité Central. Saudada com uma prolongada e calorosa salva de palmas, a decisão de apresentar um candidato comunista foi antecedida de várias considerações do Partido.

Foi acentuado, nomeadamente, que «nas condições existentes em Portugal e tendo em conta as transformações verificadas nas estruturas económicas, a democracia só poderá ser defendida, consolidada e construída no caminho do socialismo». Foi ainda reafirmado pelo camarada Álvaro Cunhal que o PCP não modificou o ponto de vista segundo o qual há toda a vantagem em o futuro Presidente da República ser militar, mas «dada a complexidade da situação e a falta de clareza que as posições de partidos reaccionários introduzem no processo, o CC do PCP resolveu não apoiar, no actual

momento, qualquer candidatura militar, sem prejuízo do apoio que possa vir a dar a um militar que venha a ser eleito Presidente da República».

O camarada Octávio Pato, numa curta intervenção que precedeu as perguntas dos jornalistas, às quais foi o único

feito pelo sr. almirante Pinheiro de Azevedo, no sentido de que o que conta é a pessoa e não propriamente o programa eleitoral, o programa de governo, eu não posso discutir essas afirmações, na medida em que não as conheço. Todavia, considerando a pergunta, tal

Português, não existem quaisquer ideias quanto à mudança do secretário-geral».

PARA CALUNIAR E DENEGRIR

Mais adiante e respondendo a uma pergunta de um camarada

consolidação desse mesmo processo e da estabilização da vida democrática portuguesa», o camarada Octávio Pato acrescentou:

«Tal como se afirma na declaração que acabou de ser lida pelo meu camarada Álvaro Cunhal, nós tudo faremos para contribuir para a unidade das

que seriam, ao fim e ao cabo, os beneficiários do voto branco ou nulo das classes trabalhadoras. A actividade fundamental desses agrupamentos, ontem e hoje, continua orientada contra o interesse das classes trabalhadoras, contra os objectivos fundamentais do

respondeu — isso significa que não se teve em conta o resultado das últimas eleições».

Ainda em resposta a uma pergunta o camarada acrescentou:

«É evidente que, por parte da reacção, existe um objectivo constante de tentar isolá-los. Mas só há o perigo de isolamento para aqueles que não são capazes de interpretar os interesses e o sentimento das largas massas do povo português. Políticos, que ainda há bem pouco tempo, talvez há dois meses, vaticinavam o isolamento do Partido Comunista Português e até prognosticavam que o Partido Comunista estava lançado no caixote do lixo da História e que não teria mais de 4, 5 ou 6 por cento dos votos nas últimas eleições. Os resultados das eleições demonstraram que não era o Partido Comunista Português que se estava a isolar. Demonstraram, pelo contrário, que o Partido Comunista Português se fortaleceu e alargou a sua influência nas mais largas massas populares portuguesas. Por tudo isso, nós continuaremos a lutar pela formação prática, pela concretização de uma maioria de esquerda e pela formação de um governo de esquerda que realize uma política de esquerda, que corresponda aos mais amplos interesses das massas trabalhadoras e de outras camadas laboriosas do nosso país».

OBJECTIVOS UNITÁRIOS

Depois de se referir aos objectivos da candidatura apresentada pelo PCP, que constam da declaração por nós publicada integralmente noutro local deste número, o camarada Octávio Pato afirmou que «esses objectivos correspondem não apenas ao pensamento dos comunistas, mas também de homens e mulheres de muitos outros agrupamentos políticos e designadamente de muitos militantes do Partido Socialista, que desejam realmente a formação de um governo de esquerda e a

UM OBJECTIVO FALHADO

«Ao camarada Octávio Pato, foi levantada em seguida por um jornalista a hipótese de o PCP não ser chamado a fazer parte do governo pelo Presidente eleito. «É evidente que se tal suceder —

DIVISIONISMO E CONFUSÃO

«Como é do domínio público — acentuou — prevêem-se, efectivamente, várias candidaturas militares, nomeadamente, as de três candidatos militares. Já foram indicadas as razões por que o Partido Comunista Português considerou que não era possível apoiar qualquer dos presumíveis candidatos militares. Concretamente, quanto ao sr. major Otelo, eu direi, no que respeita às forças que me parecem estar a apoiar esta candidatura, que nós temos uma opinião bem definida. Ao contrário do que parece estar no pensamento do sr. jornalista, são forças de reduzida implantação popular e com uma fraca expressão eleitoral, como ficou bem demonstrado nas últimas eleições. Ao preconizarem e ao apoiarem essa candidatura, visam, sem dúvida alguma, objectivos nitidamente divisionistas, para tentarem mais uma vez semear a confusão entre as massas populares e muito especialmente entre os trabalhadores. A actuação da UDP, no último 1.º de Maio foi bem elucidativa. Esse agrupamento político e outros tentaram fazer uma manifestação em oposição à grande manifestação do Estádio 1.º de Maio. Essas forças pretendem servir-se do maior Otelo para de novo tentarem semear a confusão e a divisão e tentarem fazer renascer o verbalismo esquerdista, que tantos prejuízos tem causado ao processo democrático português. Por exemplo, o caso do PRP é elucidativo. Nas últimas eleições para a Assembleia Legislativa, esse minúsculo agrupamento preconizou o voto nulo ou branco. Podemos dizer que o povo português nem sequer ouviu tais apelos. Mas, se os tivesse ouvido, hoje estaria eleita uma Assembleia da República com uma maioria composta pelo CDS e o PPD,

jornalista do «Neues Deutschland», órgão central do PSUA (Partido Comunista da RDA) Octávio Pato, depois de lembrar que, para nós, o ml com que alguns grupelhos se autodenominam não significa marxistas-leninistas mas sim monopólios e latifúndios, afirmou:

«Quanto às posições da AOC e do PC de P (ML) direi que se trata de formações minúsculas, sem qualquer representatividade, sem qualquer implantação nas massas populares. Nas últimas eleições, agrupamentos deste género tiveram zero virgula qualquer coisa por cento de votos. Mas não que respeita à utilização da rádio e da televisão, eles tiveram exactamente o mesmo tempo de que dispôs o Partido Comunista Português, ou antes, dispuseram de muito mais, dispuseram do dobro, do triplo ou do quádruplo, precisamente porque esse conjunto de partidescos, cada um deles dispunha de dez minutos, enquanto o Partido Comunista Português, um grande Partido nacional, dispunha apenas de dez minutos. Os objectivos dessas forças, ao concorrerem às eleições para deputados, às eleições para a Legislativa, e agora às do Presidente da República, têm precisamente o objectivo de utilizarem o direito de antena que lhes é dado indevidamente. O mesmo objectivo, que sempre os orientou na última campanha eleitoral, é o de utilizar os direitos de antena na rádio e na televisão para lançarem as mais torpes calúnias, as maiores infâmias e insultos, tudo aquilo que possa denegrir o processo revolucionário português, a consolidação da democracia em Portugal e o próprio estabelecimento de relações de amizade e cooperação entre Portugal e todos os países, designadamente com os países socialistas e com aqueles povos de África que conquistaram recentemente a independência, designadamente Angola, Moçambique e Guiné-Bissau».

UMA FORÇA INDISPENSÁVEL

Após ter respondido a uma pergunta sobre a participação de militares no futuro governo e de ter afirmado «que os militares democratas, os homens que fizeram o 25 de Abril, foram não só uma força indispensável para o derrubamento do fascismo e para as conquistas das liberdades democráticas, como continuarão a ser uma força indispensável à

como foi aqui enunciada pelo sr. jornalista que a fez, eu penso que não se pode dissociar a pessoa do próprio programa».

HOMENS E PROGRAMAS

Depois de referir que o voto não deve ser apenas à volta de um homem, de uma personalidade, «mas em torno dos princípios e do programa que esse homem diz que irá defender», o camarada Octávio Pato sublinhou que «se contasse apenas o passado político de cada um dos candidatos, os anos que cada um deu à luta pelo derrubamento do fascismo e à luta pelas liberdades democráticas, se se fosse a ter isso em conta, eu diria que, nesse caso, o candidato do Partido Comunista Português já estava eleito».

«Relativamente ao futuro governo a formar após a eleição do Presidente da República, eu creio que é suficientemente conhecida a posição do meu Partido. Significa que, em nossa opinião, deve ser formado um governo que traduza o resultado das últimas eleições, um governo que concretize a maioria numérica de esquerda, pela qual o eleitorado votou, isto é, um governo de esquerda, com uma política de esquerda onde estejam os comunistas» — acrescentou o camarada Octávio Pato em resposta a um jornalista.

«Independente dos resultados das eleições para a Presidência da República — frisou — nós continuaremos a defender um governo de esquerda e a concretização da maioria de esquerda pela qual o eleitorado português votou nas últimas eleições. Em resposta directa à pergunta que foi feita, pois evidentemente, se fosse eu o Presidente da República, que essa seria a política do Partido Comunista Português, seria a formação de um governo de esquerda, com a participação de socialistas, de comunistas e de outros homens interessados no processo democrático, e na consolidação do processo democrático, na defesa da Constituição, na defesa das conquistas fundamentais do processo revolucionário português».

A um jornalista que quis saber se o facto de Octávio Pato ter sido escolhido para candidato envolve a ideia de que, no próximo Congresso do PCP, seja ele também a ser designado para secretário-geral do Partido, o camarada afirmou que «no meu Partido, no Comité Central do Partido Comunista



elemento da mesa a responder, considerou a saudação com que foi acolhido o seu nome para candidato à Presidência da República como uma «manifestação de apoio à decisão do Comité Central» e acrescentou: «Aproveito a ocasião para dizer a todos os presentes e, através de vós, a todos os camaradas, a todos os militantes do Partido Comunista Português, a todos os portugueses democratas, que tenho a consciência das responsabilidades que assumo ao aceitar o encargo que o meu partido me deu. Permitam-me acrescentar que me esforçarei por corresponder aos objectivos que o meu Partido tem em vista ao apresentar a candidatura que foi aqui anunciada pelo camarada Álvaro Cunhal, secretário-geral do PCP».

Quanto à primeira pergunta formulada — prosseguiu Octávio Pato — relativamente às declarações que teriam sido

economia

EC

questões económicas e sociais

ESCOLA

a banca
ao serviço
do capital

a banca
ao serviço
do povo

para
uma nova
economia
rumo
ao
socialismo

a contratação colectiva
e a luta
dos trabalhadores

PROBLEMAS
DO
COMÉRCIO EXTERNO

CONDIÇÕES DE ASSINATURA POR 10 NÚMEROS

	Via Normal	Via Aérea
CONTINENTE EILHAS	200500	300500
ANGOLA, CABO VERDE, GUINÉ-BISSAU, MACAU, MOÇAMBIQUE, S. TOMÉ, TIMOR, BRASIL E ESPANHA	230500	300500
EUROPA	255500	330500
OUTROS PAÍSES	255500	520500

Pedidos a: **CDL** — Central Distribuidora Livreira

Av. Santos Dumont, 57-C — Lisboa-1

SEGUNDO ANIVERSÁRIO DO «AVANTE!» LEGAL

No segundo ano da revolução que pôs termo à ditadura fascista, o órgão oficial do Partido dos trabalhadores e da resistência antifascista — o nosso glorioso «Avante!» — comemora com orgulho o seu segundo aniversário de publicação legal.

Com efeito, a 17 de Maio de 1974, a menos de um mês dos cravos de Abril, surgiu o primeiro número do «Avante!» legal. Com a dignidade, experiência e autoridade conquistadas ao longo de quarenta e quatro anos de luta clandestina, o «Avante!» tomava o seu novo lugar na história do nosso povo. Mais de meio milhão de exemplares nesse dia publicados foram insuficientes para corresponder ao anseio dos portugueses que acorreram entusiasmadamente à procura da palavra impressa do Partido Comunista Português.

Agilizador, propagandista e organizador colectivo, porta-voz da orientação do Partido e valioso instrumento de combate dos comunistas e do povo na luta contra o fascismo, o «Avante!» clandestino soube sempre cumprir a missão que lhe fora confiada.

Derrubado que foi o regime ditatorial, aberto o caminho da construção da democracia rumo ao socialismo, o «Avante!» tem procurado desempenhar com êxito a pesada tarefa que lhe compete — ser

Avante!

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

O «AVANTE!» LEGAL!

«O «Avante!» legal nasceu no dia 17 de Maio de 1974, a menos de um mês dos cravos de Abril, surgiu o primeiro número do «Avante!» legal. Com a dignidade, experiência e autoridade conquistadas ao longo de quarenta e quatro anos de luta clandestina, o «Avante!» tomava o seu novo lugar na história do nosso povo. Mais de meio milhão de exemplares nesse dia publicados foram insuficientes para corresponder ao anseio dos portugueses que acorreram entusiasmadamente à procura da palavra impressa do Partido Comunista Português.



OS COMUNISTAS NO GOVERNO PROVISÓRIO

«O «Avante!» legal nasceu no dia 17 de Maio de 1974, a menos de um mês dos cravos de Abril, surgiu o primeiro número do «Avante!» legal. Com a dignidade, experiência e autoridade conquistadas ao longo de quarenta e quatro anos de luta clandestina, o «Avante!» tomava o seu novo lugar na história do nosso povo. Mais de meio milhão de exemplares nesse dia publicados foram insuficientes para corresponder ao anseio dos portugueses que acorreram entusiasmadamente à procura da palavra impressa do Partido Comunista Português.

«O «Avante!» legal nasceu no dia 17 de Maio de 1974, a menos de um mês dos cravos de Abril, surgiu o primeiro número do «Avante!» legal. Com a dignidade, experiência e autoridade conquistadas ao longo de quarenta e quatro anos de luta clandestina, o «Avante!» tomava o seu novo lugar na história do nosso povo. Mais de meio milhão de exemplares nesse dia publicados foram insuficientes para corresponder ao anseio dos portugueses que acorreram entusiasmadamente à procura da palavra impressa do Partido Comunista Português.

uma arma nas mãos de quantos se empenham em liquidar para sempre a exploração e a opressão. Ao assinalarmos esta data não podemos deixar de recordar quantos contribuíram com a sua dedicação e abnegação para que a palavra do Partido estivesse sempre presente na luta pela libertação do nosso povo, resgatando muitas vezes com a liberdade e algumas vezes com a própria vida a defesa do órgão central do Partido.

É no exemplo dos que ontem souberam ser dignos da responsabilidade de tornar o «Avante!» possível que nós, os que hoje temos a nosso cargo tal tarefa, colhemos a força da decisão inabalável de seguir em frente na luta pelos mesmos ideais.

Procurando em cada dia melhorar o nosso trabalho, contamos com a ajuda e o apoio dos trabalhadores e do povo em geral, certos que o nosso esforço conjunto será um precioso contributo na luta pela sociedade mais justa por que aspiramos, pela paz, pela independência, pelo socialismo.

FELICITAÇÕES AO PCP

Partidos irmãos congratulam-se com o êxito eleitoral do nosso Partido nas eleições para a Assembleia da República

Por motivo dos resultados obtidos nas eleições para a Assembleia da República, continuam a ser enviadas ao PCP mensagens de felicitações. Destacamos hoje as seguintes:

Saudação do Partido Comunista do Canadá ao Comité Central do PCP:

Tal como todos os canadianos de sentimentos progressistas, congratulamo-nos com os resultados das eleições recentemente realizadas em Portugal. Apesar dos esforços da reacção para isolar o vosso Partido, os seus resultados mostraram que é precisamente o PCP que tem a confiança crescente da classe operária e do povo trabalhador em Portugal.

Enviamo-vos as nossas calorosas e fraternais saudações e solidariedade com o vosso Partido no seu esforço para unir a esquerda e as forças democráticas para a aplicação da Constituição e a marcha em frente do povo português.

Do Comité Central do Partido Comunista da Grécia ao Comité Central do Partido Comunista Português:

O Comité Central do Partido Comunista da Grécia felicita calorosamente o Partido Comunista

Português pelos êxitos alcançados nas eleições parlamentares. O facto de as forças de esquerda terem conquistado a maioria mais uma vez testemunha que a classe operária e os trabalhadores de Portugal desenvolvem todos os esforços para o avanço da sua pátria pela via da prosperidade social, do progresso e do socialismo.

Do Comité Central do Partido do Progresso e do Socialismo (Marrocos) ao Comité Central do Partido Comunista Português:

...Com efeito, apesar das manobras da direita reacçãoária, das sequelas de 50 anos de fascismo e da atitude anticomunista da direcção de direita da social-democracia, o vosso Partido registou ganhos importantes em relação às eleições para a Assembleia da República.

Havéis, assim, provado que, apesar de todas as dificuldades e obstáculos, o povo português e particularmente a classe operária nas cidades e nos campos reconhece os verdadeiros defensores da sua causa.

Estamos certos que, confiante na consciência política das massas trabalhadoras portuguesas, o Partido Comunista Português continuará a ser o seu firme defensor face à reacção e ao oportunismo sob todas as formas.

PARASITISMO E INCOMPETÊNCIA NO «SÉCULO» REACCIONÁRIO DO PPD

Trabalhadores da empresa acusam os responsáveis

A situação em alguma Imprensa estatizada toma aspectos verdadeiramente escandalosos. É o caso da SNT (jornal *O Século* e outras publicações) onde, em Novembro do ano findo foi imposta aos trabalhadores uma administração PPD.

A situação de parasitismo e de crescente descalabro financeiro custa ao Estado milhares de contos por mês. A garantia de emprego é cada vez mais precária numa empresa com cerca de 800 trabalhadores. Os responsáveis por essa situação, cada dia mais grave, têm de ser publicamente denunciados pelo que está a suceder.

Sem a mínima garantia de pagamento, a administração PPD autorizou que uma coisa impressa com o nome de jornal, o «Luta Popular», pertença de um grupo neonazi MRPP, fosse confeccionada nas oficinas do «Século». E isso apesar de se saber que esse grupo ficaria a dever cerca de 600 contos à Gráfica Mirandela e mais 1500 contos ao estatizado «Jornal do Comércio».

As tiragens do «Século» descem vertiginosamente. A célula do nosso Partido na empresa afirma que o número de exemplares diários passou de 50/53 mil em Novembro passado (apesar do boicote interno e externo de que era alvo) para 30/33 mil ultimamente, com uma enorme percentagem de sobras, que deve atingir os 30 por cento em Lisboa.

A situação agrava-se ainda com a descida das receitas da publicidade e com o aumento injustificado das despesas que englobam, para além de outras, as feitas recentemente com o aluguer de mais duas viaturas, quando uma das existentes foi posta ao serviço particular e exclusivo (incluindo passeios de fim-de-semana) de um administrador membro do PPD. Perante uma política de gestão oportunista, reacçãoária e aberta ao parasitismo, os nossos camaradas de «O Século» perguntam: «que é feito da sindicância exigida pela maioria dos trabalhadores da empresa ainda antes do 25 de Novembro? Onde estão as reservas

financeiras da Colónia Balear? A que fim são destinadas as receitas da Feira Popular, que deviam apenas suportar a Colónia? Quantos meses e com quantas crianças vai funcionar este ano a Colónia?»

Os nossos camaradas, trabalhadores da SNT citam exemplos e pedem contas. Acham, com razão, que não basta calar a Informação progressista em troca de um «pluralismo» sem princípios que tenta vender gato por lebre e delapida o dinheiro do Estado, que é dinheiro do contribuinte, dinheiro dos trabalhadores, de todo o povo.

Não se podem permitir situações como a do «Século», numa situação democrática. Está-se a ver o que se pretendia quando se acusava o jornal de partidário. Sanear a esquerda e transformar o periódico numa coisa ligevel pela péssima qualidade do próprio jornalismo que aí hoje se pratica.

Já nem vale a pena determo-nos nas tiradas antidemocráticas e alarvemente reacçãoárias de «O Século», da «Vida Mundial» e de

outras publicações da SNT. Não vale a pena gastar cera com tão fraco defunto.

Mas outra coisa são os trabalhadores da empresa, cujo emprego tem de ser assegurado por uma gestão competente. Por isso, os nossos camaradas da célula do PCP na SNT «O Século» assinalam que «a única alternativa para a actual situação caótica e irregular na empresa é a unidade e organização de todos os trabalhadores, concretizada através da reconstituição de uma Comissão de Trabalhadores representativa, de uma comissão de controlo operário, capaz de fiscalizar a má gestão e o oportunismo, bem como de uma ampla discussão de tudo o que de irregular se passou e passa na SNT «O Século». Isto é tão possível e legalmente garantido pela actual Constituição democrática (artigos 55.º e 56.º) quanto indispensável para garantir, agora sim, a defesa do nosso direito ao trabalho e das conquistas por nós alcançadas desde o 25 de Abril.»

COOPERAÇÃO CULTURAL COM MOÇAMBIQUE

Aprofundada a cooperação a nível cultural com a República Popular de Moçambique depois da visita de uma delegação de editores progressistas portugueses

Correspondendo ao convite do Instituto Nacional do Livro e do Disco, de Moçambique, esteve no Maputo uma delegação portuguesa representando treze editoras progressistas, constituída, respectivamente, pelos responsáveis da Editorial «Avante!» e das publicações «Seara Nova», tendo sido acordado, no final, uma intensificação da cooperação cultural entre os dois países.

A cooperação cultural, visando uma troca de experiências entre os dois povos, já que a língua é comum, foi defendida por ambas as partes na medida em que actividades paralelas poderão ser suprimidas, com benefícios mútuos e fomentar uma maior aproximação pois segundo o Instituto Nacional do Livro e do Disco, este organismo entende ser oportuno, numa fase em que se estão a fazer notar problemas

causados por editores que sempre actuaram e continuam a actuar com propósitos colonialistas, estabelecer um estreitamento de relações com os editores portugueses que, pela identidade de princípios ideológicos e pela compreensão que demonstram pelo processo revolucionário decorrente em Moçambique, desejam colaborar na construção do novo país.

Manifestando um desejo estreito de cooperação cultural com Portugal, no encontro realizado foi estudada a possibilidade de ainda este ano se efectuar em Lisboa uma «Semana de Cultura Moçambicana», provavelmente na primeira semana de Outubro com o patrocínio da Associação de Amizade Portugal-Moçambique, o mesmo sucedendo no Maputo, também no mês de Outubro, durante o qual a Editorial «Avante!» patrocinaria uma «Semana de

Cultura Progressista Portuguesa». Definindo as linhas gerais desta realização, o representante da Editorial «Avante!» informou que nela participariam escritores, poetas, cantores e outras pessoas significativas da cultura progressista portuguesa, para além da divulgação de livros, «posters», e filmes sobre o processo político em Portugal.

Entretanto, nas conversações efectuadas, foi acordado que o conjunto das editoras progressistas portuguesas enviará para Moçambique, ainda durante o mês em curso, cerca de 20 mil livros.

Os acordos prevêem, igualmente, uma experiência nova, fruto da cooperação sincera que anima Moçambique em relação a todos os que respeitam a sua soberania. Deste modo, será efectuada a co-edição de livros de modo a evitar parte dos encargos de uma edição dupla de

publicações que tenham interesse para os dois países. Assim, haverá livros editados em Moçambique que serão distribuídos em Portugal e outros serão publicados aqui e remetidos para lá em regime de edição conjunta.

Igualmente importante é a parte dos acordos que contempla a distribuição entre nós de jornais e revistas moçambicanas, aliás já iniciadas através da Central Distribuidora Livreira.

A delegação portuguesa teve ainda um contacto com o Gabinete de Estudos do Ministério da Educação e Cultura de Moçambique, tendo sido encaradas possibilidades concretas de colaboração futura nomeadamente no sector de informação bibliográfica, apoio à criação de bibliotecas nas instituições de ensino, possibilidade imediata na edificação de textos de apoio ao ensino e troca de experiências.

TRABALHADORES EM LUTA NUMA EMPRESA DA COVILHÃ

Na Ramiro e Fazendeiro os patrões suspenderam, sem justificação, dois trabalhadores e expulsaram da empresa representantes sindicais. Apesar destes actos e das sucessivas provocações e chantagens, o Ministério do Trabalho e as autoridades não actuaram

A Comissão Concelhia da Covilhã do Partido Comunista Português divulgou recentemente um comunicado, onde alerta os trabalhadores para as manobras reacçãoárias e antidemocráticas do patronato tomando como exemplo os acontecimentos ocorridos na «Ramiro & Fazendeiro».

Depois do 25 de Abril de 1974, a classe operária e as massas trabalhadoras lançaram-se numa luta corajosa pela consagração, na prática, dos direitos e das conquistas democráticas. Com a promulgação do texto constitucional, os trabalhadores portugueses viram consignadas na Lei quase todas as conquistas revolucionárias alcançadas até à fase actual do processo democrático.

Antes das eleições, os partidos da direita reacçãoária (PPD-CDS-PDC-PPM, etc.), começaram a cantar vitórias, a proferir ameaças, a «explicar» o que fariam caso vencessem as eleições para a Assembleia da República. No entanto, apesar da acção terrorista de grupos de caceteiros a soldo da reacção mais negra e dos caciques, que não permitiram pela força da violência a concretização de eleições livres em certas localidades, as forças do passado e da opressão foram derrotadas. O nosso povo votou na Revolução, no socialismo e no progresso.

Com a derrota da direita e com a responsabilidade da formação de uma maioria de esquerda governamental, o patronato reacçãoário viu-se impedido de voltar a impor os métodos de exploração e repressão, utilizados durante 48 anos de feroz ditadura fascista.

Na «Ramiro & Fazendeiro», os patrões, cegos pelo ódio ao progresso social e desesperados por não terem alcançado os objectivos pretendidos, não tomam em conta que existem liberdades democráticas e que já nada pode deter a força unitária e organizada dos trabalhadores em prol da Revolução e da conquista da sociedade sem exploradores nem explorados.

Assim, o sr. Ramiro e o sr. Fazendeiro (os patrões) desencadearam uma série de ameaças, de insultos e de provocações contra um dos trabalhadores e suspenderam dois operários, procurando desta forma intimidar o pessoal da empresa.

UNIDADE OPERÁRIA CONTRA A REACÇÃO

Na nota divulgada pela Comissão Concelhia do nosso Partido, salienta-se a dado passo: «Os trabalhadores da Firma Ramiro & Fazendeiro paralisaram o trabalho no dia 3 para discutirem as formas de luta a encetar para a segunda-feira de Páscoa ser paga pela entidade patronal. O sr. Fazendeiro sócio gerente da firma declarou perante os trabalhadores que só pagaria o dia de segunda-feira se lhe apresentassem um documento que o obrigasse a pagar o dia, ao mesmo tempo que acusava alguns trabalhadores de agitadores.

«Para o sr. Fazendeiro, quando os operários reivindicam o que têm direito e que está no Contrato Colectivo de Trabalho, que ele também assinou, são agitadores ao serviço duma certa ideologia. Esta linguagem faz lembrar o

tempo em que Salazar e Caetano metiam na cadeia operários e antifascistas que queriam acabar com a miséria, a fome e a repressão, nas fábricas, nas cidades e nos campos, acusando-os de «agitadores comunistas».

Entretanto, os operários reiniciaram o trabalho. O sr. Ramiro, outro dos sócios-gerentes da empresa, abandonou-a, levando consigo os objectos pessoais que tinha no escritório. Os trabalhadores dirigiram-se ao Ministério do Trabalho, onde funcionários responsáveis lhes garantiram que casos como os da «Lanofabril» não se repetiriam mais na Covilhã.

A nota da Comissão Concelhia do PCP, sublinha: «No dia 5 dois dirigentes sindicais, visitaram a «Ramiro & Fazendeiro» a fim de falarem com os trabalhadores. O sr. Ramiro, mais ponderado que o sr. Fazendeiro, recebeu os dirigentes sindicais, mas este ao ver que os dirigentes sindicais se encontravam na fábrica, insulta-os e expulsa-os. Não contente com isto foi à tecelagem e insultou o Chefe da Secção, Manuel Alves, ao mesmo tempo que o ia empurrando e ameaçando. Mais tarde o sr. Ramiro, na presença de todos os trabalhadores, suspendeu Manuel Alves e uma operária.»

Os comunistas da Covilhã, conscientes da sua identificação com os ideais do povo trabalhador na região, alertam os operários e fazem um vigoroso apelo à unidade e vigilância:

«Alerta operários da Covilhã! Como o Partido Comunista Português sempre tem advertido se a reacção levar por

diante os seus desígnios, acontecerá amanhã na tua empresa o que sucedeu ontem na «Ramiro & Fazendeiro».

«Só a unidade dos

trabalhadores poderá impedir o avanço das forças que estão interessadas em pôr a canga da exploração e da miséria sobre todo o Povo Português.»

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores

«Unidade dos trabalhadores



Os trabalhadores não resistiram à tentação de experimentar logo a máquina nova que lhes tinha sido ofertada

MAIS UM TRACTOR PARA A REFORMA AGRÁRIA

A oferta de um tractor foi, mais uma vez, motivo de confraternização entre trabalhadores da cidade e do campo e também a confirmação de que nem só no campo se defende a Reforma Agrária

A oferta de um tractor ou de alfares agrícolas a uma unidade colectiva de produção ou a uma cooperativa agrícola, mais do que uma notícia em si é a confirmação de que a solidariedade com os operários agrícolas que nos campos levam a cabo a grande tarefa da Reforma Agrária não é uma palavra vã e que a sua luta, apesar das calúnias da reacção, é compreendida pela grande maioria do Povo português e pela classe trabalhadora em especial.

Enfrentando dificuldades sem conta e sofrendo, por vezes, a falta

de apoio por parte do Governo, tanto no que diz respeito a créditos, como a maquinaria e sementes, os trabalhadores agrícolas perante estas provas de solidariedade sentem que a sua luta não é inglória e que milhares de camaradas de trabalho, de profissões muito diferentes, estão igualmente dispostos a defenderem as conquistas já alcançadas.

O que se passou na herdade do Poço Seco, da unidade colectiva de produção «A Luta dos Camponeses», em Ourique, é mais

um exemplo desta solidariedade que se estende por todo o País.

No último domingo, trabalhadores de Beja entregaram naquela herdade um tractor, comprado com os fundos obtidos numa subscrição entre os trabalhadores da cidade, tendo sido igualmente oferecido, por duas empresas de Beja, uma charrua e um espalhador de adubos.

No convívio que decorreu entre os trabalhadores da cidade que ali se deslocaram e os trabalhadores da herdade foram realçados os

esforços dos operários agrícolas para consolidarem a Reforma Agrária, assim como a unidade que se faz sentir entre os trabalhadores da cidade e do campo.

Num convívio improvisado falaram um representante da comissão organizadora da Jornada de solidariedade, um dirigente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Beja e um elemento da comissão de trabalhadores da herdade do Poço Seco.

Mais um tractor para a Reforma Agrária que, por certo, não será o último.

O ANIVERSÁRIO DE UMA COOPERATIVA

Apresentando um saldo positivo no que respeita à produção, a Cooperativa 17 de Maio comemorou o primeiro aniversário

«Se havia dinheiro para emprestar a juro baixo aos agrários fascistas, que o haja agora para emprestar aos trabalhadores agrícolas» — afirmou o camarada Vítor Louro, Secretário de Estado da Reestruturação Agrária, no decorrer do convívio realizado no domingo passado na Cooperativa 17 de Maio, em Santa Susana, data do seu primeiro aniversário.

Vítor Louro afirmou ainda na sua intervenção que todos os que ali estiveram iam com «mais força para defender junto daqueles que dão os créditos agrícolas, que estas searas não podem ser ceifadas a braço de homem, mas com as ceifeiras construídas pelos operários».

A Cooperativa 17 de Maio estende-se por uma área de 3214 hectares, sendo 370 hectares (Herdade da Misericórdia) alugados e os restantes expropriados a José Nunes Mexia.

Antes da ocupação, nestas terras apenas eram semeados 17 mil quilos de trigo e 720 quilos de milho. Ao longo deste ano os trabalhadores da cooperativa já semearam 47 mil quilos de trigo (esperando nas próximas sementeiras lançar à terra entre 85 a 90 mil quilos de trigo, para o que têm já o alqueive preparado), 1500 quilos de cevada, 6 mil de aveia, 600 de tremço, 800 de girassol, mil de milho e 300 de feijão frade.

Muito embora as calúnias dos reacçãoários digam que os trabalhadores alentejanos ao apoderarem-se das terras apenas têm morto e vendido o gado, o certo é que a realidade na Cooperativa 17 de Maio e em tantas outras desmente em absoluto esses boatos. Como nos afirmaram alguns trabalhadores, durante este ano os efectivos em gado aumentaram, respectivamente, em 394 borregos, 40 borregos casta, 211 cabras, 4 bodes, 5 chibos e 25 chibias.

Quando ao parque de máquinas, ao longo deste ano, a cooperativa adquiriu quatro tractores, dois rebocos, 13 alfares de vários tipos e uma moto-serra.

No entanto são grandes ainda as necessidades, entre as quais avulta a construção de uma barragem que irá permitir aumentar a terra de regadio de 30 para 200 hectares.

Presentemente, estão inscritos na cooperativa 127 trabalhadores dos quais 83 já se encontram a trabalhar.

A festa do primeiro aniversário da cooperativa teve início em Santa Susana com um desfile pelas ruas da



O camarada Vítor Louro (o segundo a contar da esquerda) quando visitava a herdade, trocando impressões com os trabalhadores

aldeia onde se incorporou a Banda de Santa Susana e representações das Cooperativas Rosal Vermelho, 1.º de Maio, Estrela Dourada, Familiar, Bento Gonçalves, Boa Hora e Cravos Vermelhos. O cortejo seguiu então para as instalações da cooperativa onde decorreu um animado almoço de convívio.

Durante a tarde foram visitados os pontos principais da cooperativa, o que permitiu ao camarada Vítor Louro e ao Governador Civil do Distrito de Setúbal, que ali se deslocou,

inteirarem-se dos progressos já alcançados e das necessidades mais urgentes.

As comemorações terminariam com um convívio em que intervieram representantes da Comissão de trabalhadores da Cooperativa 17 de Maio, Raposo, da Cooperativa 1.º de Maio, Herminia Parrulas, operária agrícola e candidata a deputada à Assembleia da República, do CRARA de Setúbal, Garção, o presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Alcácer

do Sal, o Governador Civil do Distrito de Setúbal e o Secretário de Estado da Reestruturação Agrária.

Na sua intervenção o representante da Cooperativa 1.º de Maio referiu o roubo de um motor de rega no valor de 40 contos que pode comprometer uma área de 30 hectares de arroz e que constitui mais um ataque das forças reacçãoárias, «mas os trabalhadores não vergam e essa área será regada nem que seja à força de braços», afirmou.

DEFENDER E APLICAR A LEI DO ARRENDAMENTO RURAL

Actuando frontalmente contra a lei, contra o povo e contra a democracia, os grandes senhores das terras desenvolvem acções para pôr em causa uma importante conquista dos trabalhadores

A lei do arrendamento rural é uma importante conquista da Revolução e do processo democrático iniciado pelo MFA, em aliança com o movimento popular de massas, em 25 de Abril de 1974. A sua aplicação significará para uma ampla camada do proletariado rural e de pequenos e médios agricultores uma significativa melhoria das condições de vida e de trabalho, uma apreciável regalia para todos os que amanhã as terras arrendadas.

Encarada numa perspectiva mais global, que vai de encontro ao esforço que as classes trabalhadoras vêm desenvolvendo em prol da reconstrução nacional, poderemos ainda afirmar que a lei do arrendamento rural é um instrumento decisivo para o apoio ao minifúndio, através da mecanização, do empréstimo de subsídios e da ajuda técnica, o que certamente encaminha o trabalho produtivo nos campos para a via de modernização e do progresso social.

A aplicação da lei e da tabela de rendas máximas tornará efectiva uma redistribuição dos rendimentos da actividade agrícola em favor dos que trabalham, daqueles que durante gerações e, fruto do suor e do seu labor, semearam a terra para nunca obterem a recompensa merecida ou o salário justo.

UNIR OS TRABALHADORES DO CAMPO

Os pequenos camponeses e, nomeadamente, os rendeiros, contam-se indiscutivelmente entre as classes mais desfavorecidas. Desde a discussão do projecto de decreto-lei até à entrada em vigor da lei e da tabela de rendas máximas, tudo tem sido feito, tudo tem sido tentado pelos caciques fascistas, pelos grandes agrários e até mesmo por indivíduos estranhos que se infiltraram nas povoações, para boicotar, torpedear e anular o novo regime de arrendamento rural.

Actuando frontalmente contra a lei, contra o povo e contra a democracia, os grandes senhores das terras, os barrigudos do capital agrário, os proprietários absentistas, convocam reuniões e planeiam actos. Nesta azáfama constante de actividade contra-revolucionária, chegam a esboçar reuniões de «agricultores médios e de pequenos proprietários». Mas a farsa não passa e os trabalhadores do campo conhecem perfeitamente os indivíduos que participam em tais «assembleias». Não são os que conhecem a terra, não são os que têm calos nas mãos, que viram os filhos emigrarem. Como fiéis servilistas de um regime já banido pelo povo e pelas Forças Armadas, os grandes agrários servem-se indiscriminadamente da influência por eles praticada ao

longo de meio século sobre o povo trabalhador, para levarem as exposições contra a lei.

VIOLÊNCIA FASCISTA

Exemplos de toda uma conjuntura altamente reacçãoária e provocadora são as denominadas «reuniões de Rio Maior», repetidas em várias localidades do país, onde, sob a liderança de grandes proprietários, foi pedida a suspensão da nova lei.

Quando os métodos de persuasão enganadora não resultam, os caciques e seus respectivos lacaios recorrem a actos de agressão física, normalmente antecederam pela entrada abusiva ou pela invasão da propriedade alheia por bandos de cacetes recrutados pelo dinheiro roubado aos trabalhadores durante anos e anos. Aterrorizam rendeiros, ameaçam, caluniam, destroem as culturas, praticam a chantagem aos mais altos níveis, «alugam» advogados corruptos, como no passado — e tudo isto perante a passividade e até colaboração de forças militarizadas, principalmente da GNR, de elementos dos serviços oficiais e dos departamentos do Ministério da Agricultura. E isto sucedeu em Rio Maior, Gondomar, Penafiel, Marco de Canavezes, Gaia, Pensalves, e em muitas outras localidades, onde se começa a solidificar um poder local reacçãoário, que não conhece a dignidade e o respeito pelo semelhante, que pura e simplesmente atenta contra a liberdade e contra a ordem democrática.

Das suas manobras e da sua actividade conhecem-se múltiplos exemplos, muitos deles praticados com o apoio dos órgãos oficiais. As tentativas de expulsão dos rendeiros das terras que amanhavam, por parte dos senhores reacçãoários, contra o disposto na lei, são um atentado contra a legalidade democrática, contra a economia nacional, contra o nosso povo. É necessário e urgente que o Governo se lhes oponha resolutamente, sem ambiguidades, sem hesitações, sem demoras. É o futuro democrático que está em jogo!

DIVULGAR A LEI

A actuação dos caciques contra a lei do arrendamento rural tem sido comandada pelos elementos que asseguravam antes do 25 de Abril a engrenagem do regime fascista.

A informação e a consciencialização dos camponeses não têm canais que as possam fazer chegar ao interior, às províncias, enfim às zonas rurais. A influência do caciquismo

reacçãoário, manifestado na imprensa fascista, nas allocuções eclesiásticas, nos discursos a transbordar de «fervor patriótico», no mar do anticomunismo primitivo, abafa quase por completo as mensagens do progresso, da democracia e da consciencialização. Qualquer voz que se erga ou qualquer apelo que se dirija aos trabalhadores agrícolas é imediatamente «afastado». Um dos aspectos que tem contribuído para facilitar a acção nociva dos senhores e das forças do passado, é o desconhecimento que os rendeiros têm da nova lei. No entanto, é de assinalar que para esta situação têm contribuído organismos, como o SADA (Serviço de Apoio ao Desenvolvimento Agrícola), que assistem impassíveis a toda esta movimentação, coordenada pelas hostes dos que sonham com o regime do obscurantismo e do terrorismo legal.

O PCP ESTÁ COM OS TRABALHADORES DO CAMPO

Entre o Douro e o Minho apenas uma escassa percentagem de contratos passados é orientada e estruturada conforme a lei preceituada. As rendas correspondentes ao ano agrícola de 1975 têm de ser pagas já de acordo com a nova tabela de rendas máximas. Como se compreende — já que se está a falar essencialmente em termos de lei — que só um número reduzido de casais tenham pago as rendas de acordo com a referida tabela?

Existe, pois, entre as normas aprovadas pelo Conselho de Ministros e a actuação dos órgãos oficiais um saliente desentendimento... Quando não realizam as tarefas que lhe competem e se limitam a uma burocrática rotina, dedicam-se à sabotagem da lei. Salvaguardaremos naturalmente a acção de alguns técnicos, que apesar das condições que se lhes deparam, têm desempenhado com grande espírito de sacrifício e com entusiasmo o seu trabalho na maior parte das vezes dificultado.

O PCP, como organização de vanguarda dos trabalhadores, do proletariado rural, dos pequenos e médios agricultores, o consciente que esta é a única forma de lutar pelo desenvolvimento técnico-científico da agricultura, apoiou desde sempre a criação de um regime de arrendamento rural que melhorasse as condições dos rendeiros e abra perspectiva a uma nova relação de existência e de labor nos campos do nosso país. Com a colaboração activa das forças reacçãoárias, os grandes proprietários absentistas reclamam a revogação da lei do arrendamento rural. O PCP dá o

seu efectivo e inteiro apoio às reivindicações dos rendeiros no sentido de uma aplicação integral da lei. É urgente que sejam constituídas comissões arbitrais capazes de resolverem de maneira expedita os diferentes surgidos na aplicação da lei. É urgente que os ministérios interessados colaborem num sério esforço de esclarecimento e divulgação às forças militarizadas, principalmente à GNR, sobre o conteúdo e objectivos da lei do arrendamento rural, conquista do processo revolucionário e de todo o povo trabalhador do nosso país.

Estas forças, destinadas a protegerem as classes desfavorecidas e não a reprimi-las, como já tem acontecido, devem colocar-se decididamente e sem recuos ao lado da legalidade democrática, ao lado dos rendeiros e dos camponeses pobres, que constituem a esmagada maioria da população rural do Norte e Centro do país.

Assim se evitará a degradação das relações entre as massas camponesas e as forças policiais.

É urgente que os organismos oficiais, nomeadamente o SADA, assumam as responsabilidades que lhes cabem na divulgação da lei e no esclarecimento dos rendeiros.

A LEI DO ARRENDAMENTO RURAL DEVE SER APLICADA

Esta é uma tarefa de grande importância para todas as forças, para todas as organizações e sectores da vida nacional, empenhados na construção de um Estado democrático, ao serviço dos que trabalham.

Defender a lei do arrendamento rural é defender mais uma possibilidade de ajudar e activar a marcha de um povo, rumo ao socialismo.

Karl Marx

V. I. LÉNINE PEQUENA BIOGRAFIA

por G. Olschinski, K. Ostrogski, M. Pankratova, A. Smirnova e E. Stettinova

Esta pequena biografia lida com os principais episódios da vida e da obra de Vladimir Ilitch Lénine, nos e entre os trabalhadores do mundo inteiro, sendo considerado o doutrina revolucionária de Marx e Engels, o fundador do Partido Comunista da União Soviética, dirigente da revolução soviética, fundador do Estado soviético, grande pensador e ao mesmo tempo, o mais simpático e cordial dos homens.

edições Avante!

CADERNOS DE INICIAÇÃO AO MARXISMO LENINISMO



LÊNINE SOBRE O ESTADO E A DEMOCRACIA

Alexandr Spirkine

PRÓXIMO LANÇAMENTO
AS COOPERATIVAS DE PRODUÇÃO NA EDIFICAÇÃO DO SOCIALISMO NA URSS

Pedidos a: CDL - Central Distribuidora Livreira, Av. Santos Dumont, 57-C - Lisboa 1

ACESSÍVEL A TODOS OS LEITORES (A linguagem e o preço)

ABC do Marxismo-Leninismo

Série B IMAGEM MODERNA DO MUNDO Nº 3

A CONCEPÇÃO MARXISTA DO CONHECIMENTO

edições Avante!

O QUE É O CONHECIMENTO? • EM QUE SENTIDO FALA O MATERIALISMO DIALÉCTICO DE REFLEXO, OU FORMAÇÃO DE IMAGENS? • ORIGEM E META DO NOSSO CONHECIMENTO • A FASE SENSÍVEL DO CONHECIMENTO • A FASE CONCEPTUAL DO CONHECIMENTO • LIMITAÇÃO E ILIMITAÇÃO DO NOSSO CONHECIMENTO? • QUAL É A PROVA DA VERDADE DO NOSSO CONHECIMENTO?

Estes alguns dos capítulos desta importante obra.

Código: 24.03 — Preço: 10\$00 — Pedidos a: Central Distribuidora Livreira — Av. Santos Dumont, 57-C — Lisboa-1.

Promover e organizar o estudo individual e colectivo do marxismo-leninismo de forma a elevar a consciência revolucionária dos militantes, da classe operária e dos elementos de vanguarda das restantes camadas laboriosas e um dever das células do Partido

(Estatutos do PCP, art.º 31.º, g)

O COMÍCIO DO CAMPO PEQUENO PEQUENO CONSTITUIU VIBRANTE DEMONSTRAÇÃO DA VITALIDADE DO INTERNACIONALISMO PROLETÁRIO

A classe operária e as massas trabalhadoras da região de Lisboa, respondendo ao apelo da sua vanguarda revolucionária — o PCP — manifestaram a sua solidariedade internacionalista aos povos da América Latina num grandioso comício em que participaram destacados dirigentes comunistas latino-americanos e o secretário-geral do PCP

O passado sábado foi, conforme salientou o camarada Álvaro Cunhal, um grande dia para os comunistas e os trabalhadores de Lisboa. O grande comício realizado no Campo Pequeno, integrado na Jornada de Solidariedade para com os Povos da América Latina, constituiu uma vibrante demonstração de internacionalismo proletário da classe operária e dos comunistas da região de Lisboa para com os seus irmãos de classe que, nas mais difíceis e duras condições lutam, na América Latina, contra o fascismo e o imperialismo, pela paz, a liberdade, a democracia e a independência nacional.

Muitos milhares de pessoas encheram completamente o recinto do Campo Pequeno, numa poderosa demonstração de solidariedade internacionalista. Nas bancadas, na arena, em redor do vasto recinto as provas de solidariedade aqueciam a tarde lisboeta com o vermelho da certeza de que os povos da América Latina vencerão!

Era a bandeira vermelha do combate pela paz, pela democracia e pelo socialismo que se encontrava desfilada no céu azul de Lisboa, era a bandeira vermelha da amizade e da solidariedade fraterna que os milhares de presentes empunhavam na mão, no seu punho cerrado, nas suas palavras de ordem de solidariedade, no seu coração.

Era a classe operária portuguesa, eram as massas trabalhadoras, eram homens e mulheres, empregados e intelectuais que, vibrantemente, erguiam a bandeira do anti-racismo e do anti-imperialismo.

A grande jornada do passado sábado foi das mais emocionantes iniciativas revolucionárias de solidariedade efectuadas em Portugal. Ao lado dos comunistas portugueses, destacados revolucionários latino-americanos, comprovados dirigentes do movimento comunista e operário mundial, todos dando-se as mãos, numa viva demonstração de amizade e solidariedade.

AS MASSAS TRABALHADORAS ADERIRAM À JORNADA

O povo trabalhador da região de Lisboa respondeu em massa ao apelo da sua vanguarda dirigente, o Partido Comunista Português. Desde as primeiras horas da tarde que o Campo Pequeno era o

destino de milhares de trabalhadores que, dos mais diversos pontos da capital e localidades limítrofes, para ali se dirigiram.

O Campo Pequeno foi, desta vez, realmente pequeno para poder conter esta poderosa demonstração revolucionária de solidariedade internacionalista. Todos os que participaram neste grande comício de solidariedade jamais o esquecerão.

Milhares e milhares de comunistas e trabalhadores enchem totalmente o recinto. Estavam representados, com discursos e cartazes as células, comités e organizações do nosso Partido de Queluz, Cacém, Sintra, Prior Velho, Oeiras, Barreiro, Sacavém, Moscavide, Belas, Oeiras, Marvila, Vila Franca, Estoril, Cascais, Olivais, Encarnação e Costa da Caparica.

Igualmente presentes delegações das células e organizações do PCP de algumas das mais importantes empresas e fábricas da região de Lisboa: da Cergal, do Girassol, do Corame, da Fábrica de Loijas de Sacavém, da Phillips, da Copam, da RTP, da Processa, da Ulic, das OQME, da Petrogal, do Batista Russo, do Entrepósito, da Fábrica Militar de Braço de Prata, da Automática Eléctrica Portuguesa, da local, da Mague, da Seldex, da Siderurgia, da Metalúrgica Duarte Ferreira, da Cel-Cat e da Sorelamo. Presentes ainda representações dos organismos dos escritores, da hotelaria e do comércio, bem como as células do PCP do «Diário de Lisboa» e do «Diário Popular».

Demonstrando o grande poder criador das massas populares, os discursos, de alta qualidade artística revolucionária, expressavam a solidariedade para com os povos da América Latina e reafirmavam a fidelidade dos comunistas portugueses aos princípios do internacionalismo proletário.

OS POVOS DA AMÉRICA LATINA VENCERÃO!

Antes do comício se iniciar tomaram lugar na tribuna os camaradas Carlos Abom Inglês, George Ferreira e José Magro, membros do Comité Central do PCP, Albano Nunes, membro suplente do CC e responsável pelo departamento internacional, Octávio Pato e Sérgio Vilarques, membros da Comissão Política e do Secretariado do CC do PCP, e o camarada secretário-geral do nosso Partido, Álvaro Cunhal.

Vibrantemente aclamados pelos

muitos milhares de pessoas presentes e recebidos com a afirmação revolucionária «O Chile Vencerá!», «Uruguai Vencerá!» e «Brasil Vencerá!» tomaram seguidamente lugar na tribuna os camaradas Samuel Riquelme, membro da Comissão Política do CC do Partido Comunista do Chile, Rodney Arismendi, primeiro-secretário do Partido Comunista do Uruguai, e Luís Carlos Prestes, secretário-geral do Partido Comunista Brasileiro.

Entretanto, foi lido um telegrama de solidariedade enviado do Porto por Rui Luís Gomes, José Morgado, Virgínia Moura e Lobão Vidal.

Na primeira intervenção deste grande comício do nosso Partido o camarada Albano Nunes afirmou: «Com esta semana de solidariedade para com os povos da América Latina sujeitos a ditaduras fascistas e reaccionárias pretende o Partido Comunista Português reforçar os laços de amizade e cooperação com os partidos irmãos aqui presentes, manifestar-lhes o seu apoio e, através deles, aos outros partidos e a todos os povos em luta da América Latina, e chamar a classe operária, os trabalhadores, os intelectuais, todos os democratas, a juntarem as suas vozes a esta luta pela liberdade».

«Um grande movimento de solidariedade com os patriotas latino-americanos pode travar a mão criminosa do fascismo, pode arrancar dos cárceres muitos mais lutadores, tal como já contribuiu para libertar os queridos camaradas do Brasil, do Chile e do Uruguai que estão presentes neste comício» acrescentou Albano Nunes.

SOLIDARIEDADE!

À volta do recinto grandes faixas de pano vermelho expressavam a solidariedade da voz colectiva dos comunistas portugueses: «Amnistia para os presos políticos», «Fim ao Terror Fascista» e «Liberdade para Luís Corvalan» eram palavras escritas a vermelho dos panos e repetidas, de punho erguido, por milhares e milhares de bocas no comício do Campo Pequeno. Bem como outras: «Brasil, Chile e Uruguai Vencerão» e «Morte à CIA».

Vários discursos suscitados por balões palavrados a meio do recinto com os emblemas dos três partidos e do PCP. Albano Nunes prosseguiu a sua intervenção referindo-se aos visitantes e depois de ter informado a acatitação do convite por parte de Carlos Altamirano,



secretário-geral do PS do Chile, o que não se concretizou por motivos técnicos.

«Falar-vos de Luís Carlos Prestes é falar-vos da célebre Coluna Invicta que, na década de 20, percorreu mais de 30000 quilómetros por todo o país, é falar da sua célebre adesão ao marxismo e ao Partido Comunista Brasileiro, em 1934, dos longos anos de luta clandestina, da condenação a 48 anos de prisão e de 9 anos de cativeiro, da sua acção como secretário-geral do PCB, de 1943 até hoje, é falar de toda a história da luta dos trabalhadores e do povo brasileiro dos últimos 50 anos, luta com a qual se identifica toda a sua vida de revolucionário».

«Rodney Arismendi — prosseguiu o camarada Albano Nunes — é militante comunista

desde 1931, membro do Comité Central desde 42 e primeiro-secretário do Partido Comunista do Uruguai desde 55. Foi deputado comunista ininterruptamente durante 27 anos, até ao golpe de Junho de 1973; preso em Maio do ano seguinte, é expulso da sua pátria em Fevereiro de 1975. Foi director do órgão diário do PCU e da revista teórica «Estudos» e tem publicada uma obra notável. A acção política e teórica do camarada Rodney Arismendi tomam-no a justo título um dos mais destacados obreiros do movimento comunista e revolucionário mundial».

«O camarada Samuel Riquelme milita há mais de 38 anos no Partido Comunista do Chile e foi secretário-geral da Juventude Comunista e dirigente sindical destacado. Preso após o golpe

fascista de 11 de Setembro de 1973, foi sujeito às mais cruéis torturas, passando 2 anos nos sinistros campos de concentração da ditadura de Pinochet, Estádio Nacional, Ritoque, Três Álamos e Penitenciaría. Sob pressão do potente movimento internacional de solidariedade, o camarada Samuel Riquelme foi libertado e depois expulso do Chile».

JORNADA DE INTERNACIONALISMO

«Por intermédio dos camaradas Prestes, Arismendi e Riquelme, que aqui representam toda a América Latina revolucionária — afirmou o camarada Albano Nunes — saudamos a sua heroica luta e manifestamos a nossa confiança de que não vem longe o dia da liberdade. A repressão e o terror não são sinónimos de força, mas

de fraqueza dos regimes que os praticam. Mas têm as perseguições, nem as prisões em massa, nem os assassinatos políticos impedirão que os povos da América Latina conquistem a liberdade e a independência nacional a que aspiram».

Grandes e vibrantes demonstrações de simpatia, de solidariedade, de amizade, de fraternidade na luta contra o mesmo inimigo acolheram seguidamente as emocionantes intervenções dos camaradas Riquelme, Prestes e Arismendi, que publicamos noutro local.

A encerrar o comício interveio o secretário-geral do nosso Partido, camarada Álvaro Cunhal, cuja intervenção igualmente publicamos noutro local.

Seguiu-se uma sessão de Canto Livre na qual se entoaram canções

revolucionárias e em que participaram Armando Córdaz, Fernando Tordo, José Osório, Samuel, José Barata Moura, e José Letria.

Mas, como que resumindo o carácter internacionalista deste grandioso comício de solidariedade, foi com a «Internacional», o hino dos explorados e oprimidos de todo o mundo, que terminou esta jornada de solidariedade. Jornada durante a qual se puderam ver lado a lado nas tribunas do Campo Pequeno, as bandeiras de Portugal, do Brasil, do Uruguai e do Chile, simbolizando a amizade entre os povos, flutuando no mar de bandeiras vermelhas da força e do martelo, símbolos queridos do proletariado mundial, e da estrela de cinco pontas, símbolo do internacionalismo proletário.

MOÇÃO APROVADA

Reunidos no comício de solidariedade com a luta dos povos da América Latina, em Lisboa, 15 de Maio de 1976, os trabalhadores aqui presentes,

Saudam os queridos camaradas Luís Carlos Prestes, Rodney Arismendi e Samuel Riquelme, dirigentes revolucionários que representam a voz da América Latina em luta pela liberdade, a democracia e a independência.

Asseguram o seu apoio à luta heroica da classe operária, do campesinato, dos trabalhadores e de todos os patriotas da América Latina, contra o terror fascista e a dominação imperialista, pelo restabelecimento das liberdades democráticas, pela defesa das condições de vida dos trabalhadores, pela independência nacional.

Condenam os regimes fascistas e reaccionários da América Latina e os métodos terroristas de que se servem para manter o jugo dos monopólios e da oligarquia: o crime generalizado, as prisões arbitrárias, as torturas, os tratamentos desumanos e degradantes, os assassinatos políticos.

Reconhecem na luta dos povos da América Latina contra a opressão fascista, contra a dominação do imperialismo americano, a sua própria luta pela liberdade, pela paz, pela independência nacional, pelo progresso social, pelo socialismo.

Apelam para que os trabalhadores, os intelectuais, os jovens, todos os homens e mulheres de sentimentos democráticos manifestem o seu repúdio pelos regimes de opressão e terror e o seu apoio ao combate antifascista e anti-imperialista desenvolvido pelas forças progressistas da América Latina, contribuindo assim para aprofundar o isolamento dos regimes fascistas e reaccionários.

Manifestam, hoje no Portugal democrático, o seu reconhecimento pela activa solidariedade que receberam dos comunistas, da classe operária, dos trabalhadores, de todos os sectores e forças progressistas e patriotas da América Latina, durante a luta contra a ditadura fascista, como agora na luta pela consolidação da democracia.

Expressam a sua solidariedade ao povo irmão de Cuba socialista, vanguarda do processo de libertação no continente americano, e o seu apoio aos outros países da América Latina que se opõem corajosamente ao jugo imperialista.

Reclamam o termo da ingerência, da chantagem, da provocação e da ameaça imperialista contra a liberdade, o progresso social e a independência dos povos da América Latina. Exigem liberdade para Luís Corvalan, Secretário-Geral do Partido Comunista do Chile, e para todos os democratas e patriotas presos na América Latina!

Fim ao terror!
Amnistia!

DISCURSO DE SAMUEL RIQUELME

«Une-nos, queridos camaradas, o combate diário e permanente pela paz, pela liberdade, pela democracia! Une-nos, companheiros e companheiras, a luta pela construção da democracia!»

«Unem-nos laços de amizade desde há muitos anos, desde a época difícil e dura para os portugueses em que o Partido Comunista do Chile se mobilizou de Norte a Sul do país para expressar a sua solidariedade ao Partido Comunista Português e para protestar contra a brutalidade fascista que oprimia o povo português!»

«Unem-nos laços de luta pela conquista de uma vida melhor para os nossos povos. Une-nos a luta sem quartel contra o imperialismo e contra os monopólios!»

«Une-nos, queridos camaradas, o combate diário e permanente pela paz, pela liberdade e pela democracia!»

«Une-nos, companheiros e companheiras, a luta pela construção do socialismo!»

Com estas palavras, vibrantemente aplaudidas pela multidão, assinalou Samuel Riquelme os laços que unem o PC do Chile e o PCP. Parte substancial do seu improviso foi dedicada à situação no Chile, tendo afirmado, nomeadamente:

«Desde o golpe fascista de Pinochet, desde 11 de Setembro de 1973, o meu amado povo vive dias dolorosos, difíceis e amargos.

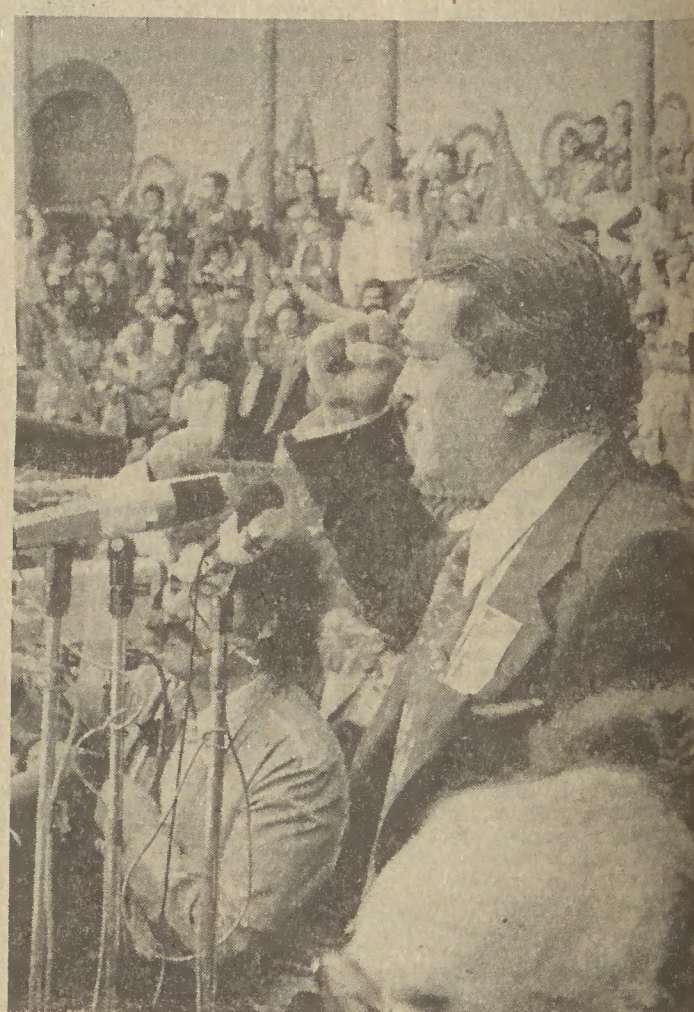
«O fascismo trouxe-lhe a fome e a miséria.

«Milhares de operários, camponeses, empregados e intelectuais foram expulsos do seu trabalho. Mais de 800 mil são os trabalhadores sem trabalho; três milhões de chilenos — homens, mulheres, jovens e crianças — passam fome. É isto o que o fascismo está fazendo da nossa pátria.

«Com a política fascista de Pinochet, os trabalhadores perderam o seu poder de compra. Na época do Governo da Unidade Popular, na época do Governo do revolucionário consequente camarada Salvador Allende, os trabalhadores chilenos tinham um rendimento de 150 dólares por mês; agora, com a Junta fascista, com os generais traidores, o salário médio baixou para 45 dólares por mês.

«Toda a obra maravilhosa empreendida pelo Governo do camarada Salvador Allende foi destruída pela Junta fascista. As empresas foram devolvidas aos capitalistas, os grandes latifúndios foram devolvidos aos senhores feudais. Foi para isto que o imperialismo e a reacção chilena derrubaram o Governo de Unidade Popular.

«Para executar esta política, a Junta fascista recorre ao terrorismo, ao



assassinato, à tortura. Milhares de homens, mulheres, jovens e crianças permanecem nas prisões.

«Porém, a ditadura fascista não poderá jamais vergar o Partido Comunista, a classe operária e o povo chileno.

«Sim, camaradas. A luta,

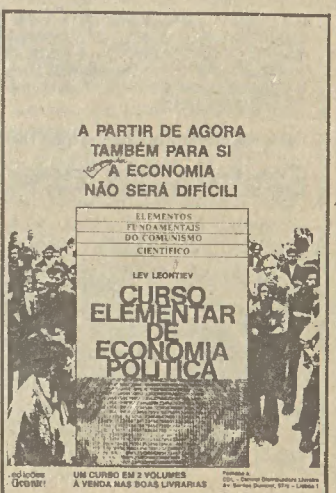
como dizeis, continua no nosso país. E esta luta está a ser conduzida dia-a-dia pelo Partido Comunista, pela Unidade Popular, no interior do país. E essa luta tem um objectivo concreto e claro: unir todos os chilenos que estão contra a Junta fascista.»

ABC do Marxismo-Leninismo

Série B
IMAGEM MODERNA
DO MUNDO
Nº 3

A CONCEPÇÃO MARXISTA DO CONHECIMENTO

edições Avante!





DISCURSO DE LUÍS CARLOS PRESTES

«A vossa revolução é um exemplo para todos os povos que ainda lutam para libertar-se do fascismo e do imperialismo. Ela inspira confiança em todos nós e sabemos que a vossa palavra de ordem A vitória é difícil mas é nossa! será transformada em realidade»

É com a mais profunda emoção que vos falo em nome dos comunistas brasileiros. Trago-vos a todos vós e, por vossa intermédio, a todo o povo português as saudações fraternais as mais calorosas do Comité Central e dos membros do Partido Comunista Brasileiro. Estas são também — podeis estar seguros — as saudações da classe operária e demais forças progressistas do Brasil.

Com estas palavras iniciou o camarada Luís Carlos Prestes a sua intervenção. Logo depois afirmou:

Foi com imensa satisfação que recebi o convite do Comité Central do Partido Comunista Português para participar desta manifestação de internacionalismo, manifestação da vossa solidariedade de combate aos que lutam contra a reacção e o fascismo na América Latina. Para mim, poder estar junto convosco é uma feliz oportunidade — há muito almejada — de conhecer directamente tudo o que já haveis conquistado no caminho da revolução democrática, aberto pelo 25 de Abril de 1974. Conquistas que com tanto vigor tendes sabido defender das ameaças e, mesmo, dos golpes da reacção. Porque, meus amigos, como o comprova a experiência mundial do proletariado, não basta fazer a Revolução, é igualmente necessário saber defendê-la. E, nos dois anos decorridos desde a queda do fascismo, já, por mais de uma vez, haveis enfrentado com decisão e firmeza, com audácia e entusiástica iniciativa popular, as tentativas reacçãoárias dos inimigos das liberdades, dos senhores dos monopólios internos e externos, dos fascistas e saudistas, como também da CIA norte-americana — esse centro inflame de conspiração internacional, capaz de todos os crimes.

Sabemos, como o sabe o mundo inteiro, que à frente desses combates tem estado sempre a classe operária e sua vanguarda marxista-leninista, o grande e heróico Partido Comunista Português, que saudamos com entusiasmo e fraternal carinho. Este Partido que plantou em terra portuguesa as sementes da revolução e que, com o sangue de seus heróis e mártires, assegurou o seu florescimento — a eclosão vitoriosa do 25 de Abril de 1974. Os comunistas brasileiros saudam, com alegria e afecto, os comunistas portugueses, o esclarecido Comité Central de seu Partido, e seu querido dirigente, o nosso amigo, camarada Álvaro Cunhal.

A IMPORTÂNCIA DA REVOLUÇÃO PORTUGUESA

A Revolução portuguesa foi uma das expressões mais altas da nova situação mundial criada pela força crescente do sistema socialista mundial, que tem à sua frente a gloriosa e invencível União Soviética, apoio seguro de todos os povos que lutam contra a opressão imperialista e pela libertação dos trabalhadores da exploração capitalista. Em união, cada vez mais estreita, com o movimento operário internacional e com o grandioso movimento dos povos que lutam pela libertação nacional, o sistema socialista mundial defende com êxito a paz no mundo, tendo aberto o caminho para a época em que vivemos de transição do capitalismo para o socialismo.

Mas, se a Revolução portuguesa foi — repito-o — a expressão mais alta da distensão internacional, ela, por sua vez, contribuiu e continua a contribuir para o maior avanço do processo de distensão internacional. A liquidação do último império colonial do capitalismo, com a total libertação dos povos que eram nacionalmente oprimidos pelo fascismo de Salazar e Caetano, é, sem dúvida, o maior título de glória da Revolução portuguesa, é elevado testemunho do amor à liberdade de um povo que sabe não poder viver livre, enquanto se oprime e oprime os outros povos.

Como afirmou o camarada Leonid Brejnev, no histórico XXV Congresso do PCUS, «o mundo muda literalmente ante nossos olhos, e muda para melhor». O imperialismo já não faz hoje, impunemente, o que desejava. Sucederam-se as vitórias dos povos que lutam pela emancipação nacional e pelo progresso social. Se em 1975 festejaram os povos do mundo inteiro a vitória do valente povo do Vietname, que

derrotou o imperialismo ianque, a maior e mais poderosa potência do mundo capitalista, no corrente ano festejaram a vitória espectacular do povo de Angola, onde já não foi possível ao imperialismo ianque criar, como pretendia, um novo foco de guerra.

Permiti-me desta tribuna saudar os povos de Guiné-Bissau, Moçambique e Angola, que tão valentemente lutaram pela independência nacional, contribuindo igualmente para a derrota do fascismo em Portugal. Saudação que estendemos também a Cuba socialista, de que nos orgulhamos todos nós, revolucionários latino-americanos. Na verdade, «os que um dia escravizaram o homem e o enviaram à América — como teve ocasião de afirmar há poucos dias o grande dirigente do povo cubano, camarada Fidel Castro — talvez não imaginassem jamais que um desses povos, que recebeu escravos, enviaria seus combatentes a lutar pela liberdade na África».

UM POVO EM LUTA

Depois de se referir aos tradicionais laços de fraternal amizade que unem os comunistas portugueses e brasileiros, e à solidariedade de combate que os trabalhadores, a classe operária e seu partido de vanguarda dos dois países sempre têm sabido manifestar mutuamente, Luís Carlos Prestes centrou a sua intervenção na actual situação no Brasil, onde «o imperialismo dos Estados Unidos conseguiu,



foram assassinados. Os métodos de tortura atingem refinamento e sadismo inauditos.

Apesar dessa luta dura e difícil, o combate prossegue e, na verdade, desde o golpe militar de 1964, nunca foi tão grande a actividade política do povo brasileiro. Nosso Partido tem sofrido sérios golpes, mas prossegue na luta. Reunido em Dezembro último, em rigorosa clandestinidade, o Comité Central do PCB examinou a situação política do país e traçou a orientação dos comunistas para os próximos meses. Suas principais tarefas orientam-se hoje no sentido de isolar a ditadura e de acelerar o processo de formação da frente única antifascista e patriótica. Chama a todos os patriotas e democratas à luta pelas liberdades democráticas, pela revogação da legislação fascista, em primeiro lugar do denominado Acto Institucional número 5, pela liberdade dos presos políticos e

porque a ditadura brasileira não ameaça apenas a vida e o futuro do povo brasileiro, ameaça igualmente a paz e a segurança de todos os povos vizinhos, de todos os povos latino-americanos.

A militarização é um dos traços mais evidentes do expansionismo brasileiro, um dos mais importantes aspectos do fascismo no Brasil. Somos hoje na América Latina o país que faz as maiores despesas de carácter militar, tanto no que concerne à compra de armamento moderno como no que se refere à instalação, no próprio país, de uma poderosa indústria de guerra. A ditadura brasileira também trata de possuir armamento nuclear, de ficar em condições de fabricar a bomba atómica.

O que significa e a quem serve esta preparação para a guerra, ficou bem claro nas palavras do sr. Kissinger, quando afirmou, em sua recente visita ao nosso país, que o



após numerosas tentativas, instalou sua base principal, visando à expansão do neocolonialismo e do fascismo em toda a América Latina».

Acentuária:
Sucederam-se no país as lutas da classe operária por melhores salários e condições de trabalho. Os camponeses lutam em defesa da terra, de onde estão sendo expulsos em massa pelas grandes empresas capitalistas. Os estudantes combatem por suas reivindicações e manifestam através de greves seu protesto contra as prisões arbitrárias e torturas. Os intelectuais lutam contra a censura à imprensa, à literatura e às artes. Todos, inclusive grande parte do clero católico e de outras religiões, manifestam-se pelas liberdades democráticas, contra as prisões arbitrárias, contra as torturas e assassinatos de presos políticos, pela anistia para os perseguidos e condenados contra a legislação reacçãoária e fascista. Pode-se afirmar que já existe hoje no Brasil um amplo movimento democrático de massas que cada vez luta com maior vigor contra o fascismo e pela democracia.

É para enfrentar esse descontentamento popular crescente, particularmente após a derrota eleitoral de 1974 que a ditadura concentra a repressão policial e militar contra os comunistas. Levantou abertamente a bandeira do anticomunismo e, como sabe que não pode acabar com o nosso Partido, procura decapitá-lo com a eliminação física de seus dirigentes. Nove membros do Comité Central do nosso Partido já foram sequestrados, estão desaparecidos e presumivelmente

pela anistia geral, pela elevação do nível de vida dos trabalhadores, à luta em defesa da soberania nacional e das riquezas naturais do país, do monopólio estatal do petróleo e da indústria nacional, contra a corrida armamentista e por uma política de paz e de relações, em pé de igualdade, com todos os povos.

Neste momento, em que se inicia no Brasil a campanha para as eleições municipais e toma o governo do sr. Geisel medidas no sentido de dificultar a actividade da oposição e criar um ambiente de pessimismo e desinteresse popular pelo pleito, chamam os comunistas os eleitores a participar activamente da campanha e a utilizar o voto novamente como arma de luta. Uma nova vitória eleitoral da oposição, nas condições reinantes de crescente descontentamento nacional, liberará inevitavelmente o enorme potencialmente democrático e patriótico do nosso povo e alargará as divergências e divisões já existentes no seio do regime. Derrotar a ditadura nestas eleições passa a ser, por esta razão, o grande dever patriótico do povo brasileiro e a principal tarefa em que estão empenhados os comunistas brasileiros.

Não somos profetas, mas como revolucionários armados com a ciência do proletariado, com a doutrina inventiva de Marx, Engels e Lenin, porque é verdadeira, podemos afirmar com certeza que o povo brasileiro derrotará o fascismo. E para isto conta com a solidariedade internacional de todos os povos que lutam pela paz e o progresso. Conta com a solidariedade de combate das forças patrióticas de todos os países da América Latina,

Brasil, «grande potência emergente», segundo suas palavras, é da maior utilidade para ajudar os Estados Unidos a policiar o mundo.

O camarada Luís Carlos Prestes terminou o seu discurso com as seguintes palavras, dirigidas aos trabalhadores de Lisboa, aos camaradas e amigos de Portugal:

Vossa revolução é um exemplo para todos os povos que ainda lutam para libertar-se do fascismo e do imperialismo. Ela inspira confiança em todos nós, sabemos que vossa palavra de ordem «A vitória é difícil, mas é nossa!» será transformada em realidade. São grandes, sem dúvida, as dificuldades ainda a vencer, mas elas serão superadas, disto temos a certeza. Porque a vossa luta se baseia na unidade da classe operária e de todas as forças democráticas do vosso país, e tem a inspiração e a condução do heróico Partido Comunista Português, guiado pela experimentado Comité Central que tem à sua frente nosso querido camarada Álvaro Cunhal.

Abaixo o fascismo nas terras da América Latina, que há-de ser livre!

Liberdade para Corvalan, Maidana, Perez, Massera e Osvaldo Pacheco, e para os milhares de presos políticos de nosso continente latino-americano!

Viva Portugal democrático!
Viva o heróico Partido Comunista Português!

Viva a amizade e a solidariedade entre os povos e os partidos marxistas-leninistas da América Latina e de Portugal!

Viva o internacionalismo proletário!

DISCURSO DE RODNEY ARISMENDI

«Como não vamos nós acreditar, companheiros, vendo este comício, vendo a solidariedade mundial, que não vamos poder arrancar das mãos dos verdugos os presos da Revolução latino-americana?»

Em nome da classe operária e do povo do Uruguai, dos combatentes da clandestinidade, dos milhares de camaradas e patriotas que nos quartéis, nos cárceres, nas câmaras de tortura, desafiam o fascismo, mostrando a sua fé inquebrantável na vitória, em nome dos milhares de exilados espalhados pelo mundo escapando à mão do fascismo e à crise económica, em nome de um povo que continua de pé lutando pela liberdade, pela independência nacional, pelas transformações económicas mais profundas, pela continuidade das melhores tradições libertadoras que vêm do passado da nossa pátria, queremos dizer-lhes, camaradas portugueses, muito obrigado. Muito obrigado pela vossa solidariedade combativa.

Neste campo cheio de cor é de vida, onde estão lado a lado os homens do aço vermelho que o terror fascista e a tortura não conseguiram quebrar, com os povos combatentes da classe operária, com os jovens, as raparigas e até as crianças, neste campo que é expressão viva do novo Portugal revolucionário, estamos vendo a imagem do novo Portugal e do grande Partido Comunista Português.

Nada foi oferecido ao vosso Partido para que tenha chegado a ser este grande partido de massas: foram vocês que o forjaram, os que lançaram as sementes, os que ergueram a perspectiva da felicidade socialista, os que se colocaram ombro a ombro com os militares patriotas na hora do derube do fascismo, os que mantiveram erguida a bandeira do internacionalismo frente à repressão colonialista em Moçambique, em Angola e na Guiné-Bissau.

Nada foi oferecido aos comunistas portugueses; foi o seu esforço, o seu heroísmo, a sua clareza política, a sua fraternidade com todos os homens democratas, com todas as forças de esquerda, o que construiu esta grande força combatente que aqui está, manifestando a força do Partido e demonstrando ser uma sentinela viva das conquistas democráticas da sua revolução.

Nesta Jornada de solidariedade temos podido, visitando diversos lugares, verificar a profundidade do vosso processo revolucionário. Pudemos ver o avanço desta Revolução democrática, não só porque abateu o fascismo, não só porque deu a liberdade ao povo, não só porque permitiu aos trabalhadores unificar-se na sua poderosa central, mas também porque foi abatendo os velhos privilégios, nacionalizou os grandes monopólios e empresas fundamentais e abriu o caminho para a Reforma Agrária que transforma Portugal e que traz as massas dos campos ao processo revolucionário.

Estivemos com os operários de

acompanhado pelo campo socialista e pela imensa solidariedade dos povos do mundo, infligiu uma derrota histórica ao imperialismo norte-americano. Cuba, pequena ilha das Caraíbas, bem perto e ameaçada pelo imperialismo norte-americano, venceu. Primeiro pela profundidade da sua revolução e pelo empenho do seu povo; segundo pela solidariedade da União Soviética e dos outros países do campo socialista; terceiro pela solidariedade dos povos latino-americanos e de todos os povos da Terra. Há muito pouco tempo, Angola voltou a demonstrar esta verdade da época contemporânea.

Como não vamos nós acreditar, companheiros, vendo este comício, vendo a solidariedade mundial, que não vamos poder arrancar das mãos dos verdugos os presos da Revolução latino-americana? Como não vamos nós acreditar que o nosso grande amigo Corvalan poderá um dia estar aqui com todos nós, com Cunhal, com Prestes e com Riquelme? Como não vamos nós acreditar que salvaremos a vida de António Maidana e de outros presos paraguaios, que há 16 anos vegeta num pequeno calabouço de polícia, arredado do mundo? Como não vamos nós acreditar que salvaremos os meus camaradas do Uruguai, Jaime Perez, Massera, Altosor, quando a solidariedade internacional me arrancar a mim da prisão? Tal como aos presos do Brasil, aos heróicos lutadores da Guatemala e do Haiti?

O fascismo na América Latina não é apenas a ferocidade sadica, a tortura e o assassinato, o vergulho laço do imperialismo assassinando o seu povo. Não é só a miséria, a fome, a opressão. É também um instrumento do imperialismo norte-americano contra o movimento de libertação dos povos do mundo, contra o campo socialista, contra o Portugal democrático, contra os povos da América Latina que iniciaram o caminho da sua libertação.

O PLANO DO IMPERIALISMO

Os sectores mais belicistas e reacçãoários do imperialismo norte-americano, apesar das sucessivas derrotas mundiais, trataram de deter o processo revolucionário na América Latina e de transformar o nosso continente num instrumento da estratégia global norte-americana apontada contra todas as correntes progressistas do mundo e contra a paz. Nesse plano, o objectivo imediato foi o processo revolucionário no Chile. A vitória chilena, que avançava rumo ao socialismo, era um momento de clarificação de uma América Latina que durante 20 anos havia sido sacudida por convulsões. Desde meados dos anos 50 o processo revolucionário latino-americano vinha-se desenvolvendo. Cairam as mais ferozes tiranias. A classe operária, hoje uma enorme força social, entrava em cena no continente. A juventude estudantil, generosa e sacrificada que tantas vezes deu o seu sangue para regar a árvore da liberdade, a intelectualidade, antena sensível do processo revolucionário, alinhavam-se contra o imperialismo e começavam a derrotar as velhas forças que o imperialismo utilizava, as forças armadas, a Igreja, as velhas instituições repressivas.

A Revolução cubana marca neste processo uma viragem fundamental. O socialismo chega ao nosso continente. Cuba empunha a bandeira da libertação para os nossos povos. Aponta contra o latifúndio e contra o imperialismo, os dois braços da cruz onde está crucificado o povo do continente. E nada consegue deter essa revolução que dá novo impulso a este processo.

E apesar do imperialismo desencadear o seu primeiro golpe no Brasil a revolução continua. Toma o aspecto da Revolução peruana encabeçada pelos militares, manifesta-se por outras expressões anti-imperialistas noutros países. Triunfa no Chile, nas eleições que levam Salvador Allende, este herói da nossa liberdade, à Presidência da República.

No Uruguai, o conjunto da classe operária, organizada e dirigida pelo Partido Comunista, unida aos estudantes, aos professores, à intelectualidade, avançava



combatendo e abrindo uma nova realidade no país. A unidade política tinha sido construída. Comunistas, socialistas, democratas-cristãos, militares de esquerda, formavam uma frente ampla e unido-se ao movimento operário, abria uma nova alternativa de poder.

Caiu a ditadura argentina e as massas conquistavam as ruas. O imperialismo norte-americano, jogando a cartada feroz do fascismo, apontava os golpes de Estado no Bolívia e Uruguai e finalmente no Chile, assassinando Allende e milhares e milhares de patriotas e revolucionários.

Era o plano do imperialismo e da reacção para deter o processo de libertação dos povos da América Latina. Era também um reajustamento da sua estratégia apesar de derrotado no Vietnam, apesar de se ver forçado a sentar-se à mesa da coexistência e do desanuviamento, para desencadear novos focos de agressão e de provocação no mundo.

Quem admira que Bordaberry e Pinochet, que Geisel e Banzer, que Stroessner proclamem que são os novos cruzados da guerra contra o marxismo, que proclamem que terminou a hora da democracia e que são necessários governos autoritários e ferozes, sangrentos e assassinos. É isto que dá a característica mais feroz às ditaduras que existem nos nossos países. Milhares e milhares de presos, centenas e centenas de torturados. Todos os métodos herdados da época medieval e adquiridos pela revolução técnica e científica, usados pelos paraquedistas na Argélia, pelos assassinos ianques no Vietnam, do fascismo espanhol e português, tudo isto é aplicado, como uma ciência da morte, para destruir milhares e milhares de pessoas ou tentar levá-las à delação. São centenas os que morreram na tortura. E quantas mais vítimas em toda a América Latina? Quantos dirigentes comunistas assassinados na Guatemala e no Haiti? Junto a nós nesta luta, marcha uma legião de mortos e de mártires. Desde Allende a Guevara, Monzon, Humberto Alvarado, os mortos do Brasil aos assassinados do meu país.

A solidariedade internacional contra o fascismo é também uma defesa da paz, do desanuviamento, da democratização.

A REVOLUÇÃO AVANÇA

Claro que a América Latina não é só isto. A América Latina é Cuba. A América Latina é uma revolução em marcha que nada poderá deter. Nem a invasão imperialista, nem a sanha assassina dos novos sanha assassina dos novos hitleres. Ela nasce das entranhas do nosso continente de riquezas infinitas, com todas as matérias-primas com vegetação luxuriante que alimentaria as mais prósperas agriculturas de um continente inteiro, com rios gigantes capazes de assegurar o potencial hidroeléctrico de um continente inteiro, com dois oceanos abertos ao comércio mundial.

Porém, milhões de latino-americanos dormem sem pão, vegetam nos campos em imensas extensões de latifúndio, enquanto dólar a dólar os monopólios do imperialismo norte-americano vão enriquecendo com a dor e o sofrimento do nosso povo.

Sobre esta base assenta a crise profunda da sociedade latino-americana, de onde já saiu Cuba, onde crescem as bases de oposição ao imperialismo e ao fascismo, onde atrás de cada

mártir que cai um outro se ergue e empunha a sua bandeira, como dizia o nosso grande amigo e herói, Che Guevara.

No nosso país, frente ao fascismo, erguemos a unidade mais ampla e total. O fascismo é feroz mas é débil. Mergulhou o país na crise mais profunda. Encheu as prisões. Saqueou as bibliotecas e queimou os livros como Hitler. Interveio nas escolas e mergulhou-as na degradação fascista. Transformou o Uruguai numa pequena roda do instrumento para o domínio panamericano pelos Estados Unidos. Mas não conseguiu quebrar a resistência do nosso povo.

Em Julho de 1973, quando se instalou a ditadura, a classe operária uruguaia respondeu com uma greve geral de 16 dias, com o bloqueio das fábricas, manifestações de rua que acabaram por ser dispersas pelos tanques no centro de Montevideo. E a luta continuou sem tréguas. Os sindicatos estão proibidos, mas a luta operária não pára. A Universidade está ocupada e sangue estudantil corre generoso nas ruas das nossas cidades, mas cada escola é um foco de resistência e de liberdade. A intelectualidade é mandada para a prisão ou para o desterro, os seus livros são proibidos, os teatros encerrados. Mas a voz de tudo o que é válido na literatura, na arte, no canto, na expressão popular, grita contra o fascismo numa grande coluna redentora.

A ditadura não conseguiu o apoio de nenhum partido político. Tem contra ela a Igreja católica que em vez de submeter-se aos elementos reacçãoários da hierarquia, tomou o caminho da defesa da liberdade. No próprio seio das Forças Armadas há patriotas que procuram as soluções. Tem contra ela o nosso Partido, pilar central da resistência, o que tem a mais elevada contribuição de presos e de mortos. O nosso Partido que se mantém na clandestinidade com a sua imprensa, o seu trabalho de organização, luta pela unidade de todos os patriotas e democratas, civis e militares, religiosos e laicos, operários ou de outras camadas sociais. A primeira grande tarefa histórica é salvar a nossa Pátria do fascismo. Retomamos o maior legado da luta pela independência.

Recentemente, a ditadura proibiu que o título do nosso herói Artigas estivesse inscrita qualquer uma das suas frases revolucionárias, verdadeiros legados de liberdade que unem quase todo o povo uruguaio.

Artigas disse, nas horas mais críticas da luta pela independência, «não vender o rico património dos uruguaios pelo baixo preço da necessidade». E eles vendem até as coras da nossa bandeira. Artigas disse «tremam os tiranos ao passo dos homens livres» e claro que eles tremem atrás das suas baionetas, das suas legiões de torturadores, porque estão cercados pelo ódio de todo um povo e rodeados por um mundo que os aponta a dedo como continuadores do hitlerismo, do franquismo, do salazarismo, de tudo o que a peste regressiva e fascista deixou no mundo. Artigas disse «tomar as terras dos exploradores estrangeiros e dá-las aos índios, aos negros, aos crioulos pobres, aos soldados da independência», e eles sustentam os latifúndios e os monopólios, mergulhando o país na miséria. E Artigas disse «não tenho mais inimigos do que os que se opõem à felicidade pública». Esta frase é de facto uma bandeira para unir todo o povo uruguaio na hora presente, para libertá-lo do fascismo e para que o sol da liberdade brilhe para todos nós.



Os nossos camaradas latino-americanos, acompanhados pelo camarada Álvaro Cunhal e por outros membros do CC, estiveram numa sessão de convívio com o povo de Alfama

O INTERNACIONALISMO PROLETÁRIO NÃO COLIDE COM A LUTA PELA VERDADEIRA INDEPENDÊNCIA — salientou o camarada Álvaro Cunhal no Campo Pequeno

«A revolução portuguesa, além de tudo quanto representa para o povo português, é uma contribuição para a luta dos trabalhadores e dos povos dos outros países. Temos por isso consciência de que, a par das responsabilidades que assumimos perante o nosso povo, temos também responsabilidades para com o movimento comunista internacional, para com os trabalhadores e os povos em luta contra o imperialismo»

Camaradas:
Hoje é um grande dia para os comunistas e os trabalhadores de Lisboa. Grande dia porque, neste acto que aqui estamos realizando podemos sentir ao vivo o significado da solidariedade e da fraternidade de combate baseadas no internacionalismo proletário, porque sentimos simultaneamente a profunda alegria de estendermos a nossa mão amiga a fraterna aos revolucionários e aos povos da América Latina, e de vermos que por sua vez, os comunistas e os povos da América Latina vêm à nossa terra, para nos estenderem, em apoio da nossa luta, a sua mão firme e provada na luta pela liberdade, a independência nacional e o socialismo.

SOLIDARIEDADE RECÍPROCA

Querido camarada Luís Carlos Prestes, querido camarada Rodney Arismendi, querido camarada Samuel Riquelme:

Os nossos Partidos têm de há muito relações de fraterno amizade. Vêm do tempo em que vivíamos e lutávamos, nós, os comunistas portugueses, nas severas condições de repressão fascista, condições em que dificilmente vos podíamos convidar a visitar a nossa pátria, transformada então num grande campo de concentração.

Compreendéis por isso, queridos camaradas, como para nós, comunistas portugueses, assim como para a classe operária e os trabalhadores do nosso país, constitui hoje uma imensa alegria, além de uma honra, receber-vos aqui em Portugal, num Portugal cujo nome durante 60 anos foi citado em todo o mundo como símbolo da opressão colonialista e fascista, mas que é hoje citado como um símbolo de um povo europeu libertado, revolucionário e insubmisso, que luta tenazmente para construir uma vida democrática em direcção ao socialismo.

Durante quase meio século de ditadura fascista, nós, os comunistas portugueses, recebemos sempre demonstrações bem vivas de apoio, estímulo e solidariedade dos partidos irmãos, dos trabalhadores e dos povos de todo o mundo.

Julgo ser justo aproveitar esta ocasião para expressar publicamente aos nossos camaradas chilenos, brasileiros e uruguaios, aos comunistas e aos povos da América Latina, a nossa eterna gratidão pelo apoio vivo e actante que sempre nos deram quando lutávamos nas negras condições do fascismo.

Pela nossa própria experiência sabemos bem o que significa a solidariedade internacional para com os comunistas e os povos tiranizados. Pela nossa parte somos e seremos sempre activamente solidários para com os povos da América Latina e para com a sua luta heroica contra o imperialismo.

Estamos certos de expressar os sentimentos da classe operária, dos trabalhadores, de todos os democratas e antifascistas portugueses, ao erguermos aqui a nossa voz de protesto contra a repressão exercida sobre os trabalhadores e os democratas do Brasil, do Chile, do Uruguai, de todos os países que, na América Latina, estão submetidos a ditaduras reacçãoárias e fascistas.

Daqui exigimos que cessem imediatamente as perseguições, as prisões, as torturas, os raptos, os assassinatos, as pesadas condenações, que sejam libertados todos os democratas e patriotas, que sejam respeitadas as liberdades dos cidadãos e os direitos humanos hoje traídos e espezinhados.

Daqui exigimos que sejam libertados Luís Corvalán, António Maidana, Jaime Pérez, e todos os presos políticos dos países da América Latina sujeitos a ditaduras reacçãoárias e fascistas.

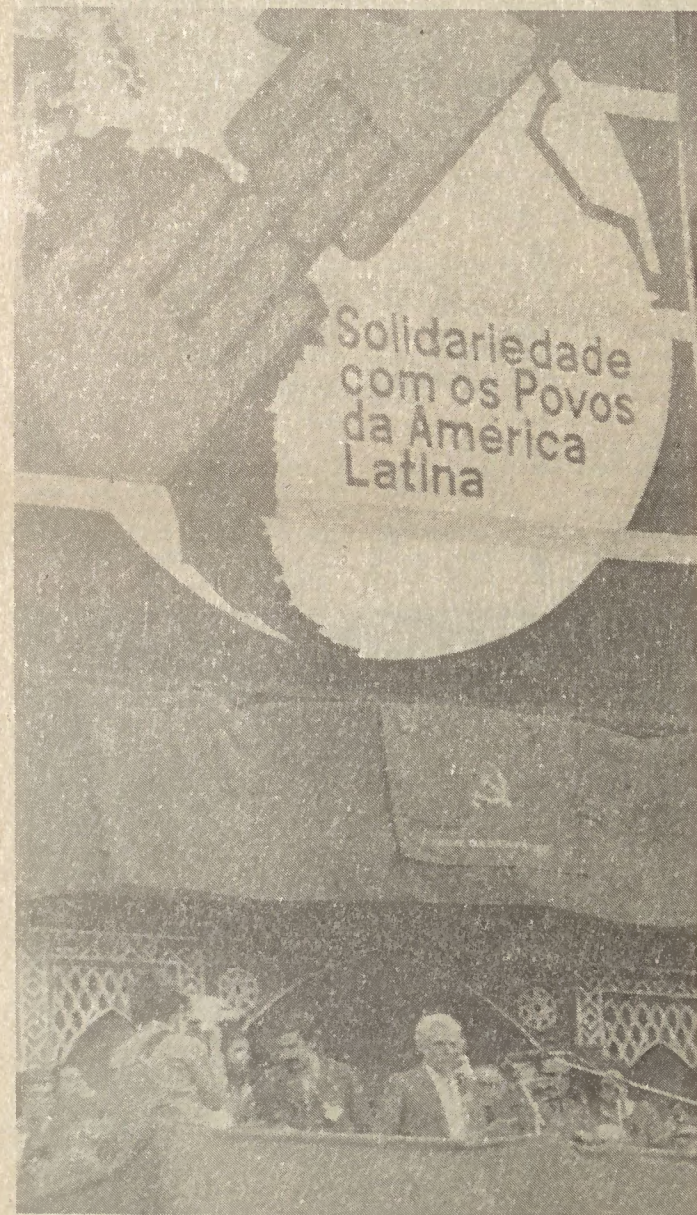
A revolução na América Latina sofreu vezes num ou noutro país. Mas a luta heroica dos povos continua.

A bandeira gloriosa da Revolução Cubana continua a flutuar invencível e as realizações e vitórias de Cuba revolucionária, assim como a combatividade e heroísmo dos comunistas nos diferentes países da América Latina, inspiram os combatentes e os povos e tornam indestrutível a sua confiança no futuro.

Camaradas: Nós chamamos a este começo um começo de solidariedade para com os povos da América Latina, mas temos de reconhecer que esta designação, sendo justa, é incompleta. E é incompleta porque, se aqui, neste começo, está bem viva a solidariedade portuguesa para com os lutadores latino-americanos está também a expressão da solidariedade dos comunistas e dos povos latino-americanos para com os comunistas e o povo de Portugal, para com a revolução portuguesa.

Nós queremos tanto mais salientar esse apoio e activa solidariedade dos camaradas latino-americanos, porque não há sentimentos de solidariedade mais profundos que os daqueles que, vivendo e lutando nas condições mais difíceis, se lembram e procuram ajudar os seus irmãos de combate de outros países.

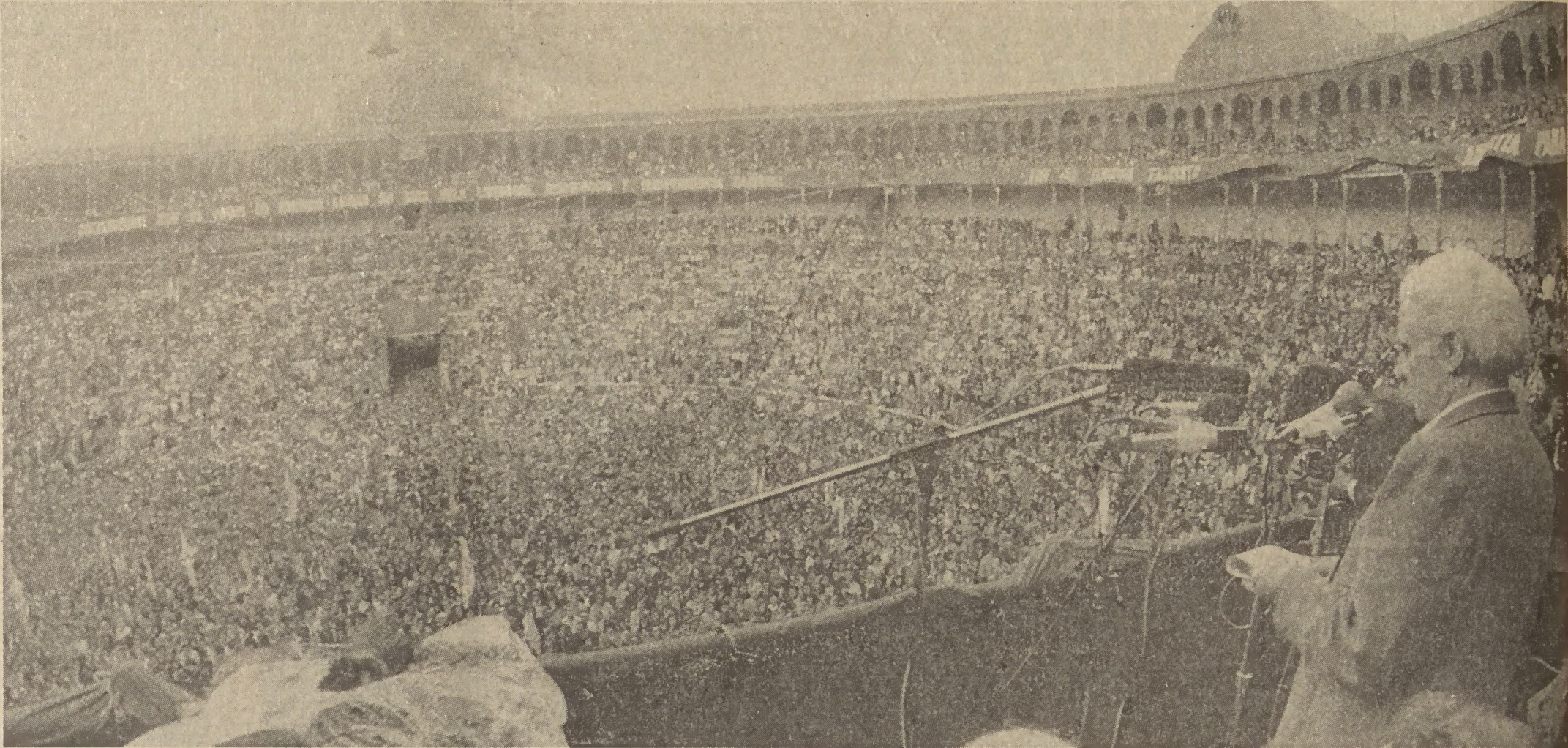
Vós, queridos camaradas chilenos, uruguaios, brasileiros, luteis presentemente nas cruéis condições de ditaduras terroristas e entretanto, tal como nos tempos das ditaduras de Salazar e Caetano tendes sempre acompanhado, compreendido e apoiado a nossa luta nas novas e complexas condições de Portugal libertado do fascismo. Somos nós, queridos camaradas, que em nome do nosso Partido, do nosso povo, vos devemos dizer obrigado, queridos camaradas.



FIDELIDADE AO INTERNACIONALISMO

É porque compreendem a importância de unidade e solidariedade internacionais que o imperialismo e a reacção mundial procuram dividir as forças revolucionárias. Procuram denegrir a realidade dos países socialistas, diminuir a confiança dos trabalhadores na vitória da sua própria causa, voltar os comunistas e os trabalhadores contra a União Soviética (principal fortaleza dos trabalhadores e das forças do progresso e da paz em todo o mundo) e contra os outros países socialistas.

Procuram fomentar dificuldades e dissídios entre países socialistas e entre partidos comunistas e operários.



Procuram fomentar e criar dificuldades entre os países socialistas e o movimento operário de um lado e o movimento de libertação nacional do outro.

Todos, aqui em Portugal, assistimos à campanha de desinformação, de mentiras e calúnias acerca das relações de Portugal com a União Soviética e outros países socialistas (é o caso do vinho, é o caso dos sapatos, é o caso do petróleo), procurando apresentar como relações prejudiciais para Portugal relações altamente vantajosas para a economia portuguesa e que, de facto, do lado dos países socialistas, são animadas pela solidariedade para com a revolução portuguesa.

Todos aqui em Portugal assistimos ao dilúvio de materiais, de artigos, dedicados ao anticomunismo e ao anti-sovietismo, fabricados nos grandes centros de desinformação e diversão ideológica.

Todos sabemos que pressões sobre os comunistas são exercidas, não só pelas forças reacçãoárias, mas pelos aliados efectivos ou potenciais, que põem como condição da aliança a tomada de posições anti-soviéticas por parte dos partidos comunistas.

Aqui, em Portugal, também alguns insistem em que a razão das dificuldades de uma aliança com o PCP são as posições positivas do PCP em relação à URSS e a outros países socialistas.

A nossa posição está definida e bem definida. Estamos profundamente interessados na unidade democrática e antifascista, na unidade com o PS. Estamos dispostos a discutir, a dialogar, a encontrar em comum plataformas políticas e de acção prática. Mas não traficamos com posições essenciais. O espírito de classe e a consciência revolucionária do nosso Partido não são moeda de troca nem com inimigos nem com aliados.

Repetindo as calúnias mais vis, a reacção exerce uma pressão constante para que os comunistas e os trabalhadores «marquem distâncias» em relação à URSS e aos países socialistas, e quando tais ou tais sectores do movimento operário cedem a essa pressão e embarcam no navio apodrecido do anti-sovietismo, logo as forças reacçãoárias e conservadoras lhes fazem o elogio e lhes passam atestado de nacionais e independentes.

Ao contrário, quando um partido, cioso da sua real independência de classe, resiste de cabeça erguida à pressão reacçãoária e imperialista e mantém a sua fraterno amizade com a União Soviética e os outros países socialistas, como os partidos comunistas irmãos, é alvo das mais ferozes acusações e ataques.

Nós, comunistas portugueses, não estamos interessados nos attestados de bom comportamento passados pelos imperialistas e pela reacção.

Estamos certos de que não existe em Portugal um único comunista que admitisse que o seu Partido entrasse no jogo anti-soviético e recebesse por esse facto os elogios de Freitas do Amaral, de Sá Carneiro e mesmo de Mário Soares.

Queremos uma vez mais dizer que não cedemos nem cedermos à chantagem do imperialismo e da reacção, nem às pressões dos aliados em questões essenciais de princípio e que nos manteremos, como nos mantivemos sempre, em posições internacionalistas, solidários para com a URSS e os outros países socialistas — cujas realizações, defesa e política, a par da luta da classe operária, dos trabalhadores e do movimento de libertação, desempenham um papel determinante ao desenvolvimento do processo revolucionário mundial — solidários para com os partidos comunistas e os trabalhadores de todos os países solidários para com os povos em luta pela conquista, a defesa e a consolidação da independência.

Faremos tudo o que esteja ao nosso alcance para manter e reforçar os laços de amizade e cooperação com todos os partidos irmãos.

Pela nossa parte tudo faremos também para manter e reforçar os laços de amizade e cooperação com os partidos e movimentos revolucionários dos países que lutam pela independência ou pela sua consolidação, designadamente os laços de amizade e cooperação com os partidos revolucionários que dirigiram a luta de libertação contra o colonialismo português — o PAIGC, a FRELIMO, o MPLA — laços de amizade e cooperação que se revelaram, nos tempos do fascismo, como nos tempos de hoje, como a mais elevada expressão da fraterno e indestrutível amizade existente entre o povo português e os povos de Angola, Moçambique, Guiné-Bissau e Cabo Verde.

INTERNACIONALISMO E DEFESA DOS INTERESSES NACIONAIS

Uma orientação internacionalista não só não contradiz, como coincide com a defesa dos interesses nacionais.

Enquanto os interesses do grande capital chocam com os interesses do país, a luta emancipadora da classe operária e das massas trabalhadoras funde-se harmoniosamente com a luta pela verdadeira independência nacional.

Os laços de amizade, de cooperação, de solidariedade entre a classe operária, entre as forças revolucionárias dos diversos países, em nada contradiz, antes reforça, a defesa em cada caso dos interesses nacionais.

Na luta do nosso Partido e do nosso Povo, é disso exemplo vivo a fraternidade do combate e o apoio recíproco do povo português e dos povos antes submetidos ao colonialismo português.

Enquanto o apoio dos comunistas e do Povo português à luta desses povos correspondia inteiramente aos interesses nacionais portugueses, aqueles que beneficiavam da dominação colonial e a defendiam eram aqueles mesmos que actuavam como agentes da exploração e da submissão ao imperialismo estrangeiro.

Assim também hoje, aqueles que pretendem ressuscitar a mentalidade colonialista são os mesmos que querem submeter Portugal ao imperialismo estrangeiro, que aceitam, quando não invocam, as pressões imperialistas sobre a política portuguesa, que aceitariam que fossem os senhores Kissinger ou Schmidt a determinar qual o regime político e qual o governo que Portugal deve ter.

Cumplicidades com a intervenção imperialista em Angola, a hostilidade para com o MPLA, o atraso no reconhecimento do governo da República Popular de Angola, causaram profundos prejuízos aos interesses nacionais, não apenas nos planos político e moral, mas também nos planos económico e comercial.

Corresponde inteiramente, tanto aos nossos deveres internacionalistas

como aos interesses nacionais, uma política de amizade e cooperação de Portugal com Moçambique, Angola, Guiné-Bissau, Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe, orientados pelos princípios da igualdade, do respeito pela soberania, do respeito mútuo dos interesses da não ingerência nas questões internas.

Os interesses nacionais portugueses defendem-se não com uma política de participação na intriga, intervenção e revanche neocolonialista em África, mas com uma política de amizade fraterno e de cooperação com os povos que se libertaram do colonialismo português.

Assim também sem contradição de uma política externa do Estado, fundada nos princípios da amizade, cooperação e coexistência pacífica, os interesses nacionais portugueses são defendidos com a solidariedade internacionalista da classe operária, das massas trabalhadoras, do povo português, e das forças progressistas de Portugal para com os povos do Brasil, Chile e Uruguai, para com todos os povos da América Latina, para com todos os povos do Mundo vítimas da opressão e da tirania.

Enquanto a reacção interna se socorre do imperialismo contra o nosso próprio povo, somos nós, os comunistas, internacionalistas consequentes e firmes defensores dos interesses nacionais e da independência nacional, que mantemos firmemente que Portugal não tem de receber ordens de Kissinger ou de Schmidt e que em Portugal quem deve mandar são os portugueses.

CARACTERÍSTICAS ESPECÍFICAS DA REVOLUÇÃO PORTUGUESA

Há quem pretenda que as posições internacionalistas de um partido comunista podem levá-lo a adoptar uma orientação e a traçar objectivos que não se quadrem com a realidade nacional respectiva.

Alguns críticos fáceis do PCP afirmam por exemplo, que o PCP quer copiar para Portugal o modelo de tal ou tal revolução.

A verdade é que o PCP, apreciando altamente as conquistas históricas alcançadas nos países socialistas, procurando ter em conta as experiências dos outros partidos irmãos e dos outros povos, defendendo que há leis gerais, características universais das revoluções, considera que as revoluções não se copiam e que não há modelos válidos para todos os países e para todas as épocas.

A própria revolução portuguesa mostrou um processo de desenvolvimento com numerosas particularidades e originalidades que diferenciam radicalmente a situação política e as perspectivas do desenvolvimento do nosso país, da situação e perspectivas de desenvolvimento dos outros países da Europa Ocidental.

A revolução portuguesa não se fez nem faz para corresponder a quaisquer modelos, tão pouco ao modelo da chamada via europeia ou mediterrânica para o socialismo.

As revoluções não se fazem com régua e esquadro e a revolução portuguesa não esteve à espera de um processo parlamentarista que poderia durar tanto vinte como cinquenta anos, para proceder a transformações económicas e sociais profundas exigidas pelo próprio processo democrático.

A classe operária, as massas trabalhadoras, as forças revolucionárias portuguesas, puseram fim ao capitalismo monopolista de Estado, assestaram com as nacionalizações e a reforma agrária golpes mortais aos grupos monopolistas e aos latifúndios e não vão agora aceitar que alguém pretenda contestar e liquidar as grandes conquistas da revolução, porque não se fizeram seguindo as vias, os processos, as previsões e as expectativas de tal ou tal socialismo europeu-occidental ou mediterrânico.

Nada temos de admirar se amanhã os Melos, os Champallimaud, os Espírito Santo, vierem defender a recuperação capitalista, afirmando que eles até estão de acordo com a perspectiva socialista, até estão de acordo com as nacionalizações, mas (que diabo) feitas de outra forma e que por isso é necessário que lhes sejam restituídos os bancos, as fábricas, as empresas nacionalizadas, que que depois se siga muito ordinarmente seja o caminho da social-democracia, seja a chamada via europeia ou mediterrânica para o socialismo.

É evidente, camaradas, que isto não acontecerá.

Nós, os comunistas portugueses, precisamente porque não copiamos modelos, consideramos que as conquistas da revolução portuguesa são conquistas históricas da classe operária e do Povo de Portugal e que a defesa das liberdades em Portugal é inseparável da defesa das nacionalizações, da reforma agrária, do controlo operário, da gestão económica pelos trabalhadores, que a democracia portuguesa, como a própria realidade mostra, se defende, se consolida e se constrói não no caminho do regresso do capitalismo monopolista, mas no caminho do socialismo.

O MOMENTO POLÍTICO ACTUAL

As forças da direita reacçãoária, ao mesmo tempo que conspiram, organizam golpes, desenvolvem actividades terroristas e preparam a conquista do poder através de meios legais e violentos, pensavam que, aproveitando da situação antidemocrática existente em vastas zonas do território nacional, poderiam alcançar uma maioria nas eleições para a Assembleia da República e alcançar assim o poder de forma legal e constitucional e impor depois uma nova ditadura.

A direita foi porém derrotada e o povo português votou sem qualquer sombra de dúvida contra os partidos reacçãoários (o CDS e o PPD), e para uma maioria de esquerda e para um governo de esquerda, com o PCP.

Comunistas e socialistas têm na Assembleia da República uma maioria confortável de votos. É necessário que essa maioria aritmética se transforme numa real maioria política.

Nós insistimos na necessidade de uma aliança com o PS e estamos prontos a debater todas as questões relacionadas com a concretização numa maioria de esquerda e de um governo de esquerda, correspondente do voto popular expresso nas últimas eleições.

A reacção não se dá por vencida e procura agora recuperar através das eleições presidenciais o que perdeu nas eleições legislativas. O oportunismo dos partidos da direita é tão flagrante que chega a tornar-se ridículo.

Como acreditar no CDS, se depois de votar contra a Constituição, depois de increver nos seus planos a revisão da Constituição, depois de

fazer apelos à acção contra disposições fundamentais da Constituição, vem declarar o seu apoio a um candidato dizendo que o faz precisamente porque este declara peremptoriamente ser seu propósito respeitar e fazer respeitar a Constituição?

Era bem mais leal se o CDS apresentasse o seu próprio candidato, que viesse procurar ganhar votos dizendo que o seu programa não é a liberdade mas a repressão, não é a independência nacional, mas a submissão ao imperialismo, não é o progresso económico e social mas a recuperação capitalista e agrária, não é a Constituição mas a moça de Rio Maior.

Camaradas:

Muitos boatos têm sido postos a correr pela reacção acerca do apoio que o PCP estaria dando directa ou indirectamente a tal ou tal candidatura militar. Quero aqui desmentir formalmente todos os boatos que têm corrido a esse respeito. Até hoje o PCP nada resolveu ainda. Continuamos a examinar todas as hipóteses, incluindo a apresentação de uma candidatura civil e contamos tornar pública a nossa decisão nos princípios da próxima semana.

Queremos desde já esclarecer que, em qualquer decisão que venha a tomar em relação às eleições presidenciais, o PCP se orientará por alguns objectivos fundamentais:

- Contribuir para a consolidação, estabilidade e prosseguimento do processo democrático;
- Impedir a renovação de uma Santa Aliança anticomunista e contribuir para a aproximação e unidade da classe operária, das massas populares e das forças democráticas, designadamente de comunistas e socialistas;
- Contribuir para a continuação da aliança do Povo com as Forças Armadas e para a unidade das Forças Armadas, na base dos princípios libertadores e da liberdade do 25 de Abril e da aplicação e defesa da Constituição;
- criar condições que facilitem a concretização da vontade popular expressa nas últimas eleições, ou seja, a criação de uma maioria de esquerda na Assembleia da República e a criação de um governo de esquerda com participação comunista.

A situação exige muito sangue-frio na análise da situação e pedimos a todos os camaradas e amigos que não se deixem arrastar por boatos e especulações e por gente que, com a intriga política e particularmente com o ressurgir do verbalismo esquerdista irresponsável procura colocar o PCP contra as Forças Armadas para conduzir o nosso Partido à derrota, procura anular o grande sucesso alcançado pelo PCP nas últimas eleições, procura impedir que se concretize a unidade de esquerda, de que depende, afinal, no momento presente, a defesa e a continuação da vida democrática e do processo democrático.

O PCP é um Partido com grande responsabilidade na vida política nacional. As suas decisões relativas às eleições presidenciais serão determinadas pela noção dessa responsabilidade.

A força de um partido revolucionário da classe operária não se vê na exaltação das palavras, mas no acerto das suas decisões. Pela sua justa orientação e actuação, o PCP tem reforçado incessantemente a sua força organizada e a sua influência, tem reforçado a confiança que lhe dispensam a classe operária, as massas trabalhadoras, amplos sectores democráticos de tendências diversas. Isso sucedeu recentemente, quando das eleições para a Assembleia da República e estamos certos de que o mesmo acontecerá na nova batalha que nos espera nas eleições presidenciais.

MENSAGEM À AMÉRICA LATINA

A revolução portuguesa, além de tudo quanto representa para o povo português, é uma contribuição para a luta dos trabalhadores e dos povos dos outros países.

Temos por isso consciência de que, a par das responsabilidades, que assumimos perante o nosso povo, temos também responsabilidades para com o movimento comunista internacional, para com os trabalhadores e os povos em luta contra o imperialismo.

É com a noção de umas e de outras que actuamos para defender e consolidar o novo Portugal libertado do fascismo, para que prossiga a construção da democracia portuguesa rumo ao socialismo.

Por isso, com a certeza da nossa solidariedade activa, pedimos aos camaradas nossos visitantes que transmitam aos seus povos e a todos os povos da América Latina, que os comunistas portugueses, e com eles, a classe operária e as massas trabalhadoras, as forças progressistas de Portugal, estão firmemente dispostos a defender e consolidar as liberdades e as outras conquistas da revolução portuguesa, em prosseguir o processo revolucionário da construção de um Portugal democrático, pacífico e independente.

Transmitam-lhes que os comunistas portugueses, hoje, no novo Portugal democrático, como ontem no Portugal fascista, não pouparão esforços, não pouparão energias, estão prontos a sacrifícios se necessário, para assegurar a vitória da grande causa dos trabalhadores para que no nosso país se venha a construir uma sociedade libertada da exploração capitalista e de todas as formas de opressão e injustiça social, uma sociedade sem exploração do homem pelo homem, uma sociedade socialista.

Transmitam-lhes, finalmente, que os comunistas portugueses e com eles o povo de Portugal, todas as forças progressistas, estão ao lado dos povos da América Latina, absolutamente certos de que os povos do Chile, do Brasil, do Uruguai, de que todos os povos hoje tiranizados por ditaduras reacçãoárias e fascistas, continuarão a sua luta heroica, sob a direcção das suas vanguardas revolucionárias, os partidos comunistas, até à sua completa libertação, até à vitória final.

No Chile, no Brasil, no Uruguai, em todos os países da América Latina, tal como em Portugal, a vitória é difícil, mas é nossa.

Viva os heróicos partidos comunistas irmãos do Brasil, Chile, Uruguai! Viva a Revolução da América Latina! Viva a amizade e solidariedade do Partido Comunista Português para com os partidos irmãos, do Povo português para com os povos da América Latina!

Viva o internacionalismo proletário!

CINCO DIAS DE SOLIDARIEDADE MILITANTE

Cinco dias repletos de solidariedade militante trouxeram a Portugal as experiências dos povos irmãos da América Latina que lutam contra os regimes de opressão e provaram que a classe operária e os trabalhadores portugueses sabem levar à prática os altos princípios do internacionalismo proletário

Muitos milhares de trabalhadores portugueses, unidos por vínculos fraternos e solidários aos seus irmãos de classe e de luta em todo o mundo, participaram activamente nas várias realizações da grandiosa jornada de solidariedade com a luta dos povos da América Latina, pela liberdade, a democracia e a independência nacional. Os camaradas Rodney Arismendi, Luís Carlos Prestes e Samuel Riquelme, respectivamente, primeiro-secretário do Partido Comunista do Uruguai, secretário-geral do Partido Comunista Brasileiro, e membro do Comité Central do Partido Comunista do Chile, tiveram oportunidade de sentir e viver de perto a solidariedade calorosa e fraternal dos trabalhadores comunistas, de outras correntes democráticas e sem partido que, em Lisboa, no Alentejo, e no distrito de Setúbal os saudaram e abraçaram comovidamente, como camaradas num combate que cada vez mais une os povos e os destinos dos países na solidariedade do internacionalismo proletário contra o imperialismo.

Arismendi, Prestes e Riquelme estiveram em fábricas, em cooperativas, na Universidade com os estudantes, em centros de trabalho do nosso Partido, na redacção e noutras secções do «Avante!», no comício inesquecível do Campo Pequeno. Por todo o lado foram acolhidos com a amizade fraterna de combatentes pelos mesmos ideais do socialismo, da paz e do avanço dos povos pelos caminhos da liberdade e da democracia.

Na Siderurgia, na CUF, na Cooperativa Grávo Vermelho, na Covina, nos centros de trabalho do nosso Partido, no Barreiro, em Montemor, em Alhandra, em Alfama, em todos os locais onde estiveram, os nossos camaradas do Chile, do Brasil e do Uruguai ouviram as firmes palavras de solidariedade, a exigência de libertação dos milhares de presos políticos, sobre os quais se abate a repressão brutal e assassina dos regimes fascistas vendidos ao imperialismo americano.

Em todos os locais, essas camaradas latino-americanas falaram da luta dos seus povos, dos trabalhadores e dos partidos irmãos que representam. Ouviram os gritos vibrantes de «fim à repressão na América Latina» e de «Amnistia», de liberdade para Corvallen, Maidana, Jaime Perez. Ouviram asquentes palavras de apoio à vitória: «O Brasil Vencerá!», «O Chile Vencerá!», «O Uruguai Vencerá!».

Os braços e os corações dos combatentes da mesma trincheira estiveram fortemente unidos durante cinco dias, criando laços para o futuro, cimentando a solidariedade com a prática das experiências trocadas, das

«Nos últimos decénios, a América Latina entrou no processo irreversível da Revolução Socialista Mundial, explicando-se assim a imposição, sob os auspícios do imperialismo norte-americano, de ditaduras militares, com o fim de travar o avanço das massas populares em direcção ao Socialismo», afirmou o primeiro-secretário do PC Uruguai, dirigindo-se a uma assistência entusiástica composta, na maioria, por jovens universitários, que manifestaram vibrantemente o seu apoio e seguiram atentamente a intervenção do camarada Arismendi, que receberam de pé e com uma prolongada ovação.

Presentes na mesa que presidiu ao colóquio, os camaradas Albano Nunes, membro suplente do Comité Central do PCP, Zita Seabra, Joaquim Oliveira e Sérgio Costa, todos da Comissão Executiva da Comissão Central da UEC, o historiador Borges Coelho, do Sector dos Intelectuais Comunistas, e ainda Vítor Viçosa, da Célula do PCP dos Professores Universitários.

Depois de traçar um breve panorama do actual momento político na América Latina e mais concretamente no seu país, que se caracteriza pela resistência heróica de um povo contra a tortura e a opressão, o camarada Rodney Arismendi, abordando objectivamente o processo de integração das camadas estudantis nas fileiras do combate antifascista e anti-imperialista, sublinhou:

«Face ao contacto que vão estabelecendo com os princípios do marxismo-leninismo, verifica-se que nos países dominados pela ditadura do capital, os estudantes estão cada vez mais ao lado da classe operária e de todos os trabalhadores, e muitas vezes pagam com a prisão e com o derramamento do próprio sangue, a sua generosidade e a sua força revolucionária, posta ao serviço do combate popular contra a opressão».

Já no final da sessão, e perante os fortes aplausos dos estudantes, que gritaram por várias vezes palavras de ordem do internacionalismo e da solidariedade, o primeiro-secretário do Partido Comunista do Uruguai recebeu um ramo de flores de uma delegação da UEC de Letras.

COM OS JORNALISTAS

Os camaradas Rodney Arismendi, Luís Carlos Prestes e Samuel Riquelme concederam na passada quarta-feira, no Centro de Trabalho do nosso Partido na Avenida da Liberdade, uma conferência de imprensa, durante

democratas e patriotas do Brasil na campanha eleitoral, transformando o voto popular em arma de protesto e de combate contra a política da ditadura».

Numa breve alusão às etapas da luta do povo brasileiro contra o regime opressor de Geisel, o camarada Prestes recordaria aos jornalistas que «em 1974, o povo votou contra a ditadura: manifestou através do voto a sua oposição crescente ao fascismo».

O Brasil, como salientou o camarada Luís Carlos Prestes, foi um aliado da política colonialista praticada pelo regime salazarista. No entanto, foi dos primeiros países a reconhecer o Governo da República Popular de Angola. «O regime militar fascista do Brasil — prosseguiu o secretário-geral do PCB — é hoje a base principal da agressão norte-americana no continente. Os EUA contam com o governo terrorista brasileiro...». O reconhecimento da RPA por parte do Brasil — disse — «obedeceu a uma tentativa de melhorar a sua imagem, muito prejudicada, na África Negra e esta decisão atendeu, ao mesmo tempo, ao interesse dos monopólios imperialistas: o mercado interno brasileiro não acompanha o desenvolvimento da produção e o país precisa de matérias-primas abundantes em Angola».

Referindo-se às Forças Armadas, Luís Carlos Prestes afirmou que «no Brasil e na América Latina, têm uma composição predominante pequeno-burguesa. Nelas estão também numerosos patriotas e democratas». No Brasil, «as Forças Armadas estão unidas pela hierarquia e disciplina autoritária. A ditadura quer dar uma aparência de que elas estão unidas politicamente. Mas, na verdade, as Forças Armadas estão cada vez mais divididas». «Não é por acaso — observou — que os generais apelam cada vez mais frequentemente para a unidade e disciplina...». O camarada Prestes apontou ainda o exemplo da recente substituição do Comandante do II Exército, em São Paulo, como prova «de que há uma parte considerável das FA que não está de acordo com a política terrorista da tortura e do assassinato, praticados pela camarinha fascista».

Mais adiante, traçou uma perspectiva breve da situação criada após o «milagre económico brasileiro», tendo declarado:

«Agrava-se o estado sanitário da maioria da população, privada do socorro médico e, cada vez mais, impossibilitada de adquirir os medicamentos de que necessita».

«Esta a situação em que se encontra o Brasil, sob o governo do ditador Ernesto Geisel. Nos dois anos do seu governo, cresceu a miséria dos trabalhadores, assumiram proporções sem precedentes as concessões aos monopólios imperialistas,



O reforço da solidariedade militante com os povos da América Latina sob o jugo imperialista foi uma constante da visita dos dirigentes comunistas latino-americanos ao nosso país.

quer através de greves, reivindicando melhores condições económicas, quer de greves políticas», salientou a dado passo da sua intervenção, tendo ainda sublinhado que as grandes vitórias e transformações sociais alcançadas pelo glorioso povo chileno através do Governo de Unidade Popular, se deveram à estreita acção dos socialistas, comunistas e outras forças interessadas em estabelecer um regime democrático no Chile. A «unidade é essencial para a vitória», concluiu o camarada do Comité Central do Partido Comunista do Chile.

Também Rodney Arismendi falou do seu país, da situação actual na América Latina, e relatou igualmente o que sentiram e viram em Portugal: «Aqui presenciámos um processo de um povo que compreende perfeitamente não poder voltar ao fascismo». Mais adiante salientou a importância das eleições como factor da estabilização democrática, no momento que o nosso país atravessa.

«O fascismo na América Latina faz parte da estratégia mundial do imperialismo e responde às necessidades do capital financeiro e latifundiário para travar o avanço das forças da paz e da democracia, as quais vêm as suas fileiras reforçadas dia a dia», afirmou o primeiro-secretário do PCU, que, mais adiante, recordou: «Desde 23 de Junho de 1973 implantou-se no meu país uma ditadura fascista. Desde então, e apesar da forte resistência da classe operária, do proletariado rural, dos intelectuais e da juventude, as liberdades fundamentais foram suprimidas. Hoje, num país com menos de três milhões de habitantes, estão encarcerados nas masmorras fascistas 8000 presos políticos e existem 400 000 emigrados e exilados».

Mais adiante, o camarada Arismendi afirmou:

«Quando Franco assassinou seis jovens espanhóis, o mundo todo se levantou em protesto, manifestando a sua solidariedade. Diariamente, são assassinados dezenas de revolucionários, democratas e antifascistas na América Latina. A solidariedade internacional pode impedir que a mão assassina do fascismo continue a sua actividade criminosa».

Analisando a implantação de regimes fascistas em vários países latino-americanos, frisou que «essa é uma política que responde a uma estratégia global do imperialismo norte-americano. Hoje — continuou — já não existem as tradicionais ditaduras militares que se revezavam no poder. São os regimes que se instalam, particularmente no cone sul do continente» — acrescentou Arismendi.

O primeiro secretário do PCU denunciou, também, a tentativa imperialista de organizar uma força de patrulhamento no Atlântico Sul, englobando as marinhas de guerra do Brasil, Argentina e Uruguai, sob a orientação dos EUA.

«É preciso ver a questão de dois ângulos: como uma ameaça ao desanuiamento, e o reforço da subordinação dos nossos povos», a mais uma arma militar sob hegemonia do imperialismo norte-americano. Esta política agressiva usa o pretexto de que o «mundo ocidental» já não pode dispor de «condições de segurança» no sul da África, depois do crescente êxito dos movimentos de libertação nacional anti-imperialistas nessa região.

«O imperialismo procura, através da tentativa de estabelecer um tratado para patrulhar o Atlântico Sul, reconquistar posições», concluiu. É de salientar que no decorrer desta reunião com os representantes da Informação, todos os participantes realçaram a importância fundamental da unidade entre os verdadeiros antifascistas e patriotas, nomeadamente entre socialistas e comunistas, na luta contra o fascismo e a opressão, pela democracia e o socialismo.

NO BARREIRO

Ponto alto da grande jornada de solidariedade foi a visita que o camarada Rodney Arismendi efectuou, na quinta-feira passada, à vila do Barreiro, contactando com a classe operária daquela localidade.

Deslocando-se primeiramente ao Centro de Trabalho do Partido Comunista Português, onde muitos militantes o aguardavam, o camarada Arismendi foi calorosamente saudado por todos.

Dirigindo-se aos presentes, de improviso, o camarada Rodney Arismendi falou das condições de exploração imperialista a que grande parte dos países da América Latina estão sujeitos, abordando em particular a situação do seu país onde a instauração recente de uma ditadura veio criar condições de vida terríveis para a população trabalhadora em geral ao mesmo tempo que uma onda de repressão atirava para os cárceres milhares de patriotas uruguaios, muitos deles sujeitos às piores torturas.

Recordando que a classe trabalhadora do Uruguai não se submeteu passivamente à instauração da ditadura, como o provam as lutas que têm eclodido, o primeiro-secretário do Partido Comunista do Uruguai salientou depois a importância da solidariedade internacional na luta dos povos contra a exploração e o fascismo, apontando o seu próprio caso, pois a ditadura uruguia viria-se obrigada a libertá-lo devido à onda de protestos que surgiram das mais diversas partes do mundo.

Depois de ter respondido a algumas perguntas sobre a situação presente no seu país e na América Latina, o camarada Rodney Arismendi deslocou-se, em seguida, às instalações fabris da CUF, de acordo com a visita programada.

Recebido pelos trabalhadores da Equimetal, que sem excepção manifestaram a sua solidariedade, o primeiro-secretário do Partido Comunista do Uruguai percorreu diversas oficinas. Em todas, grandes cartazes saudavam a presença de Rodney Arismendi e o internacionalismo proletário.

Naqueles locais de trabalho onde por momentos os machucos se apagaram e os martelos deixaram de bater o ferro, operários de punho levantado fizeram ver que a luta da classe operária contra a exploração e o imperialismo não tem fronteiras e que a solidariedade não é uma palavra vã.

Isto mesmo o reafirmaram todos os operários que pessoalmente falaram com o camarada Arismendi e que fizeram questão de lhe oferecer algumas recordações.

Depois do almoço, que decorreu num dos refeitórios da CUF, entre os trabalhadores, o camarada Rodney Arismendi visitou da parte da tarde a secção dos têxteis, sendo vibrantemente aclamado pelas operárias.

Manifestando a sua solidariedade, a classe operária portuguesa não esquece que a luta dos outros povos oprimidos também lhe diz respeito, pois o inimigo é comum e os trabalhadores serão mais livres desde que ajudem as lutas dos seus camaradas de classe, estejam eles onde estiverem.

EXPOSIÇÃO-CONVÍVIO

Uma das notas salientes da jornada foi o pedido de libertação do camarada Luís Corvallen, secretário-geral do Partido Comunista do Chile. Na intervenção de abertura da exposição sobre a América Latina, no Centro de Trabalho do PCP na Avenida da Liberdade, o camarada Domingos Abrantes, membro suplente do Comité Central do nosso Partido, lembrou a necessidade de libertar o Luís Corvallen, cuja vida corre perigo nas mãos da Junta fascista. «É necessário — afirmou — que se ganhe a opinião pública para a

condenação do crime generalizado, das prisões arbitrárias, das torturas, dos assassinatos, e para a exigência da libertação dos presos políticos do Chile, Uruguai, Paraguai, Brasil, Bolívia, Haiti, Guatemala, Nicarágua e Porto Rico.

É necessário — acrescentou — que a solidariedade internacional contribua para fortalecer a unidade das forças progressistas da América Latina para o combate antifascista e anti-imperialista e para aprofundar o isolamento dos regimes fascistas e reaccionários».

A exposição-convívio, com discos, livros, cartazes e fotografias, documentos da repressão e da resistência, terminou com uma sessão de canto livre e poemas, depois de o camarada Miguel Urbano Rodrigues ter evocado a luta dos povos da América Latina e de, na pessoa do camarada Luís Carlos Prestes, ter saudado os povos irmãos daquele continente.

Para saudar os camaradas Arismendi, Prestes e Riquelme, deslocaram-se ao Centro de Trabalho da Av. da Liberdade algumas centenas de trabalhadores que, juntamente com os camaradas já mencionados e outros membros do CC do PCP, assistiram, no final, a uma sessão de canto e poemas em que participaram Ary dos Santos, José Jorge Letria, José Manuel Osório, Samuel, Celeste Amorim, José Viana, Dora Leal e Fernando Tordo.

EM ALFAMA

À noite, os membros da delegação latino-americana,

acompanhados pelo camarada Alvaro Cunhal e por outros membros do Comité Central do PCP, estiveram no Centro de Trabalho do nosso Partido em Alfama para participar numa festa de convívio com o povo do bairro.

Depois de os convidados terem sido apresentados aos militantes comunistas e aos antifascistas sem filiação partidária que acorreram em massa ao Centro de Trabalho do PCP, Luís Carlos Prestes, Rodney Arismendi e Samuel Riquelme, que foram alvo de uma calorosa ovação, num símbolo vibrante de internacionalismo e de amizade, assistiram a uma sessão de variedades.

Actuaram vários cançonetistas populares: entre os quais Alice Amaro, o fadista Fernando Farinha e alguns artistas amadores de Alfama.

Já no final, foram oferecidos aos camaradas das delegações visitantes, ramos de flores e outras lembranças.

COM OS JOVENS

Entretanto, os camaradas Luís Carlos Prestes e Samuel Riquelme estiveram, no passado domingo, no Centro de Trabalho do nosso Partido em Alfama para assistir a uma reunião de convívio com militantes da UJC e muitos outros jovens progressistas, que encheram por completo as salas do referido Centro de Trabalho.

Tal como no colóquio em que o camarada Arismendi, falou sobre a Universidade e a Luta de Classes, também nesta sessão de solida-

riedade os jovens portugueses manifestaram vibrantemente o espírito de internacionalismo e de amizade que os unem aos povos da América Latina que, nas difíceis condições impostas pela ditadura terrorista dos monopólios, prosseguem corajosamente a luta de resistência, numa aliança inquebrantável da classe operária e das massas trabalhadoras com a juventude.

Na mesa que presidiu à sessão encontravam-se, além de Luís Carlos Prestes e Samuel Riquelme, os camaradas José Pedro Soares e Horácio Rufino ambos membros suplentes do CC do PCP e da Comissão Executiva da Comissão Central da UJC.

No período de intervenções, o camarada Prestes, falou do papel da juventude na luta contra o fascismo, tendo ainda revelado as condições a que estão sujeitos os jovens brasileiros nas escolas, nas faculdades e nos locais de trabalho.

O camarada Riquelme sublinhou que a solidariedade internacionalista o restituiu à liberdade, após um período de prisão e de tortura nos campos e nas masmorras do imperialismo. Foram ainda aprovadas por aclamação duas moções, que exigem a libertação imediata dos camaradas José Montenegro de Lima e Jaime Rodrigues, destacados militantes antifascistas brasileiros e dos camaradas Luís Corvallen, secretário-geral do Partido Comunista do Chile e José Weibel.

Os Pioneiros de St. Iria da Azóia participaram, em seguida, numa sessão de canto livre, que encerrou da melhor maneira esta significativa homenagem dos jovens comunistas portugueses aos camaradas do Brasil e do Chile.



A mesa que presidiu ao colóquio efectuado na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa

conversações com o nosso Partido, dos ensinamentos dos povos vencedores e temporariamente vencidos, das conquistas alcançadas pelo povo cubano na construção do socialismo, dos grandes êxitos do povo soviético na construção do comunismo.

Foram dias repletos de esperança na vitória dos povos latino-americanos submetidos ao domínio imperialista. Mas não foi uma esperança vaga a que pairou nesses dias. Foi antes a certeza de atingir a meta libertadora, através do próprio esforço, através da luta internacionalista e da ajuda fraterna dos povos para quem a vitória de um deles é sempre mais um passo seguro no caminho da libertação de todos os povos.

NA UNIVERSIDADE

No dia 12, na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa, o camarada Rodney Arismendi, proferiu uma palestra, seguida de colóquio, subordinada ao tema «A Universidade e a Luta de Classes».

DEPOIMENTOS AO «AVANTE!»

No próximo número publicaremos depoimentos dos nossos camaradas Rodney Arismendi, Luís Carlos Prestes e Samuel Riquelme acerca da luta contra a ditadura nos respectivos países, recolhidos durante um fraternal e caloroso encontro com o director e redatores do «Avante!».



Durante a visita à Siderurgia o camarada Rodney Arismendi foi alvo de várias manifestações de amizade e de solidariedade por parte dos operários



Durante a visita que efectuou à Covina, o camarada Prestes deteve-se por momentos junto do «placard» informativo, onde se encontrava afixado o nosso jornal



As delegações visitantes na abertura da exposição-convívio realizada no Centro de Trabalho Vitória. Na imagem veem-se ainda os camaradas Domingos Abrantes do Comité Central do PCP e Albano Nunes, membro suplente do CC



As operárias da CUF saudaram entusiasticamente o camarada Arismendi, durante a visita que este efectuou à empresa



Aspecto da sessão realizada no Centro de Trabalho de Alhandra. Presentes os camaradas Luis Carlos Prestes e Samuel Riquelme

COMUNICADO CONJUNTO DO PC DO URUGUAI E DO PCP

1. A convite do Comité Central do Partido Comunista Português deslocou-se a Portugal, Rodney Arismendi, Secretário-Geral do Partido Comunista do Uruguai a fim de visitar o país e participar na Jornada de Solidariedade aos Povos da América Latina, promovida pelo PCP, entre 11 e 16 de Maio.

2. No dia 11 de Maio realizou-se um encontro entre o camarada Rodney Arismendi e uma delegação do Comité Central do PCP composta pelos camaradas Álvaro Cunhal, Secretário-Geral do PCP, Sérgio Vilarigues, membro da Comissão Política e do Secretariado do CC do PCP e Albano Nunes, suplente do CC do PCP e responsável da Secção Internacional. O encontro decorreu em ambiente de fraternal e calorosa amizade.

3. O camarada Rodney Arismendi deu uma informação acerca da situação no Uruguai e agradeceu a solidariedade do PCP com a luta patriótica, democrática e antifascista do povo do Uruguai e com o seu Partido. Assinalou que hoje é necessário reforçar a solidariedade internacional pelas duras condições que o fascismo impôs no Uruguai: mais de 6000 presos políticos, milhares de pessoas torturadas e mortas na tortura, toda a vida democrática, política, sindical e cultural do país ferozmente espezinhada, os partidos políticos, os sindicatos e demais formas de organização popular proibidas, os livros progressistas queimados, as escolas e universidades fascizadas; estes são traços, entre outros, que caracterizam a situação no Uruguai.

No plano da política internacional, a ditadura une-se a Pinochet e outros governos fascistas da América Latina, com o racismo da África do Sul, sob inspiração dos círculos mais belicistas do imperialismo norte-americano, com o objectivo de instaurar um foco de provocações internacionais contra a paz e o desanuiamento, contra os países socialistas e os movimentos nacional-libertadores e democráticos do mundo inteiro.

A ditadura submergiu o Uruguai numa desastrosa situação económica e social mergulhando o povo na mais negra miséria. A ditadura fascista é feroz mas débil. Contra ela está todo o povo, opondo-se-lhe todos os partidos políticos, as Igrejas Católica e Protestante, e mesmo sectores militares. A repressão concentra-se contra o Partido Comunista mas, apesar dos milhares de presos, dos mortos e perseguidos, o Partido Comunista do Uruguai continua combatendo no interior do país pela unidade de todas as forças antiditatoriais, com vista a derrubar a ditadura e estabelecer um Governo apoiado por todas as forças patrióticas e democráticas, civis e militares, religiosas e laicas.

Em particular, o camarada Arismendi sublinhou a importância da campanha internacional pela vida e a liberdade dos presos do Uruguai e da América Latina. Mencionou o camarada Corvalán do Chile, Maidana do Paraguai, Jaime Perez, Massera, Cuestas, Altosor e outros do Uruguai, e aos presos do Brasil, Paraguai, Bolívia, Guatemala e Haiti.

4. Em nome do PCP o camarada Álvaro Cunhal manifestou o total apoio dos comunistas e da classe operária de Portugal para com a luta dos comunistas, das forças democráticas e das massas populares do Uruguai contra a ditadura fascista, pelo restabelecimento das liberdades democráticas, pela defesa das condições de vida dos trabalhadores, pela independência nacional.

O PCP condena severamente a repressão desencadeada contra os comunistas, as forças progressistas e o povo do Uruguai após o golpe de 27 de Junho de 1973 e reclama a libertação de todos os patriotas presos.

O PCP exprime o seu alto apreço pela acção que o PCU

desenvolve nas duras condições de clandestinidade, em defesa dos interesses da classe operária e dos trabalhadores e para a criação de uma ampla frente de unidade englobando todas as forças e sectores democráticos e patrióticos de oposição à ditadura.

O PCP assegurou ao camarada Rodney Arismendi que os comunistas uruguaios poderão sempre e em quaisquer circunstâncias contar com a activa solidariedade dos comunistas e dos trabalhadores de Portugal que bem conheceram a importância do apoio internacional à luta que travaram contra a ditadura fascista derrubada em 25 de Abril de 1974.

5. A delegação do PCP informou o camarada Rodney Arismendi acerca da actual situação política em Portugal e da actividade do PCP para criar uma ampla aliança de forças civis e militares, defender e consolidar as liberdades democráticas e as outras conquistas da revolução portuguesa iniciada com a heroica sublevação dos capitães do 25 de Abril.

O PCP pôs em destaque os esforços que desenvolve no momento presente para que o voto do povo português nas recentes eleições em resultado do qual o PS e o PCP dispõem de mais de metade dos lugares na Assembleia da República, se concretize na formação de uma maioria de esquerda e num Governo da esquerda que assegure a consolidação do regime consagrado na Constituição e o prosseguimento do processo democrático a caminho do socialismo.

6. Em nome do PCU, o camarada Rodney Arismendi expressou a sua solidariedade ao PCP e à sua luta para unir as forças de esquerda, consolidar as conquistas democráticas rumo ao socialismo.

O PCU sente um grande carinho e admiração pelo PCP, pelo seu combate heróico de longos anos contra o fascismo, pela sua firmeza ideológica marxista-leninista e pelo grande papel que está desempenhando nas difíceis horas que vive a revolução portuguesa. Desde a clandestinidade, a prisão ou o exílio, os comunistas uruguaios seguem de perto esta grande batalha de importância não só para Portugal como para o mundo, e expressa o seu mais caloroso apoio ao PCP, à sua provada direcção e em particular ao seu Secretário-Geral o camarada Álvaro Cunhal, destacada figura do povo português, do movimento comunista e operário internacional.

7. Os representantes dos dois Partidos sublinharam a importância que têm a solidariedade e a unidade dos partidos comunistas e operários, dos países socialistas, das forças progressistas e anti-imperialistas de todo o mundo para a luta de cada povo pela liberdade, pela paz, pela independência nacional, pelo progresso social, pelo socialismo.

Os representantes do PCU e do PCP manifestaram a sua solidariedade aos povos da América Latina em luta contra ditaduras fascistas e reaccionárias e a dominação do imperialismo americano, aos povos de Angola e Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, S.Tomé e Príncipe em luta pela consolidação da independência e pela construção de uma nova vida livre da exploração e da opressão e a todos os outros povos em luta contra o imperialismo, o fascismo, o colonialismo e o racismo.

O PCP e o PCU sublinharam a importância da cooperação dos partidos comunistas e operários e da unidade do movimento comunista internacional na base dos princípios do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário.

Ambas as delegações reafirmaram a vontade de reforçar os laços de amizade solidariedade e cooperação que desde há muito unem os seus dois Partidos, encarendo formas práticas para atingir este objectivo.

COMUNICADO CONJUNTO DO PC BRASILEIRO E DO PCP

1. A convite do Comité Central do Partido Comunista Português, deslocou-se a Portugal uma delegação do Partido Comunista Brasileiro dirigida pelo seu Secretário-Geral Luis Carlos Prestes, a fim de tomar parte na Jornada de Solidariedade com a Luta dos Povos da América Latina e de contactar com os trabalhadores e com a realidade portuguesa.

2. No dia 14 de Maio teve lugar na sede do CC do PCP um encontro entre a delegação do PCB e uma delegação do Comité Central do PCP, composta pelos camaradas Álvaro Cunhal, Secretário-Geral do PCP, Sérgio Vilarigues, membro do Secretariado e da Comissão Política do CC do PCP, e Albano Nunes, membro suplente do CC do PCP e responsável da Secção Internacional. O encontro decorreu em ambiente de fraternal e calorosa amizade.

3. O camarada Luis Carlos Prestes, informando acerca da situação no Brasil em nome do PCB, salientou que a ditadura militar-fascista brasileira se encontra hoje diante de um amplo e profundo movimento de opinião pública nacional contra o regime e tudo quanto ele representa.

Contra a ditadura manifestam-se e lutam, a classe operária que teve o seu salário real fortemente reduzido pelo regime; os camponeses possesores da chamada «frenteira agrícola», que estão sendo expulsos das suas terras, entregues pelo governo às grandes empresas capitalistas; os estudantes, professores, cientistas, artistas e escritores, pela liberdade de ensino, de pesquisa, de criação artística; a burguesia não ligada aos monopólios, pelo alargamento do mercado interno e contra os privilégios do capital monopolista nacional e estrangeiro.

Torna corpo a consciência nacional do perigo que o regime militar-fascista brasileiro representa para a paz, diante da sua política de intervenção nos negócios internos dos países vizinhos; de suas ambições de hegemonia sobre o Atlântico Sul e a Costa Ocidental de África; de sua política armamentista, inclusive nuclear.

O povo brasileiro, e instituições nacionais tão representativas como os Sindicatos, a Igreja Católica, a Associação Brasileira de Imprensa, a Ordem dos Advogados do Brasil, além do Partido Comunista Brasileiro, o Movimento Democrático Brasileiro e os sectores mais realistas do próprio partido governamental, exigem a reconstitucionalização do país em bases democráticas, e a imediata cessação das prisões, torturas e assassinatos políticos. Sobre a mais de 500 o número de presos políticos assassinados pela ditadura no Brasil, entre os quais nove membros do Comité Central do PCB.

Os comunistas brasileiros atribuem um papel político muito importante às eleições municipais de Novembro próximo e concentram os seus esforços para assegurarem a constituição de uma ampla frente eleitoral e a obtenção de uma votação contra a ditadura mais esmagadora ainda do que a de 1974, quando o partido oposicionista obteve 62% dos votos.

4. Em nome do PCP, o camarada Álvaro Cunhal manifestou o apoio dos comunistas e da classe operária de Portugal para com a luta da classe operária e do campesinato, dos trabalhadores e dos

democratas brasileiros pelas liberdades democráticas, pela libertação dos presos políticos, em defesa dos interesses dos trabalhadores, em defesa da soberania nacional e de uma política externa de paz.

O PCP considera com apreço a acção que o PCB desenvolve, nas mais duras condições de clandestinidade, para unir todas as forças, correntes e personalidades democráticas e patrióticas numa ampla frente patriótica e antifascista para combater e derrotar a ditadura dos monopólios e da oligarquia latifundiária.

O PCP assegurou à delegação do PCB a solidariedade militante com que os comunistas brasileiros poderão sempre contar por parte dos comunistas e dos trabalhadores de Portugal.

5. A delegação do PCP informou os camaradas brasileiros acerca da situação política em Portugal, das grandes realizações e conquistas da Revolução portuguesa, consagradas na Constituição, e da acção dos comunistas portugueses para unir em defesa das liberdades e dos interesses dos trabalhadores, as forças da democracia, do progresso social e do socialismo.

O PCP pôs em destaque os esforços que desenvolve no momento presente para que o sentido de voto do povo português nas recentes eleições seja respeitado e como tal se traduza numa maioria política de esquerda na Assembleia da República e num Governo de esquerda, única garantia do respeito pela Constituição e da defesa e estabilidade do processo democrático, capaz de assegurar a Portugal um futuro de liberdade, de paz, de prosperidade e de independência.

6. Em nome do PCB, o camarada Luis Carlos Prestes manifestou seu alto apreço pela solidariedade restrita que os comunistas e patriotas brasileiros recebem quotidianamente do PCP na luta difícil que travam contra o fascismo e o imperialismo em seu país. Destacou a excepcional influência que a Revolução portuguesa vem exercendo nestes dois anos na educação revolucionária da classe operária e do povo brasileiro, e assegurou a solidariedade do PCB à luta em que o PCP se empenha para consolidar a Revolução portuguesa.

7. Os representantes do Partido Comunista Brasileiro e do Partido Comunista Português manifestaram a sua solidariedade aos povos que já se libertaram ou que lutam pela libertação do jugo colonial e do imperialismo, em particular aos povos da América Latina em luta por regimes democráticos e anti-imperialistas e aos povos dantes submetidos ao colonialismo português.

Os representantes dos dois Partidos sublinharam a importância da solidariedade e da unidade do movimento comunista e operário, dos países do campo socialista, das forças progressistas e anti-imperialistas de todo o mundo para a luta de cada povo pela liberdade, pela paz, pela independência nacional, pelo progresso social, pelo socialismo.

Tendo sublinhado a importância da cooperação dos Partidos Comunistas e operários e da unidade do movimento comunista internacional na base dos princípios do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário, as duas delegações reafirmaram a vontade comum de reforçar os laços de amizade, solidariedade e cooperação que unem os seus dois partidos e encaram formas práticas para atingir este objectivo.

MANIFESTO DO PCB AO POVO BRASILEIRO

Foi divulgado um documento assinado por Luis Carlos Prestes, secretário-geral do CC do PCB, em nome dos comunistas brasileiros, e que se dirige ao povo brasileiro, aos trabalhadores, a todos os patriotas e democratas. Nele se afirma:

«Há doze anos que os generais se sucedem no Poder em nosso País. São doze anos de opressão e de miséria crescente para os trabalhadores, de lucros cada vez maiores para os grandes capitalistas brasileiros e estrangeiros. São doze anos de crescente entrega aos monopólios imperialistas das riquezas nacionais e de desnacionalização, cada vez maior, da economia brasileira.

«Com a escalada do fascismo, consolidou-se em nosso País o poder económico e político dos monopólios nacionais e estrangeiros. Foi nos quadros do fascismo que se desenvolveu o tão

propalado «milagre económico brasileiro», quer dizer, o aumento da produção em benefício dos monopólios, à custa da superexploração da classe operária e demais trabalhadores. Com ele, baixou consideravelmente o salário real dos trabalhadores, empobreceram os mais amplos sectores das camadas médias urbanas, acentuou-se a miséria indizível dos camponeses. Foi prolongada a jornada de trabalho, aumentou a intensidade da exploração nas fábricas e fazendas e cresceu o número de acidentes do trabalho. E, agora, com o fim do «milagre», cresce o desemprego e aumenta a carestia da vida. Agravou-se o estado sanitário da maioria da população, privada de socorro médico e, cada vez mais, impossibilitada de adquirir os medicamentos de que necessita.

«Esta a situação em que se encontra a Nação sob o governo do

sr. Ernesto Geisel. Nos dois anos de seu governo, cresceu a miséria dos trabalhadores, assumiram proporções sem precedentes as concessões aos monopólios imperialistas, intensificou-se a opressão policial e militar contra todos que levantam sua voz contra a política antipovo e de traição nacional do regime militar-fascista.

«Coube ao governo do sr. Geisel cometer o maior crime contra a soberania nacional, ao autorizar a assinatura pela Petrobrás dos chamados contratos de risco. Medida que significa o fim do monopólio estatal do petróleo — conquista gloriosa do povo brasileiro — e que não poderá senão agravar a submissão do País ao imperialismo.

«Com o governo do sr. Geisel, intensificou-se a tortura e o assassinio de presos políticos. Contam-se já às dezenas os patriotas e democratas que foram sequestrados e assassinados

pelos órgãos de repressão. Somam milhares os que estão presos, torturados e condenados a anos de prisão. Coube também ao sr. Geisel a iniciativa de voltar a aplicar o Acto Institucional n.º5, para cassar o mandato de parlamentares e ameaçar, assim, a todos os eleitos pelo voto popular.

«Contra essa política de vende-pátria e de total arbítrio, cresce, porém, o repúdio popular. São as mais amplas camadas da população brasileira que se pronunciam contra a ditadura militar-fascista, reclamam a abolição do Acto Institucional n.º5 e dos demais actos institucionais, do decreto-lei 477, a elevação do nível de vida dos trabalhadores e a defesa da soberania nacional. Posição que se expressou concretamente nas eleições parlamentares de Novembro de 1974. Mesmo nas Forças Armadas cresce o repúdio ao arbítrio e aos crimes da ditadura, como revela a

recente substituição do general comandante do II Exército, com sede em São Paulo, onde os métodos de tortura e assassinio de presos políticos mais se acentuou. Nova e importante vitória das forças democráticas e patrióticas, que mostra ser possível derrotar a ditadura, obrigá-la a recuar.

«Os comunistas brasileiros encontram-se nas primeiras fileiras dos combatentes contra o fascismo, da luta pelas liberdades e em defesa da soberania nacional, contra a entrega do petróleo e demais riquezas da Nação aos monopólios imperialistas. Essa a razão da histeria anticomunista do regime fascista, que faz de nosso Partido — o glorioso Partido Comunista Brasileiro — o alvo principal de sua política de repressão.

«Inúmeros dirigentes e militantes comunistas já tombaram heroicamente na luta contra a

tiranía. Mas novos combatentes os substituíram, ingressando diariamente nas fileiras do nosso Partido.

«O Comité Central do PCB, que se reuniu recentemente, na mais rigorosa clandestinidade, conclama a todos os patriotas e democratas a unir e organizar suas forças em ampla frente única antifascista e patriótica, para assim intensificarmos, todos juntos, a luta pelas liberdades democráticas, contra a miséria e a fome, em defesa da soberania nacional, pelo isolamento e a consequente derrota da ditadura.

«Nessa luta contamos com a solidariedade de todos os povos amantes da paz e que combatem pelo progresso social, em particular os povos irmãos dos países vizinhos. Porque o fascismo brasileiro não ameaça apenas a vida e o futuro de nosso povo, mas a paz e a segurança dos povos vizinhos da América Latina e

África. O Brasil é, presentemente, na América Latina, o país que faz maiores despesas de carácter militar. Trata também a ditadura brasileira de possuir armamento nuclear, de ficar em condições de fabricar a bomba atómica. Está o sentido principal do acordo nuclear que assinou com a Alemanha Ocidental. Mais um crime contra o povo.

«É para derrotar o fascismo que os comunistas conclamam a todos os democratas e patriotas a defender os mandatos populares contra as ameaças de cassações, a defender o calendário eleitoral em vigor e a participar activamente das eleições marcadas para o corrente ano, transformando o voto popular em arma de protesto e de luta contra a política da ditadura. A campanha eleitoral e o voto popular podem e devem ser instrumentos de luta política, de aglutinação das forças antifascistas e patrióticas, de

isolamento crescente do regime, podem e devem contribuir para que uma nova e importante derrota seja imposta à ditadura.

«Transformemos as eleições, com a derrota da ditadura, em novo passo no caminho da formação da frente antifascista e patriótica!

«Unamo-nos para conquistar a revogação do Acto Institucional n.º5 e de toda a legislação de excepção!

«Defendamos a Petrobrás da acção espoliadora dos monopólios imperialistas! Abaixo os contratos de risco!

«Lutemos pela amnistia dos presos e condenados políticos. Que tenham fim as torturas, os sequestros e assassinatos!

«O povo brasileiro unido em ampla frente antifascista e patriótica derrotará o fascismo. É para derrotar o fascismo que os comunistas brasileiros conclamam a todos os patriotas à unidade e à acção.»

informação

Solidariedade soviética com os povos em luta pela independência nacional

O dia 25 de Maio é o Dia da Libertação da África. O povo soviético assinala, conjuntamente com os povos africanos, esta data memorável para a libertação dos povos. Aliás, na URSS, este ano essa data tem especial significado, uma vez que se comemora igualmente o 20.º aniversário da criação do Comité Soviético de Solidariedade com os Países da Ásia e da África, organização cujo objectivo é prestar a máxima ajuda aos povos em luta pela sua libertação e fortalecer as relações com as organizações sociais dos jovens países independentes.

Os vinte anos de actividade do Comité foram anos de luta abnegada dos meios sociais soviéticos — e em estreita aliança com as forças políticas e sociais progressistas de Ásia e de África — pela independência nacional, o progresso social e a segurança dos povos pelo triunfo da justiça no continente afro-asiático.

Estes dois decénios de actividade do Comité são a mais firme prova de que a causa da solidariedade com o movimento de libertação nacional é a causa de todos os soviéticos.

O Comité Soviético de Solidariedade, criado em Maio de 1956, é constituído por representantes de toda a sociedade soviética: operários, camponeses, cientistas, escritores, professores, actores, médicos, estadistas e outras personalidades do Partido e de organizações sociais, que dedicam as suas forças, o seu entusiasmo e a sua energia à causa da solidariedade com a luta dos povos da África e da Ásia contra a opressão colonialista e imperialista.

Por outro lado, o Comité colabora estreitamente com os sindicatos, o Komsomol, o Comité de Defesa da Paz, a União das Sociedades de Amizade e Relações Culturais com os Países Estrangeiros, e outras organizações de massas.

Por iniciativa do Comité, festeja-se todos os anos, no dia 25 de Maio, o Dia de Libertação de África e de 25 a 31 realiza-se sempre uma semana de solidariedade com a luta dos povos do Sul de África. É bem conhecida a contribuição do povo soviético à causa da libertação dos povos das antigas colónias portuguesas.

Guiando-se pelas resoluções do XXV Congresso do PCUS e desejando contribuir para a consolidação da frente anti-imperialista, o Comité orienta a sua actividade no desenvolvimento e fortalecimento da amizade e da colaboração das organizações sociais da URSS com os povos da África e da Ásia em luta pela independência nacional e o progresso social.

Recentemente, o académico Evgueni Joukov, vice-presidente do Comité, declarou: «A Vitória do povo vietnamita sobre os agressores imperialistas e seus lacaios, o desmembramento do império colonialista português em África, o nascimento da República Popular de Angola, são acontecimentos que ultrapassam o quadro interno dos interesses dos povos afro-asiáticos, passando a ser de âmbito internacional. Praticamente, todos os sucessos alcançados pelos movimentos de libertação nacional de Ásia e África são, em larga escala, o resultado da sua união e cooperação com o socialismo mundial».

E mais adiante declarou: «Os imperialistas desenvolvem grandes esforços para criar divisões no seio dos países em vias de desenvolvimento e nos países da comunidade socialista e para destruir a unidade das forças anti-imperialistas. Remam, porém, contra a corrente das tendências gerais da evolução do mundo. Não existem perspectivas para eles».

A solidariedade internacionalista da União Soviética para com todos os povos do mundo em luta pela independência nacional, pela democracia e pela liberdade é um dos traços característicos da actividade da grande pátria de Lenine, dos seus operários e camponeses, dos seus estadistas e intelectuais.

Dia-a-dia, os povos de todo o mundo vão-se apercebendo de que os países socialistas, com a grande União Soviética à sua cabeça, são os seus mais firmes aliados na luta contra o imperialismo, o fascismo, o racismo, o colonialismo e o neocolonialismo.

A Europa do futuro preocupa Washington

Arma e barómetro do sentir do imperialismo, as multinacionais com sede em Washington começaram a manifestar um comportamento significativo em relação à Europa. Invocando o clima político e económico "desfavorável", as companhias norte-americanas estão a retirar capitais de alguns países da Europa capitalista. Neste momento contam-se por dezenas as grandes companhias que procedem assim. Entre elas a American Standart, que cessou por completo as suas operações em França, e a Lytton Industries, que encerrou duas fábricas na Grã-Bretanha. Segundo previsões do Ministério do Comércio dos Estados Unidos, os investimentos das empresas norte-americanas na Europa Ocidental serão este ano inferiores em 300 milhões de dólares ao de 1975.

O comportamento das multinacionais, que pode em parte dever-se à própria amplitude da crise geral que se manifesta no mundo capitalista, reflecte o real temor que o imperialismo americano sente pela evolução do quadro político europeu. Assume por outro lado o carácter de chantagem económica, arma particularmente utilizada pelo imperialismo face às situações políticas ou aos regimes que não lhe agradam — ou seja — aos regimes progressistas.

Não sendo de forma alguma alheia ao comportamento de Ford ou Kissinger, antes traduzindo na prática as suas ameaças ou as posições que os políticos norte-americanos vão assumindo, o movimento que se está a verificar de retirada de capitais da Europa por parte das companhias norte-americanas não pode deixar de se inserir numa estratégia geral do Imperialismo americano face ao horizonte político que se esboça na Europa. Negro horizonte para as forças da reacção.

Ford, Kissinger & C.ª não depuseram armas, nem se dão naturalmente por derrotados. Manobram e manobrarão para inquirar as esperanças dos povos, adiar tanto quanto possível os frutos da sua luta.

Na Itália, onde a sua prática de sabotagem política tem raízes velhas de trinta anos — que passam pela minagem sistemática dos partidos de esquerda, o fomentação do divisionismo e do isolamento do Partido Comunista, a cisão do

movimento sindical, o apoio financeiro à ala mais reacção dos democratas cristãos — os agentes provocadores do imperialismo jogam no agravamento da precária situação económica, no desencadear do terrorismo pelos grupos fascistas que desde sempre financiou (e criou).

Em França, como em Itália, avança com desפורadoras ingerências directas na sua problemática política interna.

Em Espanha aposta no franquismo sem Franco, como outrora no salazarismo sem Salazar.

Em Portugal, derrotada a direita nas urnas, "aconselha" um pretensão governo "centro-esquerda", a santa-aliança anticomunista que varreria de imediato da nossa terra as sementes do futuro do processo revolucionário em curso. Tenta ganhar em Belém o que, perdido, se esforça ainda por recuperar em S. Bento.

"Os Estados participantes respeitam mutuamente a sua igualdade soberana e a sua individualidade, assim como todos os direitos inerentes à sua soberania — afirma-se na acta final de Helsínquia —. Respeitam também o direito de cada um dos países escolher livremente o seu sistema político, social, económico e cultural, assim como determinar as suas leis e regulamentos."

A acta final de Helsínquia anda perdida pelas gavetas e pelos cestos de papéis dos senhores da Casa Branca. Só a invocam para tecer calúnias sobre pretensas violações à sua letra pela União Soviética e outros países socialistas.

O princípio da ingerência nos negócios internos de outros Estados, sempre que a sua evolução não conviria para um quadro político-económico do agrado do imperialismo, é moeda corrente nos bastidores da política norte-americana. Insere-se como parte importante dessa mesma política.

A actual retirada de capitais das zonas da Europa onde está a ser mais contestada a ordem económica capitalista integra-se em todo um sistema de chantagem económica, vulgarmente utilizado e recomendado pelas agências de provocação.

Também, em Portugal, a morte do regime fascista foi acompanhada por uma fuga notória de capitais. As promessas actuais constituem elementos dessa mesma chantagem económica, traduzem esperanças de que saberemos não permitir a concretização.

O comportamento do imperialismo, o comportamento das multinacionais, traduz de uma forma mais ou menos linear as suas apreensões, as suas perspectivas. Governos e partidos que merecem o seu apoio, referências elogiosas, decerto que não estão a trabalhar em prol da felicidade dos seus povos.

O pensar e o agir de Washington ou Bona são bitola segura das intenções reais (não obrigatoriamente identificadas com os princípios que se diz defender) dos muitos que se apregoam denodados defensores da democracia e dos interesses populares.

Com dinheiros e promessas do Mercado Comum e da Casa Branca, não se constroem democracias. Clementam-se ditaduras. Não se arvoram as massas populares a senhoras do seu destino. Sujam-se trabalhadores ao despotismo do lucro.

Num momento em que a Acta de Helsínquia foi possível, ainda que múltiplas vezes violada, a vontade dos povos alargará na Europa, como em todos os continentes, o espaço da liberdade.

Aliança americana contra a democracia na Itália

Foi anunciada oficialmente em Washington a criação da «Aliança Civil para a Liberdade no Mediterrâneo», que tem por finalidade convencer os eleitores italianos a não votar nos candidatos do Partido Comunista no decorrer das próximas eleições do dia 20 de Junho.

John Connally, político da direita, é um dos promotores desta organização. Apresentando-a como «organização de massas», é certo que se trata de mais um organismo criado para ingerir nos assuntos internos de outros países, organismos em que a «massa» norte-americana é especializada através de outras mundial e tristemente conhecidas organizações: CIA, ITT, etc.

John Connally é, actualmente, membro do Conselho Consultivo do presidente dos Estados Unidos para os assuntos dos serviços americanos de informação no estrangeiro. Através do organizativo Connally, esta aliança reacçãoária estará, assim, directamente ligada à CIA e a outros serviços de informação, assim como ao Pentágono, por intermédio do general Goodpaster, antigo comandante-em-chefe das forças integradas da NATO na Europa e que ocupa também um lugar de responsabilidade na «Aliança».

Neste momento, a «Aliança» dedica-se ao estudo de todos os meios susceptíveis para a aplicação do seu trabalho de sapa. Propõe-se, por exemplo, fazer participar nessas actividades os americanos de origem italiana, assim desportistas e artistas célebres.

Interrogado sobre se a actividade da «Aliança» não representava uma clara ingerência nos assuntos internos de outros países, Connally — que já foi governador do Estado do Texas — respondeu:

«Penso que sim, que se trata de ingerência. Mas nós já o fazemos desde os anos 40...»

Os jornais italianos estão, de um modo geral de acordo com a ideia de que a criação desta sinistra «Aliança» representa uma nova tentativa de ingerência nos assuntos internos italianos, nas vésperas das eleições parlamentares.

Segundo um dos periódicos de maior tiragem, a criação de uma organização deste tipo poderia provocar risos, se à sua frente não estivesse uma personalidade política como Connally. Por sua vez, um outro órgão de informação salienta que esta tentativa de organizar uma cruzada contra o PCI é uma gravíssima e violenta forma de ingerência nos assuntos internos da Itália.

O imperialismo, perante a ofensiva que os povos, em todo o mundo, desencadeiam pela paz, pela liberdade, pela democracia e pela independência nacional, lança mão de todas as armas à sua disposição, a fim de travar essa ofensiva.

Apresentando-se como os «campeões» da liberdade, os imperialistas revelam a sua verdadeira face de inimigos da liberdade e dos povos logo que vislumbram não poder controlar o desejo dos povos ao progresso social.

Esta ingerência nos assuntos internos italianos é a continuação lógica de quem lançou bombas sobre o heróico povo vietnamita, de quem fomenta a guerra do Médio Oriente, de quem tentou impedir a independência do povo angolano, de quem fomentou a conspiração sangrenta do fascista Pinochet, de quem apoia os racistas da Rodésia e da África do Sul, de quem pretende liquidar a liberdade em Portugal.

Mas o imperialismo está condenado à mais severa derrota. O futuro não lhe pertence. A sua função histórica é desaparecer por completo da face da terra, para dar lugar a sociedades onde não mais existirá a exploração do homem pelo homem.

A sinistra «Aliança» de Connally não será suficiente para impedir o povo italiano de se pronunciar no próximo dia 20 de Junho pelo progresso social.

● O camarada Samora Moisés Machel, presidente da Frelimo e da República Popular de Moçambique, encontra-se desde a passada segunda-feira, em Moscovo, no decorrer de uma visita à União Soviética. Trata-se da primeira viagem que o camarada Machel efectua a um país estrangeiro, na qualidade de Presidente da República Popular de Moçambique. À sua chegada à capital da União Soviética, o camarada Samora Moisés Machel foi recebido com todas as honras militares, tendo a aguardá-lo à chegada o camarada Nikolai Podgorny, presidente do Praesidium do Soviete Supremo da URSS, além dos camaradas Andrei Gromiko, do «politburo» do CC do PCUS e ministro dos Negócios Estrangeiros da URSS, e Boris Ponomarev, secretário do CC do PCUS.

● Altiero Spinelli, alto-comissário da CEE, é candidato independente às próximas eleições legislativas italianas, integrado nas listas propostas pelo Partido Comunista Italiano nos círculos eleitorais de Roma e Milão. A lista de Milão é encabeçada pelo presidente do PCI, camarada Luigi Longo. Por sua vez, o secretário-geral, camarada Enrico Berlinguer, encabeça as listas eleitorais de Roma, Veneza e Abruzzi.

● Realizar-se-á, de 10 a 13 de Dezembro deste ano, o Congresso Mundial da Paz. A convocação do Congresso foi decidida por representantes de delegados de organizações não governamentais e parlamentares, no decorrer de uma reunião recentemente efectuada em Moscovo.

● Enquanto decorre a campanha eleitoral nos Estados Unidos para as nomeações pelos partidos Democrático e Republicano para a corrida à Casa Branca, Valéry Giscard d'Estaing, presidente francês encontra-se de visita oficial àquele país.

● Os democratas-cristãos italianos recusaram uma proposta do PCI para a formação de um governo de coligação de emergência, após as próximas eleições, marcadas para 20 de Junho. Entretanto, as forças fascistas e de extrema direita continuam a desencadear ondas de violência no sentido de impedir aquilo que parece, dia-a-dia mais certo: a participação do Partido Comunista Italiano no futuro governo, facto que tanto tem preocupado as autoridades norte-americanas.

● O primeiro-ministro da República Popular de Angola, camarada Lopo do Nascimento, anunciou na passada semana, a criação de uma companhia angolana de petróleo, que se denominará «Sonangol»; que terá como principais funções dirigir e executar toda a política petrolífera da RPA.

● A criação de cooperativas foi considerada, pelo Comité Central da FRELIMO, como a meta fundamental da política agrícola da República Popular de Moçambique, devendo aquelas ter como principal orientação a elevação da produção agro-pecuária e o aumento da produtividade de trabalho. As cooperativas são abertas aos camponeses pobres e trabalhadores rurais, e também aos pequenos proprietários, desde que estes entreguem às cooperativas todos os meios de produção de que se disponham.

● A Comissão Social do Conselho Económico e Social da ONU aprovou a resolução exigindo que cesse o terror fascista e a opressão da Junta de Pinochet contra os patriotas, os democratas e todo o povo chileno. A resolução foi aprovada por maioria absoluta. No entanto e sintomaticamente, a delegação dos novos mandarinis de Pequim abandonou a sala antes se efectuar a votação. Contrariamente à actuação destes falsos comunistas, os delegados da União Soviética e dos outros países socialistas, exigiram, no decorrer dos debates, medidas energéticas para se pôr termo às perseguições contra os democratas chilenos e para se obter a imediata libertação do camarada Luis Corvalán, secretário-geral do Partido Comunista do Chile e de outros presos políticos.

● Na Grã-Bretanha, uma vasta rede de agentes especiais recruta mercenários para o regime racista da Rodésia. Estes agentes enviam aos candidatos a mercenários uma brochura intitulada «Você Pode Fazer Carreira no Exército Rodésiano» e outros materiais de propaganda, onde são indicadas as moradas e os números de telefone dos locais de recrutamento. Foi igualmente da Grã-Bretanha que partiram numerosos os mercenários a fim de engrossarem as forças que o imperialismo lançou para agredirem o povo angolano, sem êxito.

● As tropas sionistas que ocupam a Cisjordânia assassinaram uma jovem árabe de 17 anos no decorrer de manifestações da população árabe que protestavam contra a ocupação israelita.

● Na passada segunda-feira, quinze mil trabalhadores dos transportes paralisaram a sua actividade na Bélgica, durante uma greve de 24 horas.

● Em Abril, a taxa de desemprego nos Estados Unidos atingiu a cifra de 7,5 por cento da população activa, o que significa que mais de 7 milhões de americanos aptos para o trabalho não o encontram.

● Por sua vez, na Bélgica, essa cifra de desemprego eleva-se a 8,3 por cento da população activa. Em final de Abril deste ano, o número de desempregados atingia os 220 mil, contra 160 mil existentes em Abril de 1975.

● Em clara violação das resoluções da ONU, os Estados Unidos continuam a manter e, até, a aumentar, as relações económicas e comerciais com o regime minoritário e ilegal de Ian Smith. Entre Julho e Setembro do ano passado, os EUA importaram da Rodésia 37 mil toneladas de crómio e outros metais valiosos.

● No âmbito do programa de cooperação entre a União Soviética e a República Popular de Moçambique, chegou na primeira semana de Maio ao porto do Maputo um navio soviético transportando 16 toneladas de diversos artigos.

● Segundo a lei do Conselho da Revolução, promulgada no passado dia 1 de Maio, foram confiscadas, na RPA, as empresas do grupo CUCA, a Nocal e a EKA.

● No decorrer da segunda quinzena de Julho realizar-se-á uma reunião do Conselho Superior de Luta, no decorrer da qual será escolhida a data da realização do III Congresso do PAIGC.

● A União Soviética não participará no Festival Internacional de Cinema de Cannes, porque a direcção do festival impôs condições que não permitem apresentar naquele certame os filmes soviéticos que reflectem os progressos cinematográficos da URSS.

AS COOPERATIVAS DE PRODUÇÃO NA EDIFICAÇÃO DO SOCIALISMO NA URSS

Grigori Kuznetsov



Karl Marx

PARA SI QUE VIVE A REVOLUÇÃO

O LENINISMO É A PASSAGEM DO CAPITALISMO AO SOCIALISMO

Konstantine Zaródov

Distribuidora: CDL - Central Distribuidora Livreira, Av. Santos Dumont, 57C-Lisboa 1

Preço 15\$00

ACESSÍVEL A TODOS OS LEITORES

(A linguagem e o preço)

ABC do Marxismo-Leninismo

Série B IMAGEM MODERNA DO MUNDO Nº 3

A CONCEPÇÃO MARXISTA DO CONHECIMENTO

Pedidos a: Central Distribuidora Livreira, R. Pedro Nunes, 9-A Lisboa 1

CONGRESSO DO PSUA: PALAVRAS CLARAS

As palavras claras do IX Congresso do Partido Socialista Unificado da Alemanha são ditas na linguagem em que pela primeira vez se escreveu: Proletários de todos os países, uni-vos!

Berlim, capital da República Democrática Alemã. Cartazes espalhados um pouco por toda a capital, lado a lado com as bandeiras, anunciam a realização do IX Congresso do Partido Socialista Unificado da Alemanha e saudam os congressistas e convidados — esses cartazes evidenciam uma preocupação deste país: falar claro, chamar as coisas pelo seu nome, deixá-las esclarecidas e assentes.

Durante anos o imperialismo fez de Berlim o fulcro da guerra fria. A «cidade da front» lhe chamavam os que sonhavam com a desforra, os que sonhavam afogar em sangue os países socialistas erguidos sobre os escombros do terrorismo nazi.

No final da guerra, Berlim situada profundamente dentro do território da RDA, ficou dividida em quatro zonas que após a constituição da RFA e da RDA se limitaram a duas. Berlim tornou-se a capital do primeiro estado alemão de operários e camponeses — mas dentro desta capital, do outro lado da rua, estava o inimigo.

Os monopólios americanos fizeram de Berlim Oeste a grande mostra do imperialismo. Anos a fio, as provocações sucederam-se e a ausência de uma fronteira dentro da capital de um país socialista tornou-se qualquer coisa de precioso para os serviços secretos ocidentais. É hábito ouvir em Berlim: «Durante anos não tivemos o inimigo do outro lado da fronteira, nem sequer do outro lado da rua. Tivemo-lo dentro da própria casa.»

E, na realidade, uma situação difícil de imaginar. Suponha-se que no Portugal democrático de hoje, metade da cidade de Lisboa se encontra sob administração americana e que as autoridades portuguesas não dispõem aí de qualquer influência. A linha divisória passa pelo meio duma rua: de um lado vive-se em regime socialista, do outro em pleno regime capitalista. Para fazer uma infiltração, para fazer uma provocação não se torna necessário

estabelecer planos especiais, falsificar documentos ou qualquer outra coisa — basta atravessar a rua.

PSUA: FIDELIDADE SEM LIMITES AO MARXISMO-LENINISMO

Mas, contra todas as dificuldades, a República Democrática Alemã nasceu e cresceu e Berlim é a capital da RDA. Foi necessário deter a provocação fazendo da fronteira teórica uma fronteira real — e o muro lá está. Ninguém teme falar

não sofre lugar a quaisquer vacilações. Também o PSUA prescinde dos «atestados de bom comportamento» dos reaccionários de todo o mundo que acenam promessas face aos que «marcam as suas distâncias em relação à União Soviética».

Também neste ponto as coisas são claras: a RDA é um membro firme da comunidade dos países socialistas, um aliado leal da Pátria do socialismo, um bastião da paz e da luta pela liberdade.

E esta firmeza tem afinal conduzido o povo alemão a êxitos sobre êxitos. Com a

por cento camponeses, 20 por cento intelectuais, 11,5 por cento empregados.

Mas este falar claro permite ainda que claramente se conheçam as vitórias de um povo que tomou o destino nas suas mãos e decididamente marcha para o futuro.

Não são as apenas dificuldades que aqui se olham de frente, não são apenas os princípios que aqui se respeitam com declarada firmeza.

Na República Democrática Alemã trabalha-se e produz-se com igual determinação e com igual verdade e clareza se fala dos êxitos e vitórias todos os dias conquistados nos caminhos do desenvolvimento económico, do progresso social e do bem estar.

OS FRUTOS DA ECONOMIA SOCIALISTA SÃO VITÓRIAS DO POVO TRABALHADOR

Os números transformaram-se numa linguagem viva e actante de que todo um povo se serve para falar do seu controlo, do seu domínio sobre a realidade que o rodeia, dos resultados empolgantes, da sua luta e do seu esforço.

É quase a reabilitação para o povo da linguagem das toneladas, dos cifrões, dos quilómetros, dos números com dezasseis algarismos. Senhores dos meios de produção, senhores do aparelho de Estado, senhores de uma doutrina científica, os trabalhadores lançam-se na transformação da realidade, conhecendo-a e edificando-a.

E, exprimindo as vitórias da classe operária, as vitórias do socialismo e do futuro, essa linguagem árida de algarismos e gráficos, de tabelas e percentagens, adquire uma nova dimensão, uma dimensão humana.

Aumentos de produção da ordem dos 14 por cento nas fibras sintéticas, de 130 por cento na indústria de máquinas de transformação de plásticos, de 70 por

excepção de Cuba, talvez nenhum país socialista tenha conhecido, após a sua constituição, o boicote de que a RDA foi vítima: ainda em 1971, data do VIII Congresso do PSUA, apenas trinta países em todo o mundo mantinham relações com a RDA; hoje, 119 estados reconheceram-na já, e a RDA foi finalmente admitida na ONU. A correlação de forças deixou de ser favorável ao imperialismo e à sua política de agressão e guerra, mas para que tal acontecesse foi necessária a luta dos povos, conduzida na base da firmeza de princípios e da determinação de que aqui todos os dias se dão provas e exemplos.

República de operários e camponeses, o poder na RDA é exercido pelo Partido da classe operária. Também aqui se fala claro. São operários 57 por cento dos deputados da Câmara do Povo, 64 por cento dos eleitos para as representações locais, 75 por cento dos quadros dirigentes da economia, 78 por cento dos delegados dos procuradores da República, 71 por cento dos juizes, 70 por cento dos oficiais do exército. Dos mais de 2 milhões de militantes do PSUA, 56,1 por cento são operários, 5,2

dele: é uma realidade necessária. O imperialismo, a provocação, ficaram do lado de lá. O tão famoso muro torna-se apenas na mais banal das fronteiras, igual a tantas outras, eficaz face à provocação e à agressão. O muro acaba por ser apenas mais uma solução clara e simples de um povo que, efectivamente, fala claro, toma as decisões e avança sem hesitar.

O PSUA, a vanguarda organizada da classe operária e dos trabalhadores alemães, faz o desespero dos «comentadores» ocidentais, procurando sem cessar os indícios das dificuldades não reveladas, os «elementos indicativos» de crises internas, as questões que possam servir as especulações e a divisão do campo socialista.

O relatório apresentado na abertura do IX Congresso pelo camarada Erich Honecker é mais um documento na linha firme dos comunistas alemães.

As dificuldades não são «indicadas»: são apontadas com clareza, enquadradas em termos de soluções: a coesão interna do partido é uma realidade igualmente cristalina, a sua fidelidade sem limites ao marxismo-leninismo e ao internacionalismo proletário



O IX Congresso do PSUA vai reflectir as grandes realizações da RDA em todos os campos da vida económica, social e cultural ao serviço de todo o povo.

cento na produção de maquinaria agrícola, de 80 por cento no fabrico de computadores e tantos outros, não se limitam a ser diferentes dos que encontramos nos países capitalistas apenas pelo facto de nestes jamais serem atingidos. Eles reflectem uma realidade completamente diferente, reflectem o fabrico de fibras que têm vestido milhões e milhões de pessoas a preços sem alterações há dez anos, o fabrico de máquinas que rasgam e

fazem florescer a terra, propriedade do povo e produzindo para o povo, a criação de computadores de que operários e camponeses necessitam para administrarem um país que conquistaram e construíram.

São números sobre números. Os que trazem a notícia de que 82 por cento das crianças da RDA frequentam jardins de infância, os que anunciam que em 1975 se construíram 263 habitações por dia e que por elas um

trabalhador paga um aluguer que não excede em média 2,8 por cento do seu salário. Os que revelam estar próxima a existência de um médico para cada 500 habitantes, os que informam que em 1975 mais de 11,5 milhões de cidadãos da RDA foram ao teatro.

É o quadro de uma realidade que o IX Congresso do PSUA irá estudar para criar as bases de novos passos em frente. Com o rigor desta

linguagem de números, com a firmeza da fidelidade ao marxismo-leninismo.

O camarada Erich Honecker abriu os trabalhos do Congresso com as palavras claras que a RDA usa. A seu lado representantes dos partidos irmãos de todo o mundo.

As palavras claras do IX Congresso do Partido Socialista da Alemanha são ditas na linguagem em que pela primeira vez se escreveu: proletários de todos os países, uni-vos!

DISCURSO DO CAMARADA HONECKER

«Apesar do imperialismo continuar a ser um inimigo perigoso, o desenvolvimento democrático mundial confirma que ele perdeu para sempre a posição predominante»

Na sessão de abertura do IX Congresso do Partido Socialista Unificado da Alemanha, o camarada Erich Honecker, secretário-geral do Partido, declarou que a estabilidade e a dinâmica do sistema socialista mundial, em estreita unidade de acção com o movimento operário internacional, determinam cada vez mais o rumo dos acontecimentos no Mundo.

«Apesar do imperialismo continuar a ser um inimigo perigoso, o desenvolvimento democrático mundial confirma que ele perdeu para sempre a posição predominante, que anteriormente ocupava no panorama político internacional», sublinhou o camarada Erich Honecker, tendo mais adiante considerado o combate anti-imperialista encaetado pelos povos da Ásia, da África e da América Latina, como uma poderosa ajuda na luta internacional contra a opressão e o imperialismo. Neste contexto, apontou os casos da Guiné-Bissau, Cabo Verde, Angola e Moçambique, países agora soberanos, como exemplos da resistência heróica dos povos africanos.

O IX Congresso do PSUA, que irá decorrer até ao próximo dia 22 na capital da República Democrática Alemã, Berlim, adoptará

entre outras medidas, o novo programa do Partido, os estatutos e as orientações fundamentais para o desenvolvimento económico da RDA até 1980. Será, igualmente, eleito o novo Comité Central.

UMA POLÍTICA DE PAZ E DE PROGRESSO SOCIAL

Detendo-se em particular nos aspectos que enquadram a política de paz e de coexistência pacífica entre todos os povos, o secretário-geral do PSUA salientou que a RDA tudo fará para evitar uma guerra nuclear. «A manutenção da paz — frisou — é tão necessária para a humanidade como o pão de cada dia».

O camarada Erich Honecker assinalou, ainda, que a estreita cooperação entre os países membros do Conselho de Ajuda Mútua Económica abre novas possibilidades para o aumento do potencial económico da Comunidade.

A zona da Europa integrada no CAME (países socialistas), representa hoje «a região económica mais dinâmica do globo e possui as mais elevadas percenta-

gens nos índices da economia».

Para conservar a paz mundial e diminuir gradualmente o perigo da confrontação, a RDA prestará também no futuro uma atenção saliente ao fortalecimento do Tratado de Varsóvia, organização política e de defesa conjunta.

O camarada Honecker sublinhou que o movimento comunista internacional tem hoje a desempenhar novas e grandes tarefas na luta contra o imperialismo, pela paz mundial, a democracia e o socialismo.

O ANTI-SOVIETISMO

«Como o inimigo de classe dos trabalhadores se organiza à escala internacional, o movimento operário revolucionário só pode alcançar as suas metas se actuar, em unidade, para lá das fronteiras e dos continentes. O fortalecimento do movimento comunista continua a ser uma tarefa constante para o proletariado de todo o mundo» — frisou o secretário-geral do PSUA.

O maoísmo, política contra-revolucionária que despreza inteiramente os princípios mais elementares do internacionalismo proletário e da luta anti-

imperialista, foi assim analisada pelo camarada Erich Honecker: «O maoísmo passou abertamente para a posição de anti-sovietismo e para a colaboração directa com a ala mais reaccionária do capital monopolista internacional. Esta atitude também se expressa numa crescente hostilidade ao primeiro Estado Socialista Alemão, aos operários e aos camponeses. O curso chauvinista de grande potência e o anti-sovietismo seguido por Pequim está a lesar os interesses da paz e do socialismo».

«Uma exigência da actualidade, pela qual o PSUA também se guia na preparação da conferência dos partidos comunistas da Europa, consiste em fixar as metas comuns na nova etapa e dar novos impulsos à luta pela paz e o progresso em todo o mundo, através de acções conjuntas», observou ainda o secretário-geral do PSUA.

Entre os delegados dos partidos irmãos presentes no Congresso do PSUA encontram-se os camaradas Joaquim Gomes, membro do Secretariado e da Comissão Política, e Francisco Miguel, do CC. A delegação da União Soviética é chefiada pelo camarada Mikail Suslov.

SAUDAÇÃO DO CC DO PCP AO COMITÉ CENTRAL DO PSUA

Queridos Camaradas:

Por ocasião do IX Congresso do vosso Partido, o Comité Central do Partido Comunista Português saúda-vos calorosa e fraternalmente, assim como aos congressistas e a todos os membros do Partido, à classe operária e ao povo trabalhador da República Democrática Alemã.

Saudamos os êxitos obtidos na prossecução dos objectivos visados pelo VIII Congresso do PSUA para o último quinquénio, plenamente atingidos e, em domínios importantes, ultrapassados. Esses êxitos representam importantes passos dados no caminho da construção da sociedade socialista desenvolvida e traduzem-se concretamente na elevação do nível material e cultural de vida do povo. A autoridade crescente do Estado socialista alemão na arena internacional e o seu papel na comunidade dos países socialistas são o resultado da política justa definida pelo Partido Socialista Unificado da Alemanha, fiel aos princípios do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário. Na fronteira do mundo capitalista, que se debate em profunda crise, a República Democrática Alemã é o exemplo vivo e concreto das vantagens do sistema socialista, das conquistas do socialismo, das grandes perspectivas que se abrem à Humanidade com o fim da exploração do homem pelo homem.

Camaradas: A Revolução portuguesa tem-se desenvolvido num processo complexo e contraditório, através do qual grandes conquistas foram já alcançadas pelo nosso povo. Com as nacionalizações e o controlo operário, golpes decisivos foram dados no poder dos monopólios. A Reforma Agrária na zona do latifúndio é uma realidade que cobre cerca de 1/5 da superfície agrícola do país. Pôs-se fim à guerra e foi liquidada a opressão colonial. Desenvolveu-se um poderoso movimento operário e popular. Conquistaram-se as liberdades e institucionalizou-se um regime democrático. A nova Constituição portuguesa consagra as conquistas democráticas e revolucionárias e aponta a perspectiva do socialismo.

Os resultados nas últimas eleições demonstram o reforço da influência do Partido e comprovam a importância do seu papel na vida política portuguesa. Apesar das restrições ao exercício das liberdades e da sua liquidação em vastas regiões do Continente e das Ilhas Adjacentes, apesar da feroz campanha anticomunista, o PCP foi o único Partido do governo que aumentou o número de votos e o número de deputados. A votação massiva que o nosso Partido obteve nas zonas industriais e no Alentejo comprovou o apoio de vastas camadas de trabalhadores às nacionalizações e à Reforma Agrária.

Impediu-se uma maioria de direita e travou-se o avanço da reacção. Criaram-se melhores condições para a defesa das conquistas democráticas e revolucionárias. Reanimaram-se forças progressistas, civis e militares, desenvolveu-se a tendência unitária em vastos sectores do Partido Socialista.

O voto popular criou condições para a formação de uma maioria de esquerda e de um governo de esquerda, com comunistas e socialistas. A existência e manutenção da aliança do povo e dos militares fiéis ao espírito do 25 de Abril, confirma as perspectivas do desenvolvimento e avanço do processo democrático.

Neste contexto, o PCP luta por uma unidade das forças de esquerda — PCP, PS e outras forças políticas civis e militares — capaz de tornar mais coeso e ampliar o bloco social de apoio à Revolução e de consolidar as conquistas já alcançadas. Só um tal governo estará em condições de resolver os grandes problemas nacionais e de construir em Portugal um regime democrático, rumo ao socialismo.

Queridos Camaradas: Queremos aproveitar esta ocasião para agradecer, com profunda emoção, a solidariedade do Partido Socialista Unificado da Alemanha, dos trabalhadores e do povo da República Democrática Alemã, à Revolução portuguesa. O vosso apoio à luta dos comunistas, dos democratas e antifascistas portugueses, é prova de elevado espírito internacionalista e constitui uma ajuda da mais alta importância e um extraordinário incentivo para a nossa própria luta.

Pela nossa parte, queremos reafirmar-vos a nossa indefectível solidariedade e o alto apreço dos comunistas portugueses pelos êxitos por vós alcançados na edificação da sociedade socialista desenvolvida e na criação de condições para a passagem progressiva ao comunismo. Estamos certos de interpretar os sentimentos da classe operária e dos trabalhadores portugueses, ao assegurar-vos que consideramos os vossos êxitos como uma importante contribuição para o avanço da nossa própria luta.

Profundos laços de solidariedade fraternal unem desde há muito os nossos dois Partidos. Estamos certos, queridos camaradas, de que esses laços se reforçarão ainda mais, na base do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário e de que a amizade crescente entre Portugal e a República Democrática Alemã se desenvolverá em novos e múltiplos aspectos, no interesse comum dos nossos dois povos.

O Comité Central
do Partido Comunista Português